

BOLETIM DA COMISSÃO
7 CATARINENSE DE -96
96

FOLCLORE



PATROCÍNIO

BESC *Clube*

SEGUROS

A Segurança da Nossa Gente.

Pede-se permuta
Pidesse canje
We ask exvhanger
Sirichiede lo scambio
On démande l"échange
Man bitet um Austansech
Oni petas intersangon

Comissão do Boletim

Editor e Diretor: Doralécio Soares
Nereu do Vale Pereira - Secretário

Capa: Vicente Mariano

Fotolito: Nery Silva

Endereço para correspondência: Rua Júlio Moura, 146 - 1º andar
88020-150

Florianópolis - Santa Catarina - Brasil

BIBLIOTECA PÚBLICA / SC
SETOR SANTA CATARINA

Clas.: _____

Reg.: 043

Data: 15/07/98

BOLETIM DA COMISSÃO
CATARINENSE DE
FOLCLORE

NOSSA CAPA

BOI BUMBÁ

Manaus-AM

Representando o folclore amazonense, buscando aspectos da beleza natural e do exotismo da região, o grupo difunde a cultura cabocla e indígena, seus costumes, suas tradições, seu imaginário.

O Boi Bumbá, manifestação tradicional da cidade de Paratins (localizada no alto do Rio Amazonas), promove no mês de junho, um fantástico festival de cores, música e beleza, abordando nos enredos “todas de boi”, coreografia com danças indígenas, reunindo os personagens pagé, cunha-poranga, catirina, o caçador e grandiosas alegorias, acompanhadas sob o ritmo dos tambores.

18 pessoas encenaram a apresentação.

SUMÁRIO

Na presente edição apresentamos os trabalhos relacionados, que por sua importância recomendamos.

- EDITORIAL - Doralécio Soares
- MANIFESTAÇÃO DA CULTURA POPULAR DE SANTO ANTONIO DE LISBOA - Doralécio Soares
- FOTOS ENGENHO DE FARINHA - Dylton do Vale Pereira
- LAÉLIA PURPURATA - A FLOR SÍMBOLO DE SANTA CATARINA - Nereu do Vale Pereira
- SÃO FRANCISCO DO SUL - Sônia Maria Copp
- TERNO DE REIS - Almir Martins
- O COZIDO - ANOTAÇÕES ETNOGRÁFICAS - Nereu do Vale Pereira.
- 1º ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE COMUNIDADES LUSO-AÇORIANAS -
- AÇOR - Festa da Cultura Açoriana - Imbituba Terra dos Açores.
- HERANÇA FOSSARI pode virar Centro Cultural.
- ENCONTRO NACIONAL DO FOLCLORE
- BOIS EM FARRA - Fundação Franklin Cascaes (fotos).
- Fundação Franklin Cascaes promove EXPOSIÇÃO DE BOIS EM FARRA.
- BRINCADEIRA DE BOIS - Marion Aseff, Cássia Frade.
- Santo Amaro revive a FESTA DO DIVINO.
- São Bento veste trajes típicos para TRACHTENFEST.

Ano - XXXII
Núm. 48
Dez. 1996

ÍNDICE

Nossa Capa	2
Sumário	3
Índice	4-5
Editorial: Doralécio Soares	6
Manifestação da Cultura Popular de Santo Antônio de Lisboa. Doralécio Soares	7
Fotos Engenho de Farinha: Dylton do Vale Pereira	17
Laélia Purpura a Flor Símbolo de Santa Catarina - Nereu do Vale Pereira	31
São Francisco do Sul - Sônia Maria Copp	33
O Cozido - Anotações Etnográficas - Nereu do Vale Pereira	42
Herança Fossari, Pode Virar Centro Cultural	43
Primeiro Encontro Sul Brasileiro de Comunidades Luso Açorianas	48
Açor - Festa da Cultura Açoriana-Imbituba Terra dos Açores	54
Terno de Reis - Almir Martins	56
Encontro Nacional de Folclore - O Estado	62
Fundação Franklin Cascaes Promove Exposição de Bois em Farra - O Estado	63
Bois em Farra - Fundação Franklin Cascais (fotos)	65
Brincadeira de Bois, Marion Aseff - Cáscia Frade	77
Santo Amaro revive a Festa do Divino, O Estado	82
São Bento do Sul veste trajes típicos para Trachtenfest - Jornal A Notícia	83
Dircéa Binder em São Francisco do Sul	85
VIII Congresso Brasileiro de Floclore	88
Resgatando o Tradicional Artesanato Brasileiro das Rendas de Bairo-Lages	97
Grupo de Arte e Cultura Xucra da Ilha	98
2º Seminário Nacional Sobre Ações Integradas de Folclore - Campinas, SP.	100
Solidão, Velhice e Folclore - Mário Souto Maior	103
Influência Húngara em Jaraguá do Sul - A Notícia	108
XXI Festa do Folclore "Colégio São Luís" - Recife	111
Os Escravos - Padre Antônio Vieira	116
Os Negros - João Babiço	116
Chocareiros e Truanices - José Carlos Rossato	117
Noticiário Cultural	120

EDITORIAL

Com o apoio do BESC-SEGUROS, aqui estamos com a edição nº 48-XXXII, referente ao ano de 1996

Muito embora a Comissão Catarinense do Livro COCALI, não tenha atendido a solicitação desta Comissão de Folclore, alegando que a COCALI não permite a edição de periódicos (“no caso revistas, jornais, boletins, etc.”), não seja por isso que deixaremos de editar o Boletim desta Comissão.

Diante do impasse ocorrido, recorreremos ao Governo do Estado, através do BESC Seguros e obtivemos o merecido apoio.

A tal Comissão reconhece a importância do Boletim desta Comissão, no seu dizer como veículo de informação e pesquisa folclórica catarinense, recomendando a sua aquisição após impresso,

Nos sentimos desprestigiados, visto que esta Comissão integra o Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura - IBCEC da UNESCO, como integrante da Comissão Nacional de Folclore. Assim sendo, a nosso ver, a COCALI desconhece o trabalho que a Comissão Catarinense de Folclore, desenvolve na área do Folclore no Estado e no Brasil, destacando-se alguns países no exterior, notadamente Portugal. O Boletim desta Comissão é uma publicação de destaque cultural no Estado de Santa Catarina e além fronteiras. Continuaremos presentes nas Bibliotecas e Escolas de nível superior em Santa Catarina e em outros Estados da Federação Brasileira, graças ao apoio do BESC SEGUROS.

MANIFESTAÇÕES DA CULTURA POPULAR EM SANTO ANTÔNIO DE LISBOA

Doralécio Soares

1. Festa do Divino Espírito Santo

A festa do Divino Espírito Santo, do distrito de Santo Antônio de Lisboa, é uma das mais autênticas, pomposas e concorridas da Ilha de Santa Catarina.

Obedecendo seus rituais solenes, se apresenta desde a saída da Casa do Império do Espírito Santo, conduzido pela comitiva do Imperador e Imperatriz, com o cortejo do Império, composto de Príncipe e Princesa, com seus pagens e damas da côrte. As bandeiras das Confrarias, conduzidas pelas madrinhas, dão colorido e beleza a todo trajeto.

A comitiva prossegue nas suas várias fases do ritual, para a coroação dos novos Imperadores, que serão Juizes do ano seguinte.

O ritual tem fases diurnas e noturnas e finaliza com a celebração da Santa Missa e a pregação do pároco. Consta ainda da solenidade, o benzimento das massas, oriundas das promessas dos fiéis, representadas por membros do corpo humano doente, em louvor à graça obtida.



A festa termina num domingo com os leilões nas barraquinhas, realizados até altas horas da noite, finalizando o festejo com a queima dos fogos de artifícios.

Assim é a Festa do Divino Espírito Santo na Freguesia de Santo Antônio de Lisboa, realizada sempre no decorrer do mês de setembro.



2. Hábitos e Costumes

Com o propósito de pesquisar aspectos da Cultura Popular do Distrito, visitamos o Sr. Alcebíades Pereira Machado, com 89 anos de idade, isso em 1992, residindo na Vila Santo Antônio de Lisboa, desde 1950. Nascido em Canasvieiras e criado em Cacupé, localidade do Distrito, onde casou, após se transferindo para a Sede.

Indagado sobre as crendices do lugar, disse que o povo de antigamente dava muita importância a isso, citando o nome de várias pessoas já falecidas, entre elas o Padre Serpa, homeopata, a quem o povo recorria para tratamento de suas doenças.

Era costume do povo também recorrer aos chás e às benzeduras, quando acometidos de “zipra” (Irizipelas). E assim a “marcela galega”, sabugueiro, cidreira, capim-santo e outras, que eram muito usadas.

COMIDA - A comida daqui sempre foi à base do que se retirava do mar; para o povo antigo o peixe havia com fartura. Quase não havia carne. Para se comer uma galinha, era preciso haver doença em casa, ou mulher com família nova, caso contrário não se matava galinha nenhuma.

A comida era somente peixe preparado de todas as maneiras: frito, assado e em caldo. Se fazia aquela sopa que nós chamávamos de “caldo de peixe” e que os portugueses chamam de “água de peixe”. Se comia peixe assado e desfiado. Isso era comum na casa de minha mãe, onde o peixe era escalado e depois desfiado para se comer com batatas. Dizia um trabalhador de meu pai, que gostava de trabalhar na casa de seu Pereira, porque todos os dias tinha “bacalhauzinho”. O que ele chamava de bacalhauzinho, era a corvina seca, o bagre ou a pescadinha desfiada.

LAVOURA: Disse que antigamente se produzia muita farinha de mandioca. Isso era a força produtiva de Cacupé e Sambaqui.

RENDAS: Havia muitas rendeiras. Para a mulher havia duas profissões: apanhar café nas chácaras dos outros ou fazer rendas. Havia uma família de seis filhas. Todas faziam rendas. Era uma beleza ver-se as seis trabalhando as almofadas. O café havia com abundância. Era o café sombreado, quase nativo. Se colhia para o gasto e para vender, pois naquela época a saca custava de 14 à 15 mil réis. No seu tempo duas caixas de fósforos custavam um tostão. Uma garrafa de cachaça custava no engenho, quatro vinténs.

O Sr. Alcebíades tem oito filhos, dezessete netos e oito bisnetos.

Na sua conversa, falou de muitas pessoas já falecidas e do serviço de fiscalização aduaneira em Sambaqui, onde trabalhou mais de vinte anos como patrão da guarnição de fiscalização dos navios estrangeiros que aportavam na barra, trazendo mercadorias para o comércio e para a firma Hoepcke. Se deixava no vapor um guarda, até a chegada do fiscal da Alfândega, que fazia a vistoria das cargas. Os navios traziam todo o tipo de mercadorias como, tintas, óleos, ferragens, cabos, etc., principalmente os que vinham da Alemanha. Do posto da Barra do Sambaqui, se levavam guardas para todos os navios estrangeiros que aqui aportavam, até navios japoneses, desde que trouxessem carga para Florianópolis. Quanto aos de cabotagem nacional, esses eram livres, com entrada franca. Os pequenos navios entravam pelo canal até os trapiches na cidade, onde descarregavam as mercadorias.

3. Benzeduras, Medicina Popular e Bruxas

Dona Maria de Nico Peres, Mariazinha como é mais conhecida, 78 anos (-1993), mora em Sambaqui. É benzedeira de mau-olhado e de outras doenças. Para ela curar as doenças dos outros com benzeduras, é uma graça dada por Deus. “Ninguém me ensinou, sou católica, não chamo nomes feios. Faça tudo com calma e paciência”.

Diz que toda pessoa que está desanimada, sem vontade de fazer nada, com dor de cabeça, sono, aborrecida, sem ânimo para o serviço, está de “mau olhado”.

A benzedura que ela faz: Te benzo em nome de Deus e da Virgem Maria Santíssima, em intenção dos Anjos da Guarda, quebranto a quebranto, que entrou com febre, frio, entrou com dor de cabeça, dor de abrir a boca, dor no corpo, dor nos braços, nas pernas, muita mortidão, dor por entre as carnes, no sangue.

Aborrecimento, calor nervoso, falta de apetite, febre, maldade e emprezação. Com dois emprezo, com três emprezo. Sai-te febre, sai-te olhos grandes, sai-te olhos queimadores, sai-te olhos quebrantadores. E os olhos que te olhou, e a boca gravou, coração lhe adorou, em nome do Pai e da Virgem Maria, do Espírito Santo, Amém. Te benzo em nome de Deus, do Espírito Santo e da Virgem Maria, Amém.

Oh, Virgem Maria, com seu manto santo, com Jesus, venha lhe visitar, lhe guardar nas horas do dia, do meu dia, contra os maus olhados, os quebrantos, as maldades, bote nas ondas do mar e nas areias sem fim, que não veja o galo cantar, nem os cães ladrar e nem ninguém batizar que por lá passou.

Creio em Deus Pai, todo poderoso, criador do céu e da terra. Creio em Jesus Filho que está sentado à mão direita, que irá julgar no dia dos mortos, na ressurreição da carne, na vida eterna, Amém.

Te benzi mas é Deus que te cura, em nome do Senhor todo poderoso e da Virgem Maria, Amém.

Outras benzeduras que dona Mariazinha faz:

ZIPRA: Pedro Paulo foi à Roma e na volta encontrou com Jesus Cristo e Jesus lhe perguntou: - Que encontrasse lá? Encontrei zipra, zipelão e muita febre. Pedro Paulo, volta lá e diz como é que se cura. E como é que se cura, Senhor? É com lã de ovelha virgem, óleo de amêndoa doce, em nome da Virgem Maria, Amém. Se benze três vezes a pessoa, se repetindo a oração.

A Zipra quando dá, dá na carne, dá na pele, dá no osso, dá no tutano e dá no sangue. Como se cura, Senhor? É com lã da ovelha preta, com três ramos de oliveira, em nome de Deus e da Virgem Maria, Amém.

ÍNGUA: - Eu corto, não fica nenhuma, em nome de Deus e da Virgem Maria, Amém. Benzo três vezes a pessoa que está doente e repete: - Que corto? É íngua, de íngua eu corto. De 4 a 3 a nenhuma, de 6 a 5 a nenhuma. Íngua eu corto em nome de Deus e da Virgem Maria, Amém. Íngua eu corto de 7 a 6 e de 6 íngua, eu corto e não fica nenhuma, em nome de Deus e da Virgem Maria, Amém. Íngua eu corto de 8 a 9, de 9 a nenhuma, em nome de Deus e da Virgem Maria, Amém. Isto é feito para diminuir a íngua.

COBREIRO: - Santo André, Santo Andrino, com cobreiro eu curo, com um ramo de funcho e água, e o nome de Deus e da Virgem Maria. Se repete três vezes sobre a pessoa que está com o cobreiro.

Benzo de côbro e de fogo selvagem, benzo de fígado brabo, benzo de côbro de formiga, benzo de sapo, benzo de pique, benzo de aranha, benzo de côbro de cobra, benzo de côbro de calor de fígado.

Eu curarei o cõbro com água do monte e pó da bia, eu curarei em nome de Deus e da Virgem Maria, Amém.

SAPINHO DA BOCA: - Quem percebeu, eu vou cortar essa porcaria da boca que esta criança tem. Sapo eu corto de 9 a 8, de 8 a 7, de 7 a 6, de 6 a 5, de 5 a 4, de 4 a 3, de 3 a 2, de 2 a 1 e de 1 a nenhum. Sapo eu corto em nome de Deus e da Virgem Maria. Amém.

Uma das ervas recomendada por dona Mariazinha para remédio, é a Palma Crespa, “que temos aqui em Sambaqui. É uma erva santa. Três galhinhos dessa erva crespa colocada em meia garrafa de cachaça em efusão, é um santo remédio. Pode tomar uma colher e esfregar no lugar doente. A naftalina também, dissolvida na cachaça ou no álcool, também cura qualquer dor de reumatismo. A losna também é muito usada”.

Sobre Bruxas, conta dona Mariazinha, que antigamente elas vinham chupar o sangue das crianças no berço. Vinha do telhado uma fitinha vermelha ou cor de rosa, e à noite as bruxas passavam pela telha e desciam guiadas pela fita e iam diretas no berço onde estava a criança.

Relembra uma história narrada pelo seu sogro que morreu muito velho. Ele vivia da pesca e de fazer redes. Contava que uma senhora tinha um menino, que da quinta prá sexta, não podia dormir. O pai do menino, muito ladino disse à mulher: - olha, eu vou ver o que é isso nesta criança. Ele está gordinho, bem criado, não sente nada, e das onze prá meia-noite começa a chorar. Isso é capaz que seja alguma bruxa. E assim fez. Colocou lá a tesoura, e ficou fazendo que dormia, tendo colocado o bercinho na beirada da cama, bem perto dele. E não deu outra. A bruxa entrou e quando se preparava para chupar a criança, ele pegou-a Mas ela deu um jeito e fugiu e nunca mais apareceu.

De outra feita, seu sogro estava num rancho de canoa trabalhando, quando apareceram três bruxas, que de cima das pedras abanavam prá ele. Elas estavam debochando dele e ele disse: - Vocês vão embora prô “fado” de vocês. A cachorrinha dele gania e gania perto da canoa. Aí ele recolheu as redes e os apetrechos da pesca e foi prá casa. Isso tudo aconteceu aqui em Sambaqui. O cunhado dele disse: - Olha, elas não entraram na tua canoa, porque debes ter alguma coisa lá dentro que impediu a entrada delas. Procura daqui e dali, foi quando descobriram gravado num dos remos, o “Sino de São Salomão”.

4. Folguedos e Manifestações de Gosto Popular

Na sede da Associação do Bairro de Sambaqui, onde estivemos à convite se sua presidente, Sra. Maria Ayla Veríssimo Pouchaim, registramos a existência ativa de grupos de Boi-de-Mamão, Pau de Fita, Dança da Ratoeira e Terno de Reis.

Na oportunidade recolhemos versos de Terno de Reis e de Cantiga de Ratoeira. Vejamos:

Terno de Reis

Sáímos a passear, aí...áí...
Pois a noite está tão boa...
Por ser você tão bela pessoa...

Lá no céu tem 7 estrelas...
Todas as 7 aparelhadas
Nossa Senhora no meio
Numa cadeira sentada.

Estou aqui na tua casa
Na beirada do terreiro
Prá tocar esse cantar
Por ser esse o primeiro.

Vimos trazer notícias
Numa noite assinalada
Fazer nossas visitas
Nesta hora tão encantada.

Cantiga da Ratoeira (com alusão às rendas):

O sereno dessa noite
Caiu na folha da palma
O dia que não te vejo
Não faço renda com calma.

Alfinete miudinho
Preguei na minha almofada
O dia que não te vejo
Não como, não faço nada.

Quando passares perto de mim
Não me olhes pelas costas
Que não sou crivo e nem renda
Que se tira pelas amostras.

Outra manifestação da Cultura Popular, é o Pão por Deus, de herança açoriana. Tem expressão correspondente a um pedido, “dádiva”, mas com formas e objetivos diferenciados. O Pão Por Deus sofreu modificações, que se resumem às épocas específicas. Nas ilhas açorianas e no arquipélago da Madeira, os pedidos são entre 1 e 2 de novembro, quando aqui é anterior à novembro; lá são as crianças que pedem pão e guloseimas, etc.; aqui o costume foi modificado, passando aos mais diversos pedidos e mensagens, até mesmo amor...

Enquanto lá, ainda eram os meninos com cantorias infantís ou solicitações simples, aqui, entre os adultos, criaram-se os “Corações” amorosos, em forma de escrita de mensagens simbólicas.

Nos Açores não são conhecidos os corações, existindo, entretanto, o papel recortado à tesoura ou à navalha, manifestação artística que remonta o século XVII.

Segundo registro, “em 1592, ainda era costume na Ilha de São Miguel, o peditório de Pão por Deus, com versinhos de papel, tradição arraigada, entre os distribuidores de jornais, que todos os anos santos, solicitavam uma dádiva aos fregueses e assinantes. Os rapazitos dos jornais compunham algumas quadras e quintilhas, todos os anos por aquela época, e imprimiam em pedaços de jornais, que depois iam deixando pelas várias casas, com o sentido de recolher a oferta do dia seguinte”. Deduzindo-se daí, que essa carinhosa e delicada missiva, transferida para o litoral de Santa Catarina, permanece entre os nossos costumes culturais, não com aquela paixão do passado, mas rememorada quando o momento se apresenta oportuno. Daí as quadras que apresentamos no peditório ao Ministro Celso Furtado, pelos membros da Associação do Bairro de Sambaqui, reivindicando o velho casarão do antigo Posto da Alfândega, para sua sede social. Diz:

“Lá vai nosso coração
Já que não podemos ir
Ao Sr. Celso Furtado
Pão por Deus lhe pedir.

Lá vai nosso Pão por Deus
Nas asas de um avião
Pedir ao Senhor Ministro
Toda a sua atenção.

Queremos que nos empreste
Aquele velho casarão
É o melhor Pão por Deus
Que sairá de suas mãos.

É a antiga casa da Alfândega
Hoje toda fechada
Queremos para guardar
O nosso Boi de Mamão.

A roupa da "Ratoeira"
É o Pai de Fita também
Feito com tanto carinho
Por alguém que nos convém.

Senhor Ministro depressa
Diga que nós poderemos
Ir ocupar correndo
O lugar que queremos.

As crianças e os jovens
Precisam daquilo lá
Para a nossa cultura
Se poder preservar.

Estudantes, velhos e moços
Deste pequeno lugar
Vasculharam o passado
Da Cultura Popular.

Boi de Mamão e Ratoeira
E o Pau de Fitas, então
Na noite que nós saímos
Foi a maior sensação.

Foi o Chico da Maria
Tocando seu violão
Ele nos ensinou
Aquela velha canção.

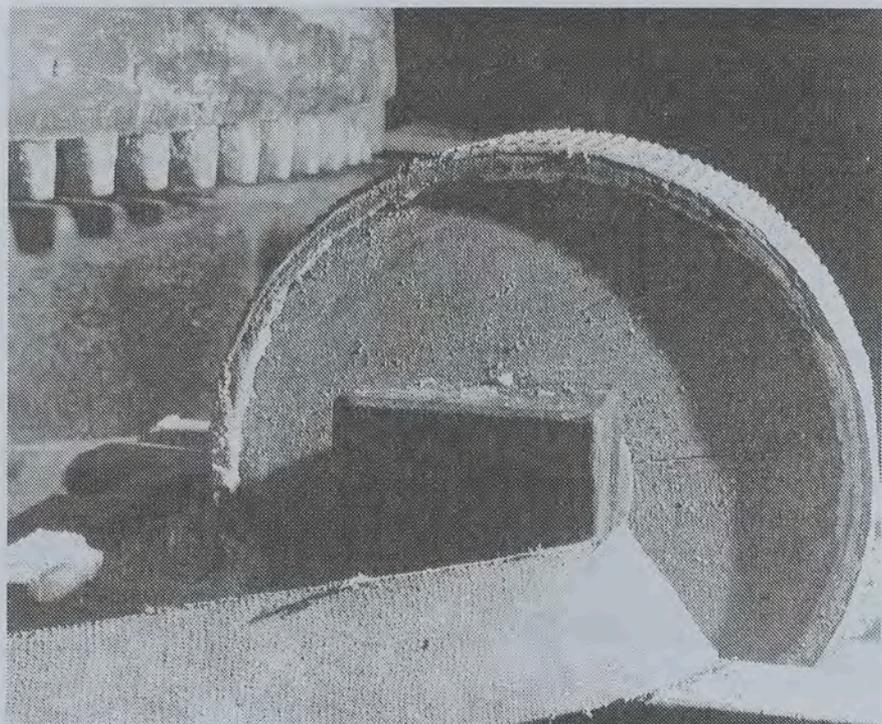


- I - CASA DO ENGENHO -

Construção rústica de tijolos maciços, não rebocados. Aberturas com marcos simples com folhas em tábuas, sem qualquer luz ou ventilação, quando fechadas. Cobertura com telhas goivas. O piso é de chão batido com trilho recoberto de palha em torno do “engenho”, formando a trajetória do boi, o que além de proteger os pés do animal e facilitar a limpeza, evita o levantamento do pó.

Esta casa está relativamente modernizada em relação ao que conhecemos no passado (há cerca de 50 anos), quando víamos as paredes em estuque, aberturas ainda mais rústicas e, eventualmente, cobertura de palha.

(1705)



II - CONJUNTO DO ENGENHO (FRENTE) -

O conjunto revela técnicas artesanais relativamente apuradas. As engrenagens são de madeira, exatas e bem moduladas apesar do material ser simples e sem acabamento rebuscados, porém capazes de perfeito funcionamento.

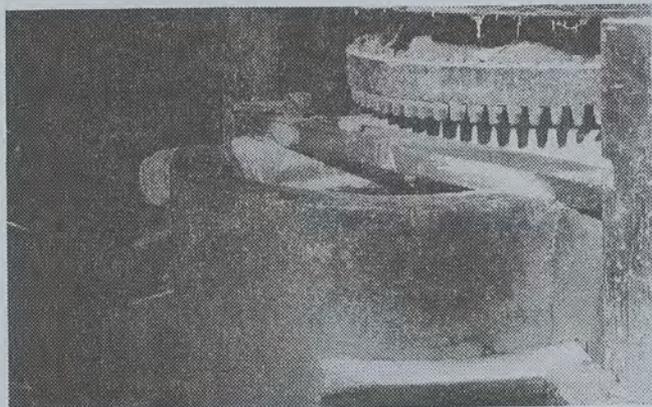
É uma característica a ausência de peças metálicas na montagem feita com pinos, cavilhas e cunhas. O metal só está presente no tacho do forno, na lâmina da sevadeira e, eventualmente em braçadeiras.

(1504)

- III - CONJUNTO DO ENGENHO (FORNO) -

Fornalha apagada. O conjunto está em repouso. O pinhão que engrenado à roda grande, faz girar as pás do abanador da massa, está fora de seu encaixe trapezoidal.

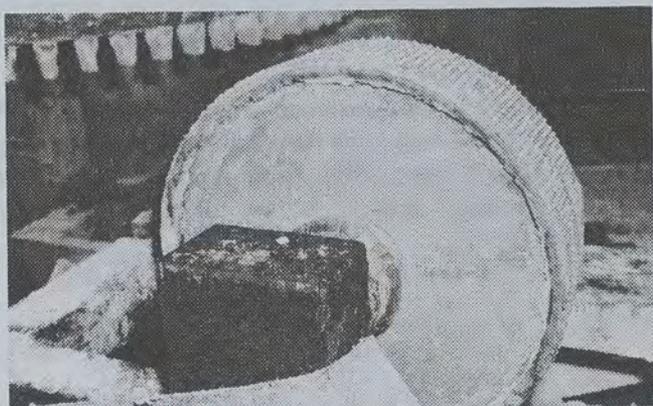
(1505)

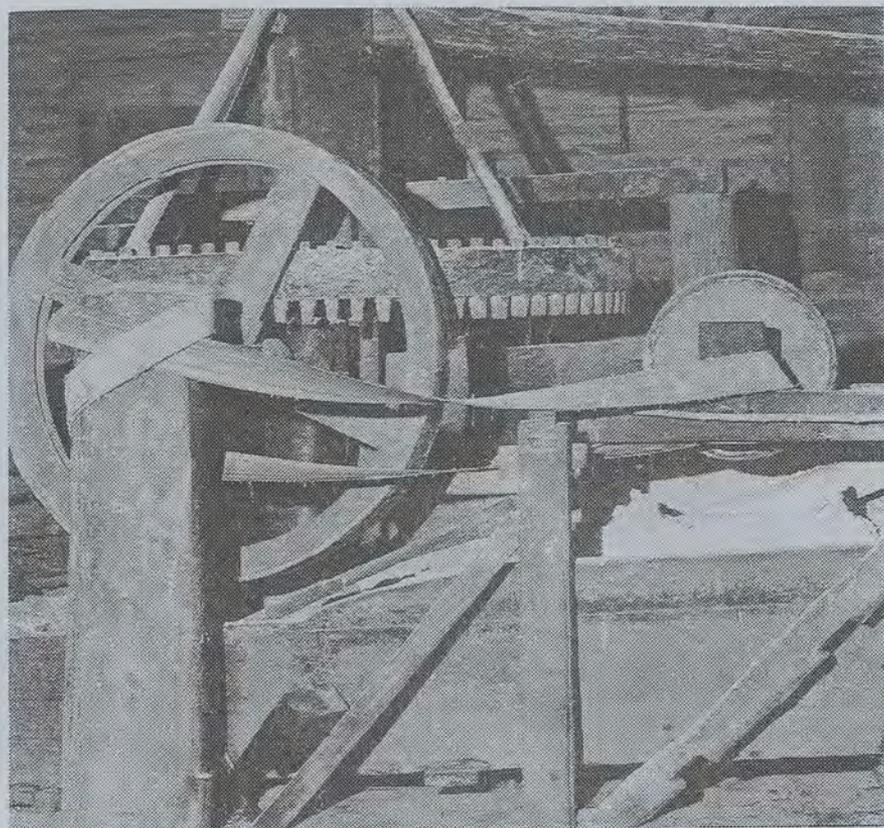


- IV - SEVADEIRA "A" -

A roda de sevar (caititu ou rodete) é recoberta por lâmina metálica em forma de ralador. Neste a lâmina é de latão.

(1702)





- V - SEVADEIRA "B" -

A sevadeira aqui é impulsionada por polia com correia de tecido industrializado. Parece-nos, também, uma modernização, pois em tempos mais remotos, este material não seria de fácil aquisição. Os sistemas mais antigos certamente utilizariam o couro. Possivelmente o movimento seria todo através de engrenagens. A modernização, dá sem dúvida, maior velocidade à sevadeira.

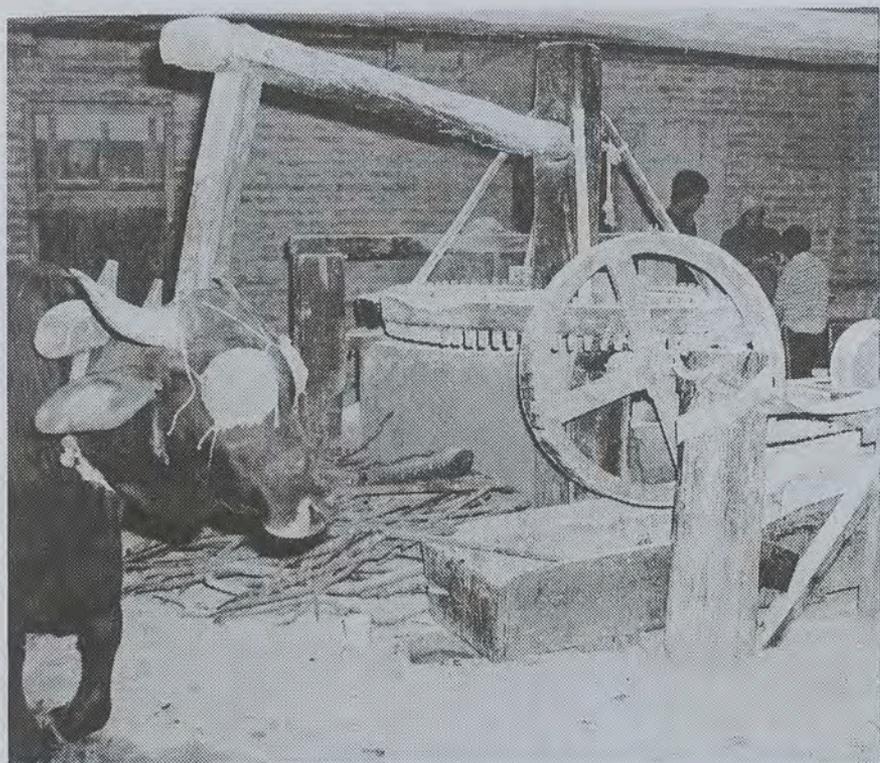
(1509)



VI - MUTIRÃO DA RASPA -

O trabalho no engenho é caracteristicamente um mutirão. Na tarefa primeira - o preparo das raízes pela limpeza e raspagem da casca - tem o momento de maior participação, inclusive de crianças. As raízes amontoadas ao canto, da parede, os trajés das pessoas, os cestos de taquara e cipó, fazem uma imagem do século passado, apenas perturbada pela perna da visitante (ao alto à direita).

(1234)



- VII - O BOI ENCANGADO -

O boi é a força motriz do engenho. Preso à canga, olhos vendados, caminha ao infinito, em círculos, fazendo operar o conjunto.

No momento a correia da sevadeira está fora de posição.

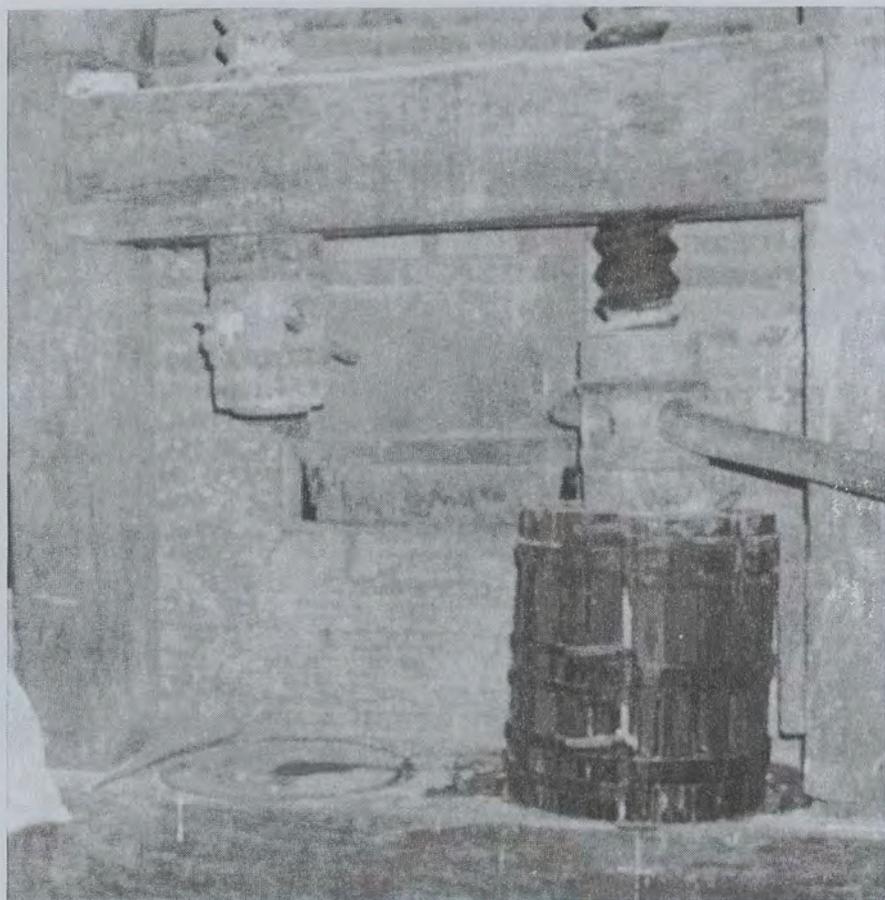
(1712)

- VIII - SEVANDO A MANDIOCA -

Sevar a mandioca, reduzi-la a pasta após a limpeza. A sevadeira é protegida por cobertura para evitar que a força centrífuga espalhe a massa. A expressão do operador, parece indicar experiência que dispensa maiores cuidados no desempenho que, certamente, envolve risco.

O cocho que recebe a massa é dimensionado para avaliar o volume que vai à prensa para a eliminação de líquidos que são, inclusive, venenosos. Qual seria a utilidade do martelo ao alcance do operador (1919)





- IX - CONJUNTO DA PRENSA -

Tanto quanto nos lembramos, sempre encontramos o mesmo tipo de prensa, um conjunto de dois fusos e canaletas de captação do líquido expulso da massa, entalhadas no cepo da base. O sistema operacional mais antigo talvez justificasse a duplicidade.

Neste engenho vimos apenas um fuso acompanhando satisfatoriamente o ritmo da produção.

(1703)



- X - A PRENSA EM DETALHE -

Neste engenho a massa está sendo prensada contida em um saco tecido de fibras de material plástico, dentro de um recipiente de aduelas, articulado. O sistema certamente comporta maior carga e maior pressão que o uso das cestas de palha (tipiti), resultando em maior produtividade. (1704)



- XI - O BOI E O FORNO -

O forno está aceso. A massa fumegando. A energia do boi faz girar as pás do abanador, no tacho. Não faltam os curiosos e os acomodados... ou cansados. A cuia que remove a farinha já está seca, encobre a visão do pinhão do abanador. Podemos observar detalhes da canga, pinos e encaixes da montagem.

(1711)



XII - FORNEANDO "A"-

Controlando a farinha ao forno, a proprietária do engenho. Mãos grossas do trabalho, roupas enfarinhadas, a alegria, a satisfação, o sentimento de realização, estão estampados no seu rosto. A farinha está quase pronta. (1715)



- XIII - FORNEANDO "B" -

Aqui estão bem visíveis as características da montagem do eixo e do pinhão do abanador, conjunto que é removido quando o forno não está aceso. O fato de o operador estar fumando, parece denotar um menor cuidado quanto à qualidade final do produto, fator que deve estar influenciando na retração do consumo da farinha de mandioca.

(1719)



- XIV - PENEIRANDO -

Até final da produção, a peneira elimina as impurezas e grumos, apurando a qualidade e a apresentação da farinha. O cocho em que cai a farinha peneirada, é medida de volume de produção e corresponde à carga de um saco. Farinha, em sacos, vai para o paiol - porta ao lado da operadora - onde será rateada pelos participantes do mutirão, em proporções acertadas em relação às raízes fornecidas - às vezes produzidas em roças de regime participativo - ao trabalho efetuado e à cota do proprietário do engenho.

A tarefa está pronta!

(1721)

A FLOR SÍMBOLO DE SANTA CATARINA

Professor Nereu do Vale Pereira*

Tem sido uma milenar prática social o escolher de uma flor, árvore ou outro marco geofísico, para simbolizar determinadas sociedades ou povos.

Bandeiras de diversos países, incluem na sua composição flores, folhas, árvores e outros signos como representativos do seu caráter nacional. (Ex. Canadá).

Resta, pois muita razão para o Estado de Santa Catarina, e seu povo, contar com uma árvore - IMBUIA (*Ocotea porosa* ou *Phoebe porosa*) - Lei Estadual de 7/12/73 (alterada pela Lei 6.472/84), e uma flor, a "LAELIA PURPURATA", Lei Estadual 6.255, de 2/7/83, como, respectivamente, árvore e flor símbolos do Estado de Santa Catarina, leis que tiveram a iniciativa do Deputado Estadual Aldo Pereira de Andrade, falecido em 1986,

Vejamos as razões que levaram o ilustre Deputado a selecionar, dentre tantas flores que existem em território catarinense, a orquídea "Laelia Purpurata" para simbolizar nosso Estado.

Dentro dos 700 gêneros de famílias orquídiáceas aparecem, aproximadamente, em todo o mundo, perto de 20.000 espécies onde as "Lélias" são consideradas as plantas das mais belas flores que são de grande porte, elegantes, apresentando incontável tonalidades de coloridos que variam desde o albinismo, aos vermelhos púrpura mais escuros. Seu "labelo", com grandes lábios, possuem tonalidade púrpura, donde lhe derivou a denominação "LAELIA PURPURATA". Esta nomenclatura botânica foi-lhe atribuída pelo pesquisador francês, Botânico François Devos, que a encontrou, pela primeira vez, no ano de 1847 (no primeiro centenário do início da colonização açoriana) em suas pesquisas na Ilha de Santa Catarina, mais precisamente no Morro do Ribeirão da Ilha. A "Laelia Purpurata" despertou grande interesse entre os orquídifilos do mundo inteiro, em destaque para ingleses e franceses, que passaram a conhecer e a visitar o litoral catarinense em



As características fitogenéticas da “Laelia Purpurata”, ensejaram o surgimento de um fértil campo de hibridação, especialmente com as “Catleyas”, cujas flores resultantes, “laeliacatleia”, são extremamente grandes, de beleza inigualável, com cores lindas e das mais diversas, enchendo o mercado, a ponto de colocarem de lado a presença das plantas e flores puras.

Por isso tudo, é considerada hoje uma planta raríssima e só encontrada em orquidários de orquidófilos que a defendem e a protegem, inclusive para abastecer os hibridadores. Na mata, em forma nativa, pelo menos na Ilha de Santa Catarina, não são mais encontradas.

Para ser apreciada, a LAELIA PURPURATA pode ser vista em orquidários de todo o Estado, em especial na Universidade Federal de Santa Catarina, no acervo do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha, em exposições de orquídeas, promovidas pelas sociedades de orquidofilia e, particularmente, na Festa Nacional das Flores, que atualmente se realiza em Joinville, no mês de novembro, escolhido por ser justamente a época de floração da Rainha das Orquídeas, símbolo da beleza do caráter da Gente Catarinense.

PRECISAMOS DEFENDER, PROTEGER, MULTIPLICAR E CONSERVAR COM TODO O VIGOR O NOSSO PRINCIPAL SÍMBOLO DE BELEZA.

*Doutor em Ciências Humanas/UFSC - Pesquisador e escritor sobre etnografia catarinense (publicou cinco livros na área) - Filiado ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Comissão Catarinense de Folclore, Instituto Histórico da Ilha Terceira[Açores], Presidente da Fundação Cultural Açoriana, e Fundador do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha. Natural da Ilha de Santa Catarina.

SÃO FRANCISCO DO SUL - SC SÉCULOS DE HISTÓRIA E TRADIÇÃO

Sônia Maria Copp

A histórica cidade de São Francisco do Sul fica situada no extremo norte do litoral de Santa Catarina.

Suas terras foram avistadas no dia 5 de janeiro de 1504, pela expedição francesa, chefiada pelo navegador Binot Paulmier de Gonneville e pela tripulação do veleiro “Espoir”. Em face dos fortes ventos terrais, só

puderam aportar na tarde do dia seguinte. Permaneceram até o dia 3 de julho do mesmo ano.

Conta a história, que na época, o chefe dos indígenas, nativos da ilha, era o cacique AROSCA, cujo filho IÇA-MIRIM (Essomeric), foi levado do Brasil à França, com a promessa de ser devolvido após “vinte luas”. Em 1521, aos 31 anos de idade, desposou Susanne, tornando-se tronco de uma nobre família de franco-carijós.

Da existência e passagem pela história, estes amistosos nativos, deixaram vestígios insofismáveis, ainda hoje intactos: os sambaquis. São encontrados no litoral do município, principalmente nas localidades de Enseada, Praia Grande, Porto do Rei, Linguado e Vila da Glória, no distrito do Saí.

Franceses e espanhóis, em verdade, aqui estiveram, segundo o depoimento da história, antes dos portugueses, mas se algum sinal permaneceu da sua passagem, é ele, hoje, imperceptível.

No que se refere ao patrimônio arquitetônico, São Francisco do Sul, possui o maior potencial do Estado de Santa Catarina.

Na Igreja Matriz, por exemplo, existe uma imagem da padroeira da cidade, com mais de 400 anos, além de inúmeras peças barrocas do século XVII, esculpidas em ouro e prata. Sua construção foi feita por escravos e índios, que usaram pedra bruta e argamassa de barro, areia, conchas e óleo de baleia. A criação da paróquia, data, no entanto, de 1665, com a nomeação de NOSSA SENHORA DA GRAÇA.

A imagem ocupa um lugar de honra no Altar-Mor. Chegou em 1553 à bordo do bergantim espanhol “La Conception”, e aqui permaneceu em uma rústica capela por promessa da tripulação e passageiros da embarcação, durante terrível tempestade.

O monumental altar permitiu a livre expansão dos arabescos com variadas volutas, colunas e arcos entremeados de guirlandas floridas, de anjos, de nuvens para a glorificação dos santos e de Nossa Senhora, wem pleno céu.



IGREJA MATRIZ NOSSA SRA. DA GRAÇA

Centro Histórico

São Francisco do Sul-SC

Legado pela Colônia portuguesa, as habitações antigas, as ruas e arruelas estreitas, bem como a arte sacra das seculares imagens de Igreja Matriz, são acervos de inusitado interesse histórico, que está sendo preservado como um patrimônio da municipalidade.

Ainda na área urbana existem cariocas ou bicas d'água limpa e fresca. A da rua Benjamin Constant, esquina com Floriano Peixoto, construída em 1884 e restaurada em 1978, mantém o mesmo tipo de azulejos portugueses daquela época.

O com junto arquitetônico do Mercado Público, foi restaurado em 1976, ficando o atendimento restrito à sua parte interior, diversificado em produtos e serviços, com predominância para o artesanato e lembranças locais. Anexas ao prédio principal, ficam as acomodações para a comercialização de pescados.

O Museu Histórico de São Francisco do Sul, localizado à rua Coronel Carvalho, reúne em seu acervo, objetos, móveis, mapas que nos contam um pouco acerca do passado, nos conduzindo a uma viagem no tempo.



RUA BABITONGA - Centro Histórico
São Francisco do Sul-SC

Pode-se observar nas quinas da casa, ao alto, as tão famosas pombinhas centenárias açorianas. O conhecido casarão está localizado na praia que recebeu o nome de seu proprietário - Praia do Calixto - no bairro do Paulas.

É um dos pontos de atração turística da encantada Ilha de São Francisco do Sul, onde o visitante se deslumbra diante de tão majestoso patrimônio arquitetônico da cultura açoriana.

A folclorista LAURA DELLA MÔNICA, quando de sua visita à São Francisco do Sul-SC, em julho/95.

Conheceu o Museu Histórico e o Museu Nacional do Mar.

Ministrou aos professores municipais, um curso sobre Folclore/Turismo, com o patrocínio da Secretaria da Educação e Prefeitura Municipal.



Ruínas dos armazéns da Firma Hoepcke - Rua Babitonga - Centro Histórico

Casarão da Família Calixto Pereira - São Francisco do Sul - SC

Uma das casas mais antigas em legítimo estilo açoriano, construída no século XVII por mãos escravas. Possui dez pilastras em taipa, com engenho e roda d'água em anexo. Preservada e conservada com todas as características originais (janelas, portas e trinco de ferro) por uma das herdeiras da família Calixto Pereira.

Pode-se observar nas quinas da casa, ao alto, as tão famosas pombinhas centenárias açorianas. O conhecido casarão está localizado na

praia que recebeu o nome de seu proprietário - Praia do Calixto - no bairro do Paulas.

É um dos pontos de atração turística da encantada Ilha de São Francisco do Sul, onde o visitante se deslumbra diante de tão majestoso patrimônio arquitetônico da cultura açoriana.



Casarão da Família Calixto Pereira Pereira - Praia do Calixto - Paulas

O Museu Nacional do Mar (Embarcações Brasileiras), o primeiro do gênero no Brasil, é um conjunto de núcleos dedicados à pesquisa de acervo, incrementando, valorizando e divulgando a cultura ligada ao mar.

O tombamento do centro da cidade pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em outubro de 1986, permitiu que se preservasse os mais antigos prédios franciscano.

A mesclagem do colonial com o barroco e outras culturas, se fundem para mostrar a história viva. Muitas janelas de “guilhotina”, destacando a simplicidade e a beleza das “borboletas”, dos detalhes dos “beirais”, das “cangas”... Residências balaustradas com porões habitáveis, delicadas sacadas e diferentes tipos de “coruchéus”, ornamentam a nossa arquitetura secular.

Passado e presente defrontam-se num impressionante contraste que a todos quanto visitam a cidade, encontram motivos para, novamente, retornarem, mais profundamente, a conhecer todos os pormenores existentes na cidade.

Com o advento da FESTILHA - Festa das Tradições da Ilha - o município procura resgatar o hábito das trocas do Pão por Deus e as apresentações folclóricas do Boi-de-Mamão, Pau-de-Fitas, Pastorinhas, Vilão, Fandango/Chamarrita, etc.

Agora novos horizontes estão se abrindo, graças à genialidade e generosidade de Deus que legou à Ilha, belezas ímpares e raras, a fim de que uma nova fonte de riqueza pudesse ser explorada, a do turismo.

O trabalho de brancos, pretos e índios; espanhóis, franceses e portugueses que entraram pela Baía de Babitonga com seus sonhos e esperanças, contribuiu para tornar São Francisco do Sul, um monumento vivo da história.

Casa da Família Calixto Pereira, uma das casas mais antigas em legítimo estilo açoriano, construída no século XVII por mãos escravas. Possui dez pilastras em taipa, com engenho e roda d'água em anexo. Preservada e conservada com todas as características originais (janelas, portas e trincos de ferro) por uma das herdeiras da Família Calixto Pereira.



Residência à Rua Marechal Floriano Peixoto - Centro Histórico
São Francisco do Sul - SC



Casarão da Família Marcantoni - Rua Reinaldo Tavares-Esquina com
Lages - Centro Hitórico - São Francisco do Sul - SC



Residência à Rua Marechal Floriano Peixoto
Centro Histórico - São Francisco do Sul - SC



Casarão da Família Jacob
Rua Fernando, Esquina com Fernando Dias
Centro Histórico - São Fransisco do Sul - SC

O COZIDO - Anotações Etnográficas

Trata-se, o COZIDO, de um “prato” tradicional da culinária da Ilha de Santa Catarina e foi introduzido nos hábitos alimentares, pelos colonizadores açorianos, chegados entre 1748 e 1756, incorporando indeléveis traços culturais à cultura catarinense e particularmente, em suas práticas culinárias.

Origina-se, o COZIDO, da popularmente denominada “SOPA DO ESPÍRITO SANTO”. O que era essa sopa, hoje prato símbolo, não só dos Açores, mas genericamente de Portugal?

Como se sabe, em todo o Portugal, mais enfática e fortemente nos Açores, e hoje também na Ilha de Santa Catarina, donde difundiu-se para todo o Estado, celebra-se anualmente a Festa do Divino, Impérios do Divino, ou “Bodos do Espírito Santo”, que é a mais importante, e sócio religiosamente mais vivida e típica de toda a nação portuguesa, estando firmada secularmente na cultura luso-açoriana.

É uma festa, cujos eventos sócio-religioso, estende-se por três dias, a ponto de que aqueles que procedessem de localidades mais afastadas, no local permaneceriam todo esse tempo, devendo se alimentarem ali mesmo.

Para uma alimentação fora do lar, os dispêndios financeiros sempre foram elevados e fora das possibilidades dos que, em maioria, freqüentavam e freqüentam a Festa do Divino Espírito Santo.

Um dos principais objetivos da festa, é o exercício da caridade cristã e da partilha de bens. Por isso, as “bodos de leite”, “bodos de carne”, “bodos de vinho”... pagamento de promessas, distribuição de pães, etc... O imperador e festeiro devem proporcionar comida para todos e, para tanto, precisam colaboração.

É uma tradição que as famílias ao se dirigirem à festa, levem consigo gêneros alimentícios diversos, como temperos, óleo de oliva, feijão, verduras, legumes, chouriço, lingüiça, carnes diversas (especialmente carnes de lombo e de pescoço trazidas de casa, ou sobras dos “Bodos de Carne”).

Todos estes ingredientes são colocados dentro de um (ou mais) panelão que o Imperador adredemente prepara e coloca ao fogo para uso comunitário. Tudo o que se leva de casa, é colocado ali dentro a cozinhar com bastante água, a ferver com temperos verdes, sal e condimentos,

transformando tudo num sopão, que pode ser servido continuamente aos “festantes”, gratuitamente. “Todos colaboram com todos”.

Esse é o sopão do Espírito Santo. Todos que estejam na festa a podem dele comer e saciar-se à vontade.

Tornou-se um prato gostoso, comum, barato, suave e de alto valor alimentício, e, por isso passou a ser preparado dentro de casa pelas famílias de todo Portugal e pelo Brasil.

No nosso caso, foi incorporada a farinha de mandioca, pirão, o aipim, a carne de porco, a de charque, a galinha, a batata e etc....

Eis o que se tornou no famoso e gostoso COZIDO, hoje prato típico de Portugal e da Ilha de Santa Catarina.

Obs: O caldo de camarão e de peixe, como o preparamos aqui, não se origina dos Açores, porém é herança indígena e influências africanas (escravocrata), assim como o COZIDO (aliás a feijoada também), destinavam-se à alimentação dos trabalhadores, dos escravos e das camadas pobres da sociedade.

Florianópolis, Fevereiro de 1997
Prof. NEREU DO VALE PEREIRA

HERANÇA DE FOSSARI PODE VIRAR CENTRO CULTURAL

Acervo com mais de 3 mil obras do genial artista que viveu e morreu em Florianópolis está intacto.

Cleide Ramella - O Estado de
18/19 de maio de 1996

Domingos Fossari nem imaginava que as histórias de uma ilha no Atlântico, que lia nos livros do escritor gaúcho Manoelito Deonelleas, seria palco de seu sucesso artístico. A paixão dele em conhecer os demônios verdes que saltavam da natureza naquela pequena ilha escondida no mapa e nas entrelinhas da obra de Manoelito.

Pintor, desenhista, ilustrador e cartunista, Domingos Fossari foi pioneiro no desenho publicitário em Florianópolis, além de ter ido chargista por duas décadas do jornal O Estado, A Gazeta e Jornal de Santa Catarina.



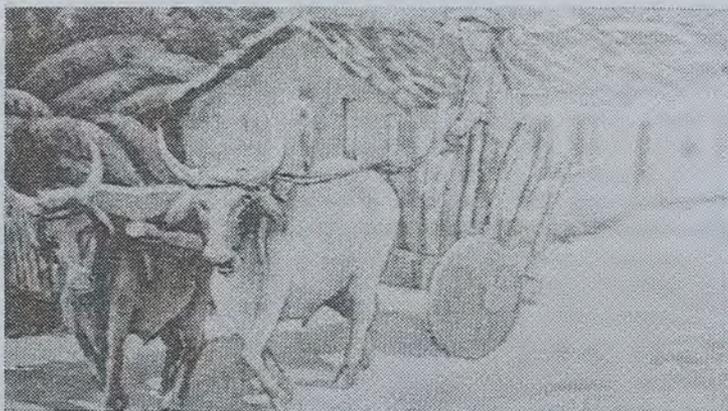
Ilustrou diversos livros, dos quais o mais importante foi a obra científica sobre a bromélias, utilizada até os dias de hoje por estudantes, interessados em conhecer as riquezas da natureza, na região catarinense.

Quarta-feira última, fez nove anos que o destino se encarregou de levar o artista Domingos Fossari para outras esferas. Em 15 de maio de 1987, Florianópolis perdia aquele que, mesmo nascido em Itaquí, no Rio Grande do Sul, deixou em Santa Catarina, toda a sua produção artística e paixão pela vida.

Sua vinda para Florianópolis estava ligada aos desenhos que fazia para o Serviço Nacional da Malária. Desenhou milhares de pranchas com plantas, insetos e locais inóspito, ficando atraído pelas belezas das terras catarinenses. Domingos descobriu que a ilha que conhecera na obra de Deonelleas, estava diante de seus pés. Na sua chegada à capital catarinense, na década de 40, Domingos começou a se inserir no meio artístico da cidade, dedicando-se principalmente, a esculturas. Mas a inclinação que mantinha desde criança, por caricaturas e artes plásticas, começava a se manifestar.

Através do livro “Florianópolis de Ontem”, rodou o mundo do desenho, utilizando a técnica do bico-de-pena. Fossari retratou antigos casarios da cidade, a maioria já nem existe, deixando importante trabalho de resgate popular.

Para elaborar o livro “Bromeliáceas e a Malária - Bromélia Endêmica”, Fossari contou com a colaboração do padre Raulino Reitz, que colhia as plantas, principalmente em Itajaí. Para reproduzi-las no seu ponto máximo de beleza, a esposa do artista, Irene Fossari, lembra das noites em que o acompanhava até a madrugada no trabalho de elaboração da obra.



Fossari Deixou muitas heranças culturais ao povo de Florianópolis

Raulino era superintendente de Pesquisas Ambientais da Fundação de Amparo do Meio Ambiente e diretor do Herbário Barbosa Rodrigues e do Parque Botânico do Nova Baú. Suas atividades estavam diretamente legadas à preservação da natureza, combate à malária, criação de parques e reservas naturais em Santa Catarina, além de pesquisar a memória histórica e artística catarinense.

Analisando o trabalho artístico do marido, Irene Fossari o vê como um expoente da arte catarinense, pelo registro de obras históricas. Seu trabalho é utilizado como fonte de pesquisa na universidades, inclusive nos dias de hoje.

Ela lamenta que a modernidade tenha roubado a arte da sociedade. Irene se recorda com saudade da época em que Domingos, com alegria, retratava a vida na favela ou no campo, utilizando emoções que hoje são substituídas por outros sentimentos.

Domingos Fossari preservou a grandiosidade da arte até morrer, porque não admitia a possibilidade do artista parar de produzir. Três dias antes de sua morte, quis ter o último contato com sua prancheta. A obra que produziu naquele 12 de maio de 1987, serviu para selar sua relação com a arte, que permanece até hoje na memória histórica de Santa Catarina.

Fossari dedicou-se desde criança, à arte. À época de sua morte, lecionava pintura no Centro Integrado de Cultura e preparava uma exposição dos seus quadros.

Das muitas heranças culturais que deixou ao povo florianopolitano, inclui-se o nome ao Portal Turístico, localizado na cabeceira das pontes Pedro Ivo Campos e Colombo Salles, no Continente. Desde 1990 a casa se chama Domingos Fossari.

Estudos na Argentina Garantiram Formação

O gaúcho Fossari iniciou seus estudos de desenho, na Escola Zier, de orientação alemã, radicada em Buenos Aires.

Com a intenção de aperfeiçoar seus conhecimentos, em 1987 foi para a capital argentina, onde ficou por dois anos, estudando desenho clássico. Teve a oportunidade de aprender os ensinamentos de mestres da área, entre

eles o professor Lorsio, catedrático da Escola de Belas Artes de Buenos Aires.

Em 1940 decidiu especializar-se na técnica de bico-de-pena, com o artista suíço Vicente Verlasca, realizando estágios com os pintores Estanislau Trape (1043 à 1944), e Theodoro Debona, no Rio de Janeiro em 1958.

Ingressou no serviço público em 1942, como desenhista da Secretaria de Agricultura do Rio Grande do Sul. Em seguida passou para o então Serviço Nacional da Malária, em Porto Alegre, onde permaneceu pouco tempo. Devido à sua competência, em 1943 foi convidado para organizar a seção de desenho da administração central daquele serviço, com sede em Florianópolis.

A partir daí, radicado definitivamente na capital catarinense, Domingos Fossari dedicou-se a intenso trabalho criativo, colaborando em jornais e revistas, com charges e caricaturas. Realizou exposições de aquarela e pinturas a óleo sobre tela, em diversas cidades de Santa Catarina e do Brasil, projetando capas e ilustrando dezenas de livros e outras publicações.

Entre os seus trabalhos publicados, além do presente que ofereceu à capital catarinense com a elaboração do álbum “Florianópolis de Ontem”, podem ser destacados “Assim, os Vejo, Homens do meu tempo”, caricaturas, Editora da UDESC, 1973; “O Arrastão” xilogravuras, Habitasul, e a série de desenhos e aquarelas sobre as bromélias catarinenses, impresso em Los Angeles, USA, em 1980. O livro “Bromealiáceas e a Malária - Bromélia Endêmica”, foi elaborado com a técnica de bico-de-pena e aquarela, com a colaboração do pesquisador Raulino Reitz.

De 57 à 67, lecionou desenho no Colégio Coração de Jesus, desenho clássico na Casa Arte e desenho e pinturas nas Oficinas de Arte do Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), em 1986.

A primeira exposição de caricaturas no Estado, aconteceu no Teatro Álvaro de Carvalho, expondo também, óleo e aquarela.

Conquistou Medalha de Prata, em 1966, no Salão Catarinense de Belas Artes de Florianópolis.

Em 1979, ilustrou a Casa dos Açores, Museu Etnográfico e um álbum de desenhos a bico-de-pena, reconstituindo a vida do homem rural açoriano no litoral catarinense, além de participar de outras exposições individuais e coletivas.

Originais do Artista Preservados pela Família

O artista deixou um registro histórico cultural de grande importância para a arte catarinense. Sua morte, em 1987, não significou o fim da produção na família Fossari. Dos oito filhos do casal, Rosa foi a única que herdou do pai o gosto pelas artes plásticas. Ela é especialista em pintura em acrílico sobre tela e seu trabalho é definido como “impressionista”. Embora tenha estudado desenho na infância, as tendências para a pintura predominaram.

As raízes de Domingos alcançaram também seu neto Robledo Fossari, filho de Rosa. Embora esteja cursando Engenharia Elétrica, é muito ligado à arte. As charges que faz na universidade, impressionam os professores que admiram a influência que os dotes artísticos do avô exercem sobre Robledo.

Enquanto muitos talentos se perdem na escuridão por falta de apoio, Domingos teve na família, sua fonte de inspiração. Incentivado pela esposa Irene e pelos filhos, ele deu continuidade a um trabalho que considerava combustível de vida. Durante todos os anos dedicados à arte, Irene lembra que domingos somente se afastou da produção quando esteve doente, por um período de 40 dias.

Os filhos se consideram privilegiados por terem a oportunidade de conviver num meio cultural tão rico, afirma Dulce. O título de Cidadão Honorário de Florianópolis, fez jus ao trabalho de resgate da arte catarinense, conclui.

A família tem a pretensão de montar um espaço que abrigue todas as obras do artista. Carmem Fossari, uma das filhas, ligada à produção teatral, diz que isso se faz necessário, diante da representatividade arquitetônica das obras.

O acervo com mais de três mil obras de Domingos Fossari, permanece intacto. A família foi unânime ao decidir pela preservação de todos os trabalhos do artista.

A grande afinidade que tinha com as pessoas não era privilégio somente da família. Artistas como Martinho de Haro, Eduardo Dias e Gilberto Gerlach, eram estrelas que faziam parte da constelação de Domingos. Ele preservava o hábito de trocar idéias com outros artistas plásticos, o que era considerada uma atitude rara na época. A explicação de Domingos Fossari era que “uma estrela não apaga o brilho da outra”.

1º ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE COMUNIDADES LUSO-AÇORIANAS

250 ANOS DE HISTÓRIA E CULTURA

Florianópolis - SC - Brasil

25 de Agosto à 01 de Setembro de 1996

PROGRAMA CULTURAL

FESTA DO DIVINO - Instalação da artista plástica Dircéia Binder, que há vários anos vem pesquisando a cultura açoriana e transformando em obras de arte.

Local: Galeria do CIC - Período: 25/08 à 07/09/1996

DOS AÇORES AO BRASIL MERIDIONAL - Fotos de Fernanda Lago, que documentou a produção do vídeo com o mesmo título e filmado no Arquipélago Açoriano, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Local: Centro Integrado de Cultura-CIC - Período: 25/08 à 07/09/1996.

IMAGENS DOS AÇORES - Fotografias de Joi Cletison, que retratam cenas do dia à dia do Arquipélago Açoriano, enfocando arquitetura, gente e religiosidade.

Local: Centro Integrado de Cultura-CIC - Período: 25/08 à 07/09/1996

ALMA AÇORIANA - Willy Zumblick transporta para as telas, a história, os costumes e as manifestações da cultura popular catarinense, em especial, a cultura açoriana.

Local: Galeria do CIC - Período: 25/08 à 07/09/1996.

ARTESANATO CATARINENSE - O artesanato é antes fruto da necessidade do utilitário, e em cada região assume formas próprias, revelando a identidade de um povo. Com esta exposição, pretendemos mostrar a identidade do povo açoriano no litoral catarinense. A curadoria desta mostra, é de Gelcy José Coelho.

Local: Galeria do CIC - Período: 25/08 à 07/09/1996.

SOCIEDADE MUSICAL GUARANI - Fundada em 08 de maio de 1942. É presidida por Roberto Lamim e secretariada por Reinaldo José Wanderhec, tendo como maestro, Jorge Aquino Tavares. Funcionam também, há 54 anos, junto com a Sociedade, a Banda Guarani e a Escola de Música Carlos Gomes, para formação de instrumentistas. Atualmente com 40 músicos, com idades de 07 à 70 anos, sendo 20 por cento de moças, a Sociedade Musical Guarani possui sede própria em Itajaí-SC, e tem se apresentada em cidades do estado catarinense, cidades brasileiras e em Assunção/Paraguai.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL DA UNISUL - O coral da Universidade do Sul de Santa Catarina-UNISUL, foi fundado em 16 de março de 1976. Nestes 17 anos, cantou com certeza, em mais de 450 encontros e recitais. Desde a sua fundação, o coral da UNISUL, tem a regência do Maestro Névio Capeler. Em seu repertório inclui músicas sacras, MPB, clássicas e portuguesas.

GRUPO VOCAL DA UNISUL - Criado em 1994 pelo Centro de Convivência Cultural, com o propósito de estimular os universitários à produção musical. O grupo desenvolve um trabalho diferente, cantando em uníssono, apresentando um repertório que congrega vários gêneros musicais que constituem a Música Popular Brasileira. Coordenado por Mariza Silva e regido pela Maestrina Joan Kerr Coelho, é composto por 18 cantores que recebem bolsas de incentivo da Universidade do Sul de Santa Catarina-UNISUL.

GRUPO FOLCLÓRICO RANCHO AÇORIANO - Fundado em 1079 na cidade de Criciúma. Atualmente o grupo é formado por 25 componentes que divulgam a cultura e a tradição portuguesa, através de apresentações e assessorias em coreografias e trajes que representam as regiões Minho, Nazaré, Douro e Açores, com repertórios ligados a cada um deles. Hoje o grupo é coordenado pelo Sr. George de Lucca.

BANDA MARCIAL DO COLÉGIO DEHON - Fundada em 1994 na cidade de Tubarão-SC pela direção do Colégio e reitoria da UNISUL, órgão mantenedor do colégio. Hoje é formada por 55 elementos, na faixa etária dos 10 aos 18 anos, tem como regente o Maestro Ademir Zimmermann, coreógrafa Rita Gonçalves e diretora Erly Popoasky. Alguns de seus objetivos

são: oferecer educação musical para os estudantes do colégio, despertar talentos musicais e contribuir na divulgação do colégio e da UNISUL. Em seu repertório constam músicas portuguesas e açorianas.

GRUPO FOLCLÓRICO ESTRELA GUIA - Existe há 70 anos e é formado por uma única família (Martins). Tem 09 componentes. Canta o Terno de Reis nos meses de dezembro e janeiro, anunciando o nascimento de Cristo e visita dos Santos Reis. Tem como repentista e coordenador, o Sr. Almir Martins, orientado por “Seu” Chico.

GRUPO FOLCLÓRICO DANÇAS E CANTARES AÇORIANOS DE BIGUAÇÚ - Com sede em Biguaçú-SC, foi criado em 1990. Hoje é composto por 40 componentes entre tocata, cantoria, bailados, brincadeiras infantis e artesãs. Tem como objetivo, bailar modas das ilhas do Pico, Terceira e São Miguel, resgatando e comparando-as com as danças do litoral catarinense. Coordenação pela Professora Ana Lúcia Coutinho, que além de bailar no grupo, ministra aulas e oficinas.

GRUPO DE DANÇA FOLCLÓRICO DA TERCEIRA IDADE DA UFSC - Criado em 1989 com o objetivo de preservar, recriar e divulgar a cultura açoriana, buscando o intercâmbio de gerações e da universidade com a comunidade. O grupo é formado por 30 dançarinos com idades variando entre 50 e 80 anos, 8 músicos e 1 cantador. Apresentam as danças do Pau de Fitas e Arco de Flores, Balaio, Rendeira, Ratoeira, Dança Portuguesa e Quadrilha. É filiado à ARCA e tem apoio do NETI, CDS da UFSC. Coordenado pela Professora Mariza Amorim Lopes.

GRUPO PESQUISA TEATRO NOVO DA UFSC - Com mais de 20 anos de atividade e apresentações pelo Brasil e exterior, participou recentemente de festivais de teatro no México, Chile e Paraguai. Coordenou o Encontro de Teatro Popular Latino-Americano, realizado em Florianópolis, neste ano. O grupo é dirigido por Carmen Lúcia Fossari. A peça “Dos Açores à Desterro - uma viagem bruxólica”, é inspirada na obra do pesquisador Franklin Cascaes.

GRUPO FOLCLÓRICO JUVENIL DO PORTO DA LAGOA - Em atividade desde 1993 com a proposta de divulgar a cultura açoriana. Este trabalho da arte educadora Graça Carneiro, com a Associação dos Moradores do Porto da Lagoa, começou numa oficina, com o objetivo de reaproveitar materiais e dinamizar a cultura popular. O grupo formado por crianças e jovens, moradores do Porto da Lagoa, tem a proposta de dramatizar a temática da morte e ressurreição do boi, de uma forma criativa e alegre.

CORAL DO CLUBE 6 DE JANEIRO - Fundado em 1978, já gravou 3 Lps e 1 CD e participou com várias músicas em outras gravações. Já se apresentou em muitas capitais brasileiras e sul-americanas. Cantou para Rod Steward, Roberto Carlos, Lulu Santos, Xuxa e outros. Mantém intercâmbio educativo-cultural com alunos de Buenos Aires, onde já fez várias apresentações. De 1980 à 1981, teve o orgulho de ter entre seus cantores e como solista, a internacional Débora Blando. O regente titular do coral desde a sua fundação, é o Maestro Ildo Serafim, auxiliado por sua filha Karim e sua esposa Marluce.

GRUPO FOLCLÓRICO DE TAVEIROS - Fundado em Coimbra/Portugal em 1975, com o objetivo de interpretar danças da região de Coimbra. Para montar seu repertório e figurino, fez um profundo estudo e com estas pesquisas, chegou à originalidade das danças, trajes tradicionais e cantares da região do Baixo Mondego.

Hoje dança e canta o que é mais genuíno em sua região. Em seu currículo constam apresentações com todas as regiões de Portugal e nos países de França, Espanha e Bélgica. Participou também de inúmeros festivais de folclores na Europa. Sua tocata é constituída por instrumentos tradicionais com: concertinas, cavaquinhos, violas, bandolins, ferrinhos, reque-reque e bombo. Hoje o grupo é formado por mais de 50 componentes, com idades que variam de 13 '56 anos.

RANCHO FOLCLÓRICO ESTÂNCIA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO - Fundado em 1992. Funciona como departamento cultural do Clube São Pedro, em Gravataí-RS. Os trajes e instrumentos que o grupo possui, vieram diretamente dos Açores. Com mais de 70 atuações em diversas regiões do Brasil e exterior, participou por duas vezes do Festival de Folclore dos Açores/Portugal. É coordenado por Regis Albino Marques Gomes.

CANTINHO DA TERCEIRA, MÚSICA TRADICIONAL, & FOLIA

- Fundado em 1991. O grupo nasce com vontade de dar corpo e vida à música tradicional/popular, acreditando ser a única forma de expressão que nos pertença. Dentro de seu repertório, além de temas tradicionais como a Tirana, Viradinha, Charamba, inclui temas originais de raiz popular. O grupo já se apresentou no Canadá, EUA, Espanha, Portugal e em todas as ilhas do Arquipélago Açoriano. O Cantinho da Terceira, é formado por músicos de todas as ilhas: Luís Bittencourt (violão e voz), Carlos Medeiros (flauta, pífaro e voz), José Medeiros (teclado e voz), Madalena Pereira (voz), São Garcia (voz), Duarte Trindade Fernando Marques (percussão), João Borba (percussão), Paulo Borges (teclado), Manuel Silva (rebeca e voz), Paulo Fonseca (percussão), Antônio Ferreira (cavaquinho e voz) e Marco Menezes (clarinete e voz). Este grupo, acima de tudo, acredita em envolver tudo à sua volta num palco único, assim entregando a festa ao público.

SOCIEDADE RECREATIVA CULTURAL UNIDOS DA

COLONINHA - Fundada em 1962, desfilou até 1964 e retornou em 1982, revolucionando o carnaval de Florianópolis, com seus enredos bem elaborados. Para 1997, numa atitude de defesa da memória cultural do nosso Estado, a Unidos se prepara para homenagear os 250 anos da colonização açoriana no Sul do Brasil, com o enredo “As Maravilhas dos Açores”. Com pesquisas de Marcelo Machado, figurinos de Luís Fernando Albalustro e montagem de Jones Cezar Araújo. Hoje a Escola de Samba Unidos da Coloninha, tem sua sede em Florianópolis, num bairro com seu nome.

GRUPO DE TEATRO ALPENDRE - Apresentou-se pela primeira vez

em dezembro de 1976. Grupo sediado nos Açores. Já encenou mais de 40 textos. Desta vez traz até nós, Sonhos do Infante, encenado em dois atos, com direção de Álamo Oliveira, onde relata de forma peculiar, a descoberta e a colonização do Arquipélago dos Açores e espelha o ambiente vivido durante os primórdios do século XV, no seio da sociedade portuguesa (programa completo no dia da apresentação).

EXPOSIÇÕES

CULTURA AÇORIANA - Acervo do BESC

Pinturas e desenhos dos artistas plásticos: Martinho de Haro, Sílvio Pléticos, Uri Coutinho de Azevedo, Max Moura, Maria Bittencourt Hosterno, Ernesto Meyer Filho, Marilena Philipe, Valda Costa, Elias Andrade e Allan Cardoso. Todas as obras expostas, pertencem ao acervo do Banco do Estado de Santa Catarina.

Local: Museu de Artes de Santa Catarina-MASC

Período: 15/08 à 15/09/1996.

ANGRA - UMA JANELA DO ATLÂNTICO - Uma exposição fotográfica e documental sobre a cidade de Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira/Arquipélago Açoriano e seu papel na epopéia dos descobrimentos.

Local: Palácio Cruz e Souza.

Período: 13/08 '07/09/1996.

OS AÇORES - Exposição fotográfica de Maurício de Abreu, fotógrafo dos Açores. Mostra cenas do cotidiano do Arquipélago.

Local: Beria-Mar Shopping.

Período: 21/08 à 07/09/96.

PINTURAS - Acrílico sobre tela, do artista plástico Elias Andrade. Retrata a cultura açoriana na Ilha de Santa Catarina.

Local: Espaço Oficinas do CIC

Período: 25/08 à 07/09/96.

BRUXAS - Pinturas ao artista plástico Rodrigo de Haro, personalidade marcante do movimento de arte mágico-surrealista do Brasil.

Local: Galeria do CIC.

Período: 25/08 à 07/09/96.

BRASIL AÇORIANO - Fotografias do artista plástico Jones Cezar Araújo, que vem registrando a Cultura Açoriana através do teatro, pinturas e fotos.

Local: Espaço Oficinas do CIC.

Período: 25/08 à 07/09/96.

A FACE ATLÂNTICA DOS AÇORES - Fotografias do artista plástico Marcelo Machado, que viajou aos Açores em 1990 e desde esta época, estuda as relações Atlântica/Açores.

Local: Espaço Oficinas do CIC.

Período: 25/08 à 07/09/96.

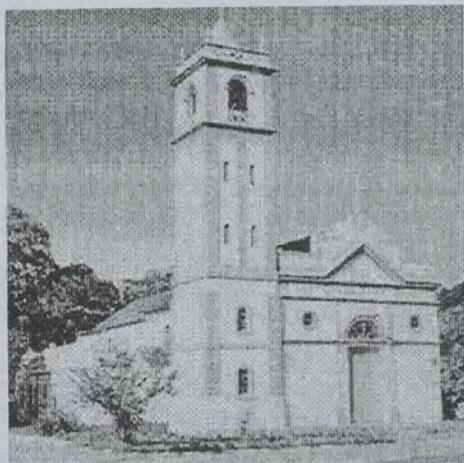
AÇOR, FESTA DA CULTURA AÇORIANA

IMBITUBA - TERRA DOS AÇORES

Noticiário - 1996

O Núcleo de Estudos Açorianos de Imbituba, foi criado em maio de 1994, com o objetivo de resgatar a cultura de base açoriana no município, através do mapeamento cultural de todas as manifestações que nos foram legadas pelos açorianos, desde os idos de 1700.

Além desse princípio fundamental, tem como finalidade, a preservação e difusão dos valores das comunidades açorianas, através de ações que proporcionem a valorização desta cultura, junto à sociedade.



No Bairro Mirim, pode-se vivenciar o marco arquitetônico açoriano, na secular Igreja de Santa Ana e nas casas construídas nos idos de 1800. Bairro tradicional do município, é no Mirim que se realiza a tradicional Festa de Santa Ana e do Divino Espírito Santos.

O litoral catarinense povoado por imigrantes vindos da região dos Açores em meados do século XVIII (1748-56), hoje está na oitava e nona gerações. Este contingente populacional apresenta, em muitas comunidades, valores culturais intactos.

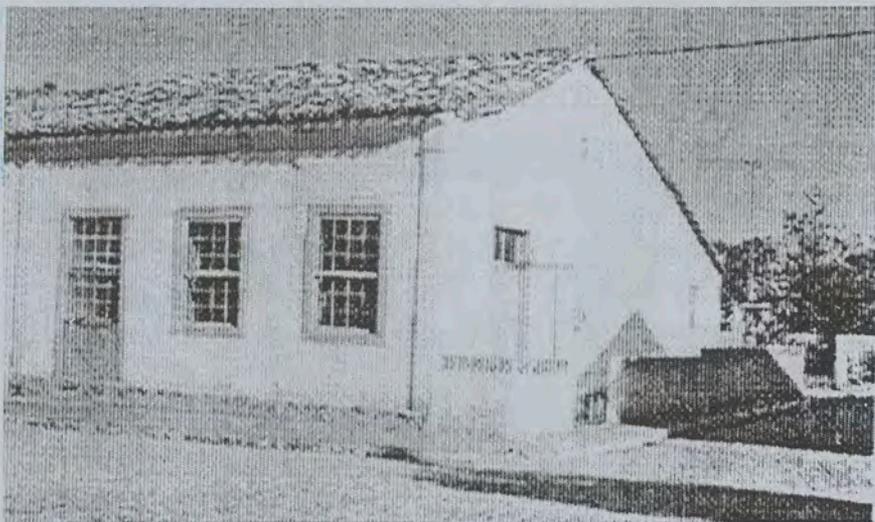
Imbituba orgulha-se de fazer parte deste contingente cultural e de buscar a valorização e a preservação de suas origens.

Ao sediar o **3º AÇOR - Festa da Cultura Açoriana de Santa Catarina**, o município prepara-se para mostrar à todo o Estado, o que possui em termos de manifestação cultural de base açoriana.

Este evento representa a união de esforços entre os municípios participantes, para a valorização de cultura de base açoriana do litoral catarinense, lançando a semente de um futuro corredor turístico-cultural, único do Brasil, com valores preservados, desde o século XVII.

Imbituba, município co-irmão de Vila Madalena, na Ilha do Pico-Açores, Portugal, sente-se orgulhosa das suas origens e das suas manifestações culturais.

No ano em que comemora seu 38º Aniversário de Emancipação Político-Administrativa, Imbituba convida todos a conhecerem sua cultura, tradição e beleza.



Prefeitura Municipal de Imbituba - Núcleo de Estudos Açorianos

IMBITUBA-SC

Grupo Folclórico Estrela Guia da localidade de Mirim

Almir Martins

Família Martins (Chico Martins)

O TERNO DE REIS

No ano de 376, o papa Júlio I fixa 25 de dezembro, a data de nascimento de Cristo, que regulamentou os festejos do nascimento do Salvador.

Na Roma pagã, o dia 06 de janeiro era dedicado à celebração do tríplice triunfo de Augusto César.

Assim, a festa dedicada aos três Reis Magos, tem origem na Europa, como festa religiosa que celebra a manifestação da divindade de Cristo, DIA DA ADORAÇÃO DOS REIS MAGOS AO MENINO JESUS.

Nesta época, 06 de janeiro, os fiéis ensaiados e com indumentárias alegóricas imitando “Reis”, saíam de porta em porta, cantando e contando a história da visita dos três Reis estrangeiros que “guiados por uma estrela”, chegaram até o Menino Jesus.

Foram os portugueses, que com o descobrimento, trouxeram para o Brasil e para o nosso Litoral, a tradição dos Tempos de Reis, que tem consagrado o refrão: “Ó DE CASA NOBRE GENTE/ESCUTAI E OUVIREIS/LÁ DAS BANDAS DO ORIENTE/TÁ CHEGANDO OS SANTOS REIS”.



Terno de Reis - Grupo Estrela Guia (Vila Nova)

O Terno de Reis da nossa região ou a Folia de Reis, é lembrada em vários Estados do litoral brasileiro.

Além do Sul da Ilha (Florianópolis), o Terno de Reis é cantado em Imbituba, Laguna, Jaguaruna e Imaruí, principalmente.

Em Imbituba, dois Grupos se destacam: o Grupo Folclórico Estrela Guia do Seu Chico Martins, que com sua família, há mais de 40 anos mantém vivo este Folclore, e o Terno de Reis do Manequinha Gaiteiro, formado pela Família Espíndola.



Família Martins (Chico Martins) - Imbituba - SC

O QUE É UM TERNO DE REIS?

É uma manifestação folclórica e cultural, através da qual, um grupo de pessoas tocando viola, rebeca, pandeiro, sanfona e tambor, saem às vésperas do Natal e Ano Novo e no Dia de Reis, nas portas das casas, cantando e anunciando o nascimento do Menino Jesus, exaltando sua Divindade.

TUDO NO TERNO DE REIS LEMBRA E DEVE LEMBRAR “TRÊS”.

- Três foram os Reis que visitaram o Menino Jesus; três os presentes oferecidos, ouro, incenso e mirra; três são os principais cantadores de Reis, o tripla ou tripa (que canta de fino), o repentista que tira os versos, e o cantor solo; três são as partes do Terno: a chegada, o anúncio e a despedida.

Destacando o “três”, certa vez cantando em um dos lares, fiz o seguinte repente, olhando para as fitas do Estandarte:

“É OURO, INCENSO E MIRRA
AS CORES DESTAS TRÊS FITAS,
REPRESENTA OS TRÊS REIS MAGOS
NESTA NOITE TÃO BENDITA”.

Entretanto, acredita-se que não só “três” Reis visitaram o Menino. Os escritos sagrados apontam que “Três” significa diversidade de povos e que Jesus é o Salvador da Humanidade, por muitos visitado.

Quanto a mensagem a ser transmitida pelo Terno, não só os versos consagrados são cantados, como outros são tirados de improviso pelo Trovador e Repentista:

É meia-noite
Lá no céu parece dia
Serenos Cai
Nos cabelos de Maria!

Acordai se estais dormindo
Levanta os filhos teus...!
Reuna tua família
Nasceu o Menino Deus!

Venha nos abrir a porta
Filhos da Virgem Maria
Recebam o boa noite
Do Grupo Estrela Guia.

Pela nossa amizade
Viemos lhe visitar
Santo Reis foi quem mandou
Que eu viesse aqui cantar.

Refrão:

Santo Reis, Santo Reis,
Viemos em sua casa
Para visitar vocês!

Muitos outros ternos são conhecidos por todo o litoral catarinense.

Na Ilha de Santa Catarina, estão registrados os seguintes versos, lembrando a visita de Belchior, Gaspar e Baltazar, o negro, os três Reis Magos que visitaram o Menino:

Aqui estou na vossa porta
Como quem está bem visto
Viemos trazer notícias
Do nascimento de Cristo

Os três Reis por serem santos
Botaram-se a caminhar
Foram chegar em Belém
Antes do galo cantar.

Quem quiser ver Santos Reis
Não deve ficar deitado
Eles são os santos velhos
Já não servem de criados.

Santo Reis nos mandou
Que viesse aqui cantar
Que a casa era bem rica
Tinha muito prá nos dar.

A oferta que nos deste
Dada de tão boa mente
La no céu dandes de achar
Uma mesa de inocente.

O NOSSO TERNO DE REIS

O nosso Terno de Reis
É uma tradição divina
De origem Açoriana
No Folclore Catarina.

Ó de casa nobre gente
Acordai e ouvireis
Lá das bandas do Oriente
Tá chegando o Santo Reis.

Venha nos abrir a porta
Amigos do Santo Reis
Viemos de Vila Nova
Para visitar vocês.

Amigos prestem atenção
Vamos contar a história
Do nascimento de Cristo
Filho de Nossa Senhora

Uma noite em Galiléia
Um anjo anunciou:
“Maria terá um filho
Que será o Salvador”.

Maria foi visitada,
E saiu a visitar
Sua prima Isabel
Na cidade de Judá.

Sua prima esperava,
Fez Maria a saudação,
Isabel iluminada
Respondeu em louvação.

“Maria tu és bendita
O teu fruto também é
Tu és Bem-aventurada
No poder da tua fé”.

Um hino de Glória à Deus
Magnificat cantou
Maria, a Escolhida,
Para a Mãe do Redentor.

Viajaram à Belém
Maria e são José.
Esperavam o nascimento
De Jesus de Nazaré.

Numa pobre estrebaria
Menino Jesus nasceu.
Um anjo anunciou,
Uma estrela apareceu.

Os três Reis por serem Santos
Saíram a viajar
Foram visitar Jesus
Que nasceu prá nos salvar.

Na viagem houve um sonho,
Um anjo veio avisar
Vão, e visitem o Menino,
Voltem por outro lugar.

Brilhou a Estrela Guia,
Os anjos disseram Amém.
O Natal aconteceu
Na cidade de Belém.

(Terno de Reis cantado pelo Grupo Folclórico Estrela Guia, de Vila Nova Açoriana de Imbituba - Letra do Poeta Almir Martins).

COMEÇA O ENCONTRO NACIONAL DE FOLCLORE EM FLORIANÓPOLIS

Bois em Farra é o tema do evento promovido pela FFC. Delegações de 8 Estados participam.

Jornal o Estado de 22.09.96

A magia do boi-de-mamão e suas variadas manifestações de folclore, mantidas de norte a sul do país, serão mostradas, em Florianópolis, no **Encontro Nacional de Folclore - Bois em Farra**, considerado um evento inédito no sul do país. Grupos do Amazonas, Maranhão, Ceará, Alagoas, Paraíba e Santa Catarina, permanecem na capital catarinense até sábado, com os festejos ao Dia do Folclore, comemorado hoje. A abertura oficial do evento acontece nesta quinta-feira, às 18 horas, no Ginásio do SESC, na Prainha, com apresentações da Banda Marcial do Colégio Coração de Jesus, dos grupos folclóricos Paraná de Maceió, e Boi de Mamão de Ponta das Pedras, além da exibição de vídeos turísticos de Santa Catarina.



Boi-de-mamão e suas diversas formas pelo Brasil em apresentação

A Fundação Franklin Cascaes, órgão de cultura da Prefeitura Municipal de Florianópolis, juntamente com o SESC, que promovem o evento, pretendem, com a iniciativa, difundir a cultura popular, além de buscar estimular a pesquisa, o registro dessas manifestações e estabelecer um intercâmbio entre os grupos, a população e os estudiosos do folclore nacional. Para isso serão realizadas mesas redondas e oficinas de arte, de acordo com a programação.

Estarão presentes no encontro, representantes ilustres deste que é um dos mais populares folguedos nacionais, o grupo paraibano “Tenente Lucena”, que defende a informatização do folclore, ligando o passado histórico ao futuro espacial. O grupo nordestino, vestindo figurino típico do sertão, percorrerá as praças, se apresentando na mostra paralela. O evento também conta com a participação do levantador oficial do boi “Garantido” David Assayag, considerado o garoto de ouro amazonense, o grupo cearense Luar do Sertão e o grupo Paraná, um dos mais representativos da brincadeira alagoana.

De Santa Catarina comparecem grupos de Itajaí, Jaguaruna, Laguna, Palhoça, Imaruí e Florianópolis, com outras colorações ao Boi-de-Mamão, que acompanha a população catarinense há mais de 100 anos.

Não se tem dados de uma data definida de quanto o costume invadiu a cidade, mas pesquisadores asseguram que a dança do Boi-de-Mamão ganhou força em 1871, quando se apresentaram em frente ao Palácio do Governo.

FFC PROMOVE EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA “BOIS EM FARRA”

Jornal O Estado de 08.10.96

Trabalhos de Bira Dias foram executados no Encontro Nacional que aconteceu em agosto.

A magia do boi-de-mamão está de volta à Florianópolis, mas desta vez em fotografias registradas pelo profissional Bira Dias, durante o Encontro Nacional de Folclore - Bois em Farra, promovido pela Fundação Franklin



As várias faces que o folgado do Boi assume no Brasil: Amazonas, Maranhão, Ceará,
Alagoas, Paraíba e Santa Catarina

ENCONTRO NACIONAL DO FOLCLORE

Florianópolis, 22 a 24 de agosto/96

FLORIANÓPOLIS

FUNDAÇÃO

50 ANOS

FRANKLIN CASCAES

DE TODOS

Prefeitura Municipal de Florianópolis

SESC

Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prefeito - Sérgio Grandó

Vice - Afrânio Boppré

Fundação Franklin Cascaes

Superintendente - Salim Miguel

Coordenador Geral - João Carlos Silveira de Souza

Coordenadoria de Patrimônio Cultural - Ademir dos Santos

Coordenadoria de Eventos Comunitários - Carin Machado

Coordenadoria Administrativo-financeira - Maurício Espíndola

Assessoria de Comunicação Social - Rosana Cacciatore Silveira

Assessoria de Marketing Cultural - Murilo Silva

Assessoria Técnica - Narciso Policarpo

Setor de Dança - Simone Simon

Setor de artes Plásticas - Maurilio Roberge

Setor de artes Visuais - Norberto Depizzolatti

Setor de Teatro - Luci Maria Mendes

Setor de Folclore - JB Costa

Setor de Letras - Lilian Schmeil

Casarão da Lagoa - Márcia Mathias

Feirarte - Nilo Padilha

Biblioteca - Ângela Maria Nunes

Oficinas de Base - Mauro Manoel da Costa

Cinema Paraíso - Renato Salazar

Encontro Nacional de Folclore

Coordenação - JB Costa

Produção e Direção de Vídeo - Zeca Nunes Pires

Planejamento Gráfico-visual - Rosana Cacciatore

Editores Eletrônica - Iur Gomez

Equipe de Apoio:

Maria Rosânia Tomaz, Sérgio Bellozupko, Sulanger Bavaresco, Marlon Aseff, Maristela Figueiredo, Simone Scherer, Francisco Severiano, Sodi

Campos Filho, Adilson Ouriques e Simone Pereira.

Serviço Social do Comércio - SESC/SC

Diretor Regional : Roberto Paiva

Diretora de Dos: Tânia Maas dos Anjos

Gerente de Unidade - Florianópolis: Cláudio Costa Moreira

Coordenação de Expressões Artísticas: Antônio O. Ribeiro

A B E R T U R A

BOIS EM FARRA, uma promoção da Prefeitura Municipal de Florianópolis, através da Fundação Franklin Cascaes - órgão municipal de Cultura, e do Serviço Social do Comércio - Departamento de SC, visando mostrar diversas manifestações de brincadeiras de boi, do cenário cultural brasileiro.

Comemoramos no dia 22 de agosto, o DIA NACIONAL DO FOLCLORE. E a forma de participarmos, foi reunindo brincadeiras do boi de alguns Estados brasileiros, e do litoral de Santa Catarina.

O folguedo é uma manifestação popular, preservada espontaneamente, abordando o épico, diferenciando-se pela dramaticidade e aspectos culturais. Unificam-se pelos momentos alegres, festivos e integrativos, proporcionados aos seus fazedores e ao público em geral.

Um folguedo gracioso, brincadeira de criança, continuada no mundo adulto.

BOIS EM FARRA recebeu apoios imprescindíveis:

BESC - Banco do Estado de Santa Catarina

UFSC

SUPERMERCADO ANGELONI

LOJAS KOERICH

MACARRONADA ITALIANA

SETUR - Secretaria Municipal de Turismo

ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DE SC

VELEIROS TUR - Viagens e Turismo.

COORDENADORIA DE PATRIMÔNIO CULTURAL

Prof. ADEMIR DOS SANTOS

SETOR DE FOLCLORE

Prof. JOÃO BATISTA COSTA

PESQUISA: Prof^ª MARIA ROSÂNIA TOMAZ

Revisão: Prof^ª Simone Scherer

FOTOS: BIRA DIAS

BOIS EM FARRA, uma promoção da Prefeitura Municipal de Florianópolis, através da Fundação Franklin Cascaes, órgão municipal de cultura, e do Serviço Social do Comércio, Departamento de SC, visa mostrar, valorizar e difundir as variantes de manifestação do boi, do cenário cultural brasileiro.

O evento, e esta mesa redonda, discutirá as diversas variações do folguedo do boi, manifestação que anuncia algumas vezes início e término de períodos míticos, como de plantio e colheita, refletindo acerca de política cultural e folclore.

Consideramos as manifestações enquanto festas populares, marcadas pela espontaneidade, como pela vontade da comunidade em preservar costumes e hábitos relacionados às tradições e cultura locais.

Acreditamos que ainda há festas populares. Por isso estamos em comemoração ao Dia Nacional do Folclore, reunindo brincadeiras do Boi-de-Mamão e suas variantes espalhadas pelo Brasil, que relembram uma forma de brincar de crianças e atualmente no mundo adulto.

As festas tanto de raízes indígenas, como coloniais e/ou religiosas, são movimentos de unificação comunitária, visam celebrar acontecimentos ou crenças surgidas da experiência cotidiana com a natureza e outros homens.

Quando associadas ao ciclo produtivo, ao ritmo do plantio e colheita ou impostos pela religiosidade, para a população significa também um modo simbólico, e as vezes de apropriar-se materialmente do que a natureza hostil ou a sociedade injusta lhes nega.

Quer comemorem um fato recente, ou comemorem eventos longínquos e míticos, o que motiva os folguedos está também vinculado à vida comum do povo.

Ficam Muitos questionamentos:

- O que significam as festas populares para os fazedores e a comunidade em geral?

- As manifestações folclóricas acompanham a dinâmica da sociedade?

- As manifestações folclóricas estão relacionadas com a política?

- Devemos participar de políticas de preservação das festas folclóricas?

Qual o sentido das manifestações para quem assiste e para quem faz?

Como contribuir com a reprodução das manifestações folclóricas?

É possível comentar sobre a cultura popular no contexto da pós-modernidade?

BOISADO

João Pessoa/PB

O grupo “Tenente Lucena”, vinculado ao SESC, visa transformar a linguagem popular em expressões artísticas, preservando as danças tradicionais e contribuindo com o resgate da identidade regional. Colabora, há 25 anos, com a valorização, formação, e reativação de outros grupos folclóricos, procurando promover interação e sociabilidade entre os comerciantes e os usuários do Serviço Social do Comércio, difundindo os costumes regionais.



Boi Reisado - Grupo de Danças Folclóricas do SESC “Tenente Lucena”
João Pessoa Paraíba

O “Boisado” é uma junção do “Bois-de-Reis” e “Reisado”, auto popular abordando o sagrado e o profano, relacionado ao Natal e aos festejos da Irmandade do Rosário, em outubro. Na encenação, os chapéus figuram igrejas, usam as cores vermelhas e azuis e alguns espelhos, que visam proteger e ofuscar os inimigos. Para o grupo, a manifestação é uma herança do catolicismo popular português.



Grupo Folclórico de Danças do SESC - “Tenente Lucena”

O enredo aborda vida, morte e ressurreição do boi, com personagens: bufões, damas, galantes, burrinha, bode, gigante, jaraguá e sua estrutura musical é variada. 30 pessoas encenam o distinto folguedo reisado, coordenado por Pedro Cândido.

BOI-DE-MAMÃO

Florianópolis-SC

Reativado pela “Associação de Moradores do Sambaqui”, visando preservar as tradições populares, este folguedo destaca-se pela musicalidade, influenciada pela cultura açoriana.

Retratando o épico, morte e ressurreição, transformam o trágico em cômico, ocupando o espaço para reivindicações sociais e demonstração do imaginário local. O ritual inicia-se com um chamador convocando os personagens, e alegremente desenvolvem o enredo, num processo interativo onde algumas pessoas da platéia participam da brincadeira, engolidos pela bernúncia, provocando um estado de gestação e nascimento de uma pequena bernúncia.

28 pessoas encenaram o folguedo coordenadas por Carlos Cunha.



Grupo Folclórico “Boi-de-Mamão” do Sambaqui

BOI-DE-MAMÃO

Florianópolis/SC

Um projeto educativo desenvolvido na comunidade Porto da Lagoa, visando reutilização de materiais recicláveis, desencadeou na construção do

folgado do boi, contribuindo com sua valorização e desenvolvendo laços de solidariedade entre os moradores do Porto da Lagoa da Conceição.

Um reciclagem para a confecção dos bichos, que fazem parte do imaginário da comunidade, como o boi-bumbá, o urubú, o cavalinho, e a linguagem retrata, também, aspectos singulares da cultura florianopolitana.

O enredo aborda o épico. O dramático e o trágico são transformados num jogo entre o lúdico e o cômico, compondo um cenário leve, voltado para a dinâmica da comunidade.

29 pessoas encenaram brilhantemente, coordenadas por Graça Carneiro.



Grupo Boi Esperança - Porto da Lagoa - Florianópolis/SC

BOI-DE MAMÃO

Florianópolis-SC

Representando a comunidade de Itacorubi, o grupo objetiva resgatar costumes relacionados à cultura popular, reproduzindo a brincadeira do boi, numa perspectiva de desenvolver integração e solidariedade entre os moradores da região.

Teatralizam o épico de morte e ressurreição, reunindo personagens cômicos para imaginário local, envolvendo a platéia interativamente.



Boi-de-Mamão de Itacorubi

BOI-DE-MAMÃO

Laguna-SC

Inspirados na preservação e valorização da identidade local, lagunenses fundaram, em 1919, o grupo folclórico, visando reativar práticas populares relacionadas às correntes que participaram da formação de um dos municípios mais antigos de Santa Catarina: LAGUNA.

Uma das manifestações mais tradicionais da região, o “folgado do boi”, retrata o épico, de morte e ressurreição, onde a tragédia assume características de comédia, revelando um imaginário composto de personagens reais e fictícios como a maricota, animais da floresta e outros domésticos, a bernúncia, o doutor e a viúva.

35 pessoas, preservadoras da cultura popular, demonstraram com muita garra e musicalidade, a brincadeira do boi, coordenadas por Norberto Ferreira.



BOI BUMBÁ

Manaus-AM

Representando o folclore amazonense, buscando aspectos da beleza natural e do exotismo da região, o grupo difunde a cultura cabocla e indígena, seus costumes, suas tradições, seu imaginário.

O Boi Bumbá, manifestação tradicional da cidade de Paratins (localizada no alto do Rio Amazonas), promove no mês de junho, um fantástico festival de cores, música e beleza, abordando nos



enredos “toadas de boi”, coreografias com danças indígenas, reunindo os personagens pagé, cunha-poranga, catirina, o caçador e grandiosas alegorias, acompanhadas sob o ritmo dos tambores.

18 pessoas encenam a apresentação.

BOI-DE-MAMÃO

Imarui-SC

O grupo “Boi-de-Mamão Brincadeira de Criança”, surgiu da iniciativa de uma APP da Rede Municipal de Ensino, visando resgatar e valorizar manifestações culturais esquecidas, promovendo solidariedade e integração com a comunidade em geral, valorizando sua identidade.



folclore nacional, como o Bumba-Meu-Boi, Boi-Bumbá, Tambor-de-Criolo e tantas outras derivações que o auto do Boi recebe de norte a sul do país. A festa acontece no Ginásio do SESC durante o “Encontro Nacional de Folclore - Bois em Farra”, promovido pela Fundação Franklin Cascaes e SESC/SC, que além de reunir grupos folclóricos de todo o país, se propõe a estimular e discutir os rumos do folclore nacional, através de mesas redondas e oficinas de arte. Já confirmaram presença, na “farra dos bois”, representantes ilustres deste que é um dos mais populares folguedos nacionais, como o grupo paraibano “Tenente Lucena”, que defende a “informatização do folclore”, ligando o passado histórico ao “futuro espacial”. Por isso não se assuste quando um grupo de nordestinos, vestindo um figurino típico do sertão, a nossas praças. Serão apresentações da mostra paralela do “Bois em Farra”, um encontro inédito no sul do país, que ainda traz à Florianópolis, o levantador oficial do boi “Garantido”, David Assayag, considerado o garoto de ouro do boi amazonense, o grupo cearense Luar do Sertão e o grupo Paraná, um dos mais representativos do Boi alagoano.

De Santa Catarina comparecem grupos dos municípios de Itajaí, Laguna, Jaguaruna, Palhoça, Imaruí e Florianópolis, que asseguram outras colorações ao Boi-de-Mamão, que já acompanha a população Catarinense há mais de 100 anos.

Não existe uma data histórica marcando a introdução do auto do boi em terras catarinenses, mas a primeira referência a esse folguedo em nossa literatura, aconteceu através de José Boiteux, que cita na obra “Águas Passadas”, de 1932, uma dança de boi-de-mamão em frente ao Palácio do Governo, em 1871. De lá para cá o Boi-de-Mamão se fortaleceu e acabou se transformando em um dos mais legítimos representantes do folclore catarinense, com mudanças, adaptações e improvisos sobre a bela história da morte e ressurreição do boi. Hoje a brincadeira ressurgiu com toda a força e, através do Encontro Nacional de Folclore, encontra a ressonância de outras danças do Boi, espalhadas por todo o país.

De onde vem o Boi

Nas diferentes culturas existentes ao longo dos tempos, os animais têm sido temidos - quando parecem possuidores de forças sobrenaturais - e venerados - quando se tornam símbolos. Alguns animais, como os bisões (espécie de touro), exerceram especial fascínio sobre os homens de diferentes

partes do Velho Mundo. No Novo Mundo porém, o homem pré-histórico não conheceu o boi, que foi posteriormente introduzido pelos colonizadores. No caso brasileiro, há que se considerar a extraordinária proliferação desse animal por todo o território, o que, de certa forma pode nos aproximar de comportamentos simbólicos também aqui existentes, como o Bumba-meu-Boi.

Na consideração das origens desse ritual no Brasil, alguns estudiosos apontam o “Auto do Vaqueiro”, de Gil Vicente, o “Boi Apis” egípcio, o “Boeuf Gras” francês, o “Boi de Canastra”, português, e ainda as touradas ibéricas. Trata-se, portanto, de um processo sincrético cujas matrizes estrangeiras não inibiram o reprocessamento de novas formas simbólicas, resultantes da própria realidade cultural brasileira. Atualmente, por sua impressionante distribuição geográfica (é representado do Oiapoque ao Chuí), pelas diferentes posições no calendário, pelas variações nominais e temáticas, o Bumba é considerado um genuíno representante da cultura popular de nosso país.

O Bumba-meu-boi é designação genérica. Que outros nomes recebe este ritual? Eles diversificam segundo a região ou o Estado de origem: “Boi-bumbá”, na Amazônia; “Bumba-boi”, no Maranhão; “Boi Surubi”, no Ceará; “Boi Calemba”, no Rio Grande do Norte; “Bumba-meu-boi”, em Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia; “Boi-de-Reis”, na Paraíba e no Espírito Santo; “Boizinho”, em Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Mato Grosso e Rio Grande do Sul; “Boi Pintadinho”, no Rio de Janeiro; “Boi-demamão”, no Paraná e em Santa Catarina. Existem ainda grupos que são nomeados pela localidade de vigência (“Boi de Laguna”, Laguna-SC), pelo material de confecção (“Boi-de-pano”), pelo organizador (“Boi do Manoel”, “Boi do ‘Seu’ Pedro”, etc).

Esses grupos são sazonais, vinculados aos principais ciclos de festividades - natalino, junino e carnaval.

Afinal, o que dramatiza o Bumba-meu-boi? De um modo geral, o enredo gira em torno de um fazendeiro que possui um boi favorito que é secretamente morto pelo vaqueiro para satisfazer o “desejo” de sua mulher grávida. Ela deseja comer “a língua do boi mais bonito da fazenda”, e, como é imperativo satisfazer o desejo dessa natureza, ele não tem alternativa. Após uma série de incidentes, o crime é descoberto e o vaqueiro é preso e obrigado a ressuscitar o animal para recuperar a liberdade. Ajudado por um pagé ou feiteira, o bicho recupera a vida, o que é comemorado com muita euforia.

Esta dramatização também apresenta variações, como no Boi-de-mamão catarinense, onde o animal não é morto, mas “adoece” e é curado por interferência do médico ou da feitiçeira.

Creio que o ritual do Bumba-meu-boi permite aos homens, através dos personagens, com seus cantos e danças específicos, representar-se a si mesmos e suas relações com a natureza e a sociedade.

Cácia Frade - antropóloga, professora da UERJ, membro da Comissão de Folclore/IBICC/UNESCO.

ALEVANTA BOI BRINCÁ

Depois de quase uma duas décadas de uma espécie de “sonolência”, o Boi-de-mamão está voltando com toda a força na Ilha de Santa Catarina. Desta vez a dramatização colorida e coreográfica da morte e ressurreição do boi, está renascendo graças às crianças, através de grupos ligados à rede municipal de ensino e do trabalho de folcloristas obstinados por manter viva uma das tradições mais bonitas do folclore ilhéu. Em Sambaqui, comunidade localizada ao norte da Ilha, crianças de até 6 anos preparam um grupo de Boi-de-mamão onde até a cantoria - espaço tradicional dos adultos - será comandada pelos pequenos. “Queremos que eles assumam tudo, pois isso fortalece cada vez mais a cultura local”, diz o pesquisador e artista plástico Antônio Carlos Cunha, o Carlinhos, um dos criadores do grupo folclórico Boi-de-mamão do Sambaqui. Assim como os mais de 10 grupos de Boi-de-mamão espalhados pela Ilha, o Boi do Sambaqui possui características diferenciadas, que o colocam em uma linha ecológica.

O folguedo do Boi mostrou os primeiros sinais de uma emergente vitalidade em Sambaqui no início dos anos 80, através de uma legítima resistência da comunidade contra a especulação imobiliária, um dos tantos vilões que rondam os espaços públicos da Ilha. Foi em 1982 que eclodiu o protesto organizado pela população local contra a instalação de uma marina que iria privatizar a “Ponta do Sambaqui”. Na hora difícil, eis que surgiu o Boi, unindo a comunidade e dançando com uma faixa de protesto. Graças ao trabalho de ligação entre a tradição e os novos significados que o Boi vai adquirindo, a brincadeira já virou coqueluche entre as crianças do Sambaqui. Hoje, as cantigas do boi servem até para embalar o sono dos bebês.

Em comunidades como a Barra da Lagoa, Rationes, Canto da Lagoa e Costa da Lagoa, o Boi-de-mamão já se tornou um apelo irreversível às crianças. “Todos participam, pois quem não entra na cantoria pode encarnar algum bicho ou outro personagem, ou ainda participar da confecção das fantasias e máscaras”, diz o professor Reinaldo Manuel Gonçalves, ligado ao projeto Alevanta Boi Brincá, da Secretaria Municipal da Educação. Com a verdadeira ressurreição do Boi, adormecido por duas décadas de ditadura militar, ressurgem aos poucos, danças populares em décadas passadas, como a Cana Verde, Ciranda e Caranguejo.

De acordo com o folclorista Doralécio Soares, algumas danças e hábitos do Boi-de-mamão ainda permanecem submersas na memória dos mais velhos, como a dança do cupido, que antecedia o auto do Boi, ou o hábito de se entregar flores à platéia que se reunia para assistir ao espetáculo. O Boi já não dança de casa em casa, como ocorria antigamente, mas, aos poucos, a conexão que se quebrou entre os mais velhos e as gerações que enfrentaram (e enfrentam) uma série de mudanças econômicas e sociais que mudaram a Ilha, vai retornando. Em Rationes, onde a brincadeira ficou adormecida por quase 30 anos, o milagre do renascimento do Boi, saiu da história encenada na rua e está acontecendo de verdade, através da participação de velhos, jovens e crianças em torno do Salão Paroquial do bairro.

Mas ainda falta ao folclore ilhéu, ao Boi-de-mamão, o fundamental apoio, tanto de órgãos públicos, quanto da iniciativa privada. Segundo Firmínio Polidoro Pires, que mantém no Itacorubi um dos grupos de Boi-de-mamão mais antigos em atividade na Ilha, falta sensibilidade de agentes culturais e incentivo dos governantes. “Por qualquer R\$ 500,00 abandonam o nosso Boi para contratar conjuntos vagabundos, que nada tem a ver com nossa identidade cultural”, reclama “Seu Firmínio”. Segundo ele, os grupos de Boi-de-mamão já viveram dias melhores, através do apoio do Governo do Estado, ou em décadas mais alegres, como nos anos 50 e 60. “Tinha o Boi do Lili, do Morro José Mendes, o Boi da Jaqueta, famosíssimo, do Morro do Céu, e uma série de outros grupos”, lembra o folclorista. Mas enquanto o apoio não chega, vão pipocando nas comunidades do interior da Ilha, os mais diversos **Bois-de-mamão Mamão**, que trazem a reboque uma identidade cultural que não quer - e não pode - se perder.

SANTO AMARO REVIVE TRADIÇÃO E ALEGRIA DA FESTA DO DIVINO

Jornal O Estado

Festividade que existe há 142 anos, relembra as tradições açorianas e a visita da Família Imperial.

Começa neste sábado, em Santo Amaro da Imperatriz, a tradicional Festa do Divino Espírito Santo. A festa já existe há 142 anos, e foi realizada pela primeira vez, no dia 29 de maio de 1854, com a fundação da paróquia do município. Além de ser uma tradição açoriana, a festa relembra a vinda da Família Imperial à Santo Amaro, no ano de 1845.



Visita da Família Imperial, em 1845, é relembrada com a tradicional festa

O ponto alto da festa será neste sábado, a partir das 18h30min, com a saída do Cortejo Imperial da prefeitura para a matriz. O casal de imperadores vai ser representando por José Cláudio Kloppel e Rosângela Kloppel.

De acordo com o secretário de Educação do município e um dos coordenadores do evento, José Carlos Luckmann, a expectativa é a de que passem pela cidade 40 mil pessoas. Segundo ele haverá muitas atrações musicais, parques de diversão para a garotada, barraquinhas e um completo serviço de bar e cozinha.

No domingo e na segunda-feira, haverá o almoço festivo com a presença do Imperador e seus convidados. No cardápio, churrasco e galinha assada. O almoço custa R\$ 3,00 e vai ser realizado no Salão Frei Dalvino.

No encerramento da festa, a partir das 10 horas da manhã, vai acontecer o tradicional enterro dos ossos, no qual o novo imperador sai pelas ruas da cidade, com a banda de música de Santo Amaro, fazendo a despedida dos festejos. “É uma grande festa, da qual todos os moradores participam. O enterro já é uma tradição da nossa cidade e para fechar com chave de ouro, às 17 horas teremos um grande show com o conjunto musical Sigma”, diz José Carlos.

Toda a renda da festa será para as obras de restauração da igreja, que devem ficar pronta em novembro.

SÃO BENTO VESTE TRAJES TÍPICOS PARA TRACHTENFEST

JORNAL A NOTÍCIA DE 24/06/96

São Bento do Sul - Se Trachtenfest já não é a coisa mais simples de pronunciar, que tal Volkstanzgruppe Grünes Tal e outros nomes de grupos folclóricos que estarão presentes à Festa dos Trajes Típicos, hoje e amanhã em São Bento do Sul? São um total de 34 grupos, de várias cidades de São Paulo, Paraná e Santa Catarina, que com seus trajes, danças e alegria, vão colorir a cidade neste sábado e domingo.

A idéia da festa teve origem há 40 anos no “Bauernball”, que foi inicialmente concebido por sugestão de Donaldo Ritzmann, para ser um baile de trajes típicos, com as pessoas usando vestimentas típicas da região originária de cada família. Após debates, ficou resolvido que cada pessoa poderia usar o que quisesse, desde que o traje fosse típico. Em 1956 realizou-se o primeiro Bauernball - baile camponês - com muitos participantes usando roupas trazidas diretamente da Alemanha. Continuando a tradição do baile,

apenas em 1989 foi realizada a primeira Trachtenfest. Dois anos depois, por razões particulares, ela foi desativada.



No ano passado, a Fundação Cultural de São Bento do Sul, com apoio dos grupos folclóricos da cidade, decidiu voltar a realizar a festa, resgatando a tradição e enriquecendo o calendário de eventos típicos da cidade. A edição da Trachtenfest de 1995, superou as expectativas, com a participação de mais de 20 grupos de vários estados brasileiros.

Para este ano estão inscritos 34 grupos, reunindo cerca de 800 participantes, fazendo da Trachtenfest, a maior festa de trajes típicos de que se tem notícia no país. Os visitantes serão recepcionados na Sociedade Ginástica e Desportiva São Bento. A abertura oficial será hoje, às 16 horas, no Centro Cultural, com animação da Banda Trem1. Após a abertura, todos desfilarão pelo centro da cidade, terminando o desfile no ginásio de esportes do Colégio Estadual São Bento, onde haverá apresentação de danças típicas. A entrada é franca. À noite, o conjunto musical “Os Sonatas” anima o baile da integração na Sociedade Ginástica. Para amanhã está programado um culto ecumênico no Centro Cultural, seguido de atividades de lazer e o almoço de encerramento, às 12 horas, na Sociedade Ginástica.

Segundo Célia Weiss, presidente da Fundação Cultural, a Trachtenfest vem resgatar muita coisa bonita da tradição germânica, principalmente o colorido e a alegria.

FESTA DO DIVINO

DIRCÉA BINDER

MUSEU NACIONAL DO MAR

São Francisco do Sul

31 de maio de 1996

“O culto ao Divino Espírito Santo é festejado em Santa Catarina através de grandes festas. As reverências do Divino começam com as Bandeiras no recolhimento de óbulos, esórtulas, esmolos, coletas e ofertas,



cujo resultado é empregado na festa. O aspecto folclórico que mais se reveste de popularidade, é realmente a Bandeira do Divino, cuja tradição vem sendo conservada até a época atual”.

Doralécio Soares, historiador e folclorista

“Buscando a valorização geral do artista do sexo feminino, Dircéa Binder partiu para a pesquisa de novas linguagens plásticas.

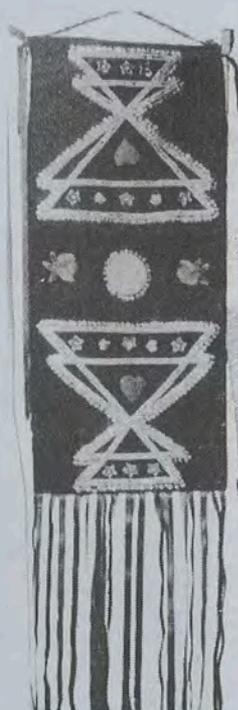
Inicialmente buscou inspiração nas pinturas murais das mulheres sul-africanas. A preocupação com o caráter ornamental e ritualístico da arte africana, teve continuidade na série seguinte de seus trabalhos, que se constituiu de recortes de papel. Nesses recortes haviam reminiscências da arte de recorte do “Pão-por-Deus”, tradição açoriana praticamente esquecida. No caso, cada comunidade tinha sua recortadeira favorita, que era a autora dos trabalhos de tesoura mais originais e de execução mais primorosa.

A tradição dos bicos de papel, que ornamentavam as prateleiras dos armários de cozinha, também estava presente no trabalho

De Dircéa, que se filia ao movimento de resgate antropológico, uma das vertentes mais expressivas da arte contemporânea, dada a sua dimensão social. Do papel a artista passou aos tecidos, mantendo os recortes e acrescentando os bordados, as aplicações e as mais variadas técnicas de agulha e linha. Impressiona o domínio técnico com que essas peças são executadas, bem como as soluções formais encontradas, que remetem sempre as tradições populares diversas.

Os estandartes do Divino mostram com uma exuberância barroca, a profusão de cores, texturas e símbolos, que permeiam a iconografia dessa que é a maior festa religiosa do litoral catarinense.

Apropriando-se dos signos e profanos, a autora submete-os a sua ótica pessoal, dando-lhes uma dimensão nova e assegurando seu lugar na contemporaneidade.



Numa visão livre de elementos heráldicos que bem poderiam integrar o movimento armorial do nordeste, Dircéa cria seus estandartes com alegria e paixão.

Sua arte é um receptáculo das mais variadas influências, aberta à tradição e ao novo, tem um caráter eclético e pluralista. Tradições seculares estão presentes, tanto na iconografia, como nas técnicas utilizadas para expressá-las.

É um trabalho, enfim, que impressiona e fascina, demonstrando o imenso potencial artístico contido nestas artes femininas tão menosprezadas e de tão escasso apreço”.

João Otávio Neves Filho-JANGA
Crítico de Arte, Membro da ABCA/AICA

JORNAL O ESTADO DE 31.05.96

Artista plástica expõe seus estandartes sobre a festa religiosa: são obras de várias técnicas.

São Francisco do Sul - A exposição Festa do Divino, da artística plástica Dircéa Binder, abre hoje, a partir das 20 horas, no Espaço de Artes Plásticas do Museu Nacional do Mar, em São Francisco do Sul. Essa mostra inaugura o ciclo de exposições de artistas, organizado pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC), neste museu. A mostra poderá ser visitada até 23 de junho.

São 25 obras contemporâneas, onde a artista utiliza as mais diversas técnicas de trabalhos manuais, como o bordado, o crochê, as aplicações e também a pintura. Tradições seculares estão presentes na iconografia escolhida e que revela, segundo o crítico de arte, Janga, o “potencial artístico contido nessas artes tão femininas, tão menosprezadas e de tão escasso apreço”.



A crítica define o trabalho de Dircéa pós vanguarda, porque admite que ele tenta resgatar, apropriando-se dos signos sacros e profanos, o folclore da cultura luso-açoriana. Os recortes da tradicional arte do Pão-por-Deus, da primeira fase, são substituídos agora pelos estandartes do Divino. Uma exuberância barroca com profusão de cores, texturas e símbolos.

Há um ano envolvida com a execução dos estandartes, a artista natural de Caçador, se diz obcecada pelo tema da Cultura Brasileira nas suas três vertentes: afro, indígena e luso-açoriana.

“Tenho um fascínio pela ancestralidade, pela origem, e aqui em Santa Catarina há um folclore riquíssimo, onde não existe limites para a inspiração”, disse.

Para Janga, Dircéa, na sua visão sui-generis, “choça por vezes o espectador mais preconceituoso, pois não se amordaçar no tradicional bom gosto. Passeia entre Kitsch manipulado conscientemente as mais requintadas soluções”.

Trajatória - Dircéa Binder começou sua atividade artística em 1973, quando deixou o Oeste do Estado para se estabelecer em Florianópolis. Ela já participou de uma centena de exposições no Brasil e em vários países. Possui obras nos acervos dos principais museus e centros culturais do Brasil e também de alguns no exterior (Casa de Cultura de Fafe, Portugal/Interdek Galeru - Glasgow, Escócia). Tem também uma atuação expressiva do movimento de artes plásticas de Santa Catarina

VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE

DOCUMENTO FINAL

O VIII Congresso Brasileiro de Folclore, reunido em Salvador, Bahia, de 12 a 16 de dezembro de 1995, procedeu à releitura da Carta do Folclore Brasileiro, aprovada no I Congresso Brasileiro de Folclore, realizado no Rio de Janeiro, de 22 a 31 de agosto de 1951.

Esta releitura, ditada pelas transformações da sociedade brasileira e pelo progresso das Ciências Humanas e Sociais, teve a participação ampla de estudiosos de folclore, dos diversos pontos do país, e também teve presente as Recomendações da UNESCO sobre Salvaguarda do Folclore, expressas

em documento aprovado em 15 de novembro de 1989, por ocasião da 25ª Reunião, em Paris, de 16 de outubro a 17 de novembro de 1989.

A importância do folclore como parte integrante do legado cultural e da cultura viva, é um meio de aproximação entre os povos e grupos sociais e de afirmação de sua identidade cultural.

Capítulo I - CONCEITO

1. Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação na manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade. Ressaltamos que entendemos folclore e cultura popular como equivalentes, em sintonia com o que preconiza a UNESCO*. A expressão cultura popular manter-se-á no singular, embora, entendendo-se que existem tantas culturas quantos sejam os grupos que a produzem em contextos naturais e econômicos específicos.

2. Os estudos de folclore, como integrantes das Ciências Humanas e Sociais, devem ser realizadas de acordo com metodologias próprias dessas ciências.

* Recomendação da UNESCO sobre Salvaguarda do Folclore, por ocasião da 25ª Reunião da Conferência Geral da UNESCO, realizada em Paris em 1989 e publicada no Boletim nº 13, da Comissão Nacional de Folclore, janeiro/abril de 1993.

3. Sendo parte integrante da cultura nacional, as manifestações do folclore são equiparadas às demais formas de expressão cultural, bem como seus estudos aos demais ramos da Humanidade. Conseqüentemente, deve ter o mesmo acesso, de pleno direito, aos incentivos públicos e privados concedidos à cultura em geral e às atividades científicas.

Capítulo II - PESQUISA

1. A pesquisa em folclore pede, na atualidade, um reaparelhamento metodológico dos pesquisadores, combinando os procedimentos de

investigação e de análise provenientes das diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais.

2. A pesquisa folclórica produtiva será aquela que constituir avanço teórico na compreensão do tema e em resultados práticos que beneficiem os agrupamentos estudados, objetivando também a auto-valorização do portador e do seu grupo quanto à relevância de cada expressão, a ser preservada e transmitida às novas gerações.

3. Recomenda-se o desenvolvimento de programas de pesquisas integradas, regionais e nacionais, sobre temas específicos, com metodologias comuns, com o objetivo de propiciar estudos comparativos.

4. Recomenda-se, como metodologia de pesquisa, atuação participativa, integrando pesquisador e pesquisado em todas as etapas de apreensão, compreensão e devolução dos resultados da pesquisas à comunidade.

5. Recomenda-se a organização de núcleos de pesquisas científicas e multidisciplinares.

Capítulo III - ENSINO E EDUCAÇÃO

Recomenda-se:

1. Desenvolver ação conjunta entre os Ministérios da Cultura e da Educação a fim de que o conteúdo do folclore e da cultura seja incluído nos níveis da 1º e 2º graus e como disciplina específica do 3º grau de forma mais ampla, incluindo enfoque teórico e prático através do ensino regular, de oficinas, de observações e de iniciação às pesquisas bibliográficas e de campo.

2. Considerar a cultura trazida do meio familiar e comunitário pelo aluno no planejamento curricular, com vistas a aproximar o aprendizado formal e não formal, em razão da importância de seus valores na formação do indivíduo.

3. Envolver os educadores de diferentes matérias em torno do folclore, considerando-o um amplo campo de ação para os estudos e a prática da multidisciplinaridade.

4. Buscar assessoramento para ação pedagógica relacionada ao folclore junto a instituições de estudo e pesquisa e/ou especialistas.

5. Manter, ampliar e melhorar a oferta de cursos de Folclore com vistas ao aperfeiçoamento dos especialistas em exercício na área do Folclore e a reciclagem de professores, a fim de que possam recorrer à produção científica mais recente, que veicule uma visão contemporânea do folclore/cultura popular.

6. Intensificar a promoção de cursos de Folclore aplicado à Escola que envolvam, além da temática geral, o aprendizado de técnicas de construção artesanal e arte popular, a prática de grupos vocacionais e instrumentais, com repertório de música folclórica, direcionado a professores de 1º e 2º graus, propiciando-lhes condições para que deles participem.

7. Incluir o ensino de Folclore nos cursos de 2º grau (Habilitação/Magistério), nos cursos de Comunicação, de Artes, de Educação Física, de História, de Geografia, de Turismo, nos Conservatórios e Academias de Artes em geral, Faculdades de Ciências Humanas e Sociais, de Pedagogia, de Serviço Social.

8. Designar para lecionar a disciplina Folclore, os professores com especialização na área ou em outras disciplinas afins, com reconhecida experiência.

9. Fomentar a criação de Cursos de Graduação e/ou Pós-Graduação, que formem especialistas direcionados à pesquisa da cultura popular.

10. Incorporar o tema folclore aos programas do PET e outros programas, tais como Monitoria e Iniciação Científica, a estudantes participantes de pesquisa de folclore.

12. Orientar a rede escolar para que as datas relativas ao Folclore e Cultura, sejam comemoradas como um conjunto de temáticas que devem constar dos conteúdos das várias disciplinas, pois, configuram expressões em diferentes linguagens - a da palavra, a da música, a do corpo - bem como técnicas, cuja prática implica acumulação e transmissão de saberes e conhecimentos hoje sistematizados pelas Ciências. Instruir os professores para que motivam seus alunos, em tais datas, a estudar manifestações do seu próprio universo cultural.

Estreitar o contato das Comissões Estaduais de Folclore com diferentes instituições de 1º, 2º e 3º graus, para estabelecer e/ou atualizar programas regulares de cursos sobre pesquisa e ensino de Folclore.

14. Promover a articulação entre pesquisadores e professores no sentido de participação na coleta e organização de coletâneas que reflitam as diversidades culturais regionais, com vistas à sua divulgação, valorização e aproveitamento didático do acervo folclórico.

15. Realizar o levantamento mais completo possível do cancionário folclórico, das danças e dos brinquedos e brincadeiras infantis, considerando os fatores de educação, de desenvolvimento do gosto pela música/dança e de sociabilidade, valorizando-se o material tradicional com vistas ao seu aproveitamento no processo educativo. As canções devem ser transmitidas em pauta musical com o respectivo

texto e as demais indicações necessárias: tessitura conveniente para voz infantil, detalhes da prosódia musical, eventual movimentação.

16. Incentivar a produção de textos e outros recursos em linguagem acessível ao leigo, bem como a produção de textos para deficiente visual e/ou auditivo, recorrendo-se para a sua divulgação a veículos diversos: publicações acadêmicas, revistas de educação, programas de rádio e televisão, programas produzidos pelas televisões educativas e publicações paradidáticas.

17. Realizar seminários, congressos etc. para apresentação e discussão de relatos de experiências pedagógicas e resultados de pesquisas.

18. Reconhecer a diversidade lingüística do Brasil e respeitar, sem discriminação, os falantes procedentes das várias regiões e de todas as camadas sócio-culturais.

Capítulo IV - DOCUMENTAÇÃO

1. Reconhece-se a importância da documentação folclórica em todos os seus aspectos, utilizando-se dos meios tecnológicos específicos.

2. Recomenda-se o levantamento do calendário folclórico em âmbito estadual, mediante a articulação com os grupos e órgãos locais.

3. Recomenda-se que a documentação deve ficar sob a guarda de instituições apropriadas, ligadas ao estudo e à pesquisa do folclore, como museus, fundações, universidades e outros centros de documentação.

Capítulo V - SALVAGUARDA E PROMOÇÃO

1. Reconhece-se a importância do apoio às manifestações folclóricas. Esse apoio deve-se dar, sobretudo, no sentido de assegurar as condições sociais e naturais aos homens para garantir o florescimento de suas expressões culturais dinâmicas.

2. Recomenda-se que as Comissões Estaduais se articulem com os órgãos locais, para a realização de pesquisas e outras atividades que visem a promoção e a salvaguarda dos portadores e de grupos folclóricos de qualquer natureza.

3. Reconhece-se a necessidade de fortalecimento dos organismos oficiais, de caráter nacional, estadual e municipal que se destinam à defesa do patrimônio folclórico do Brasil.

Capítulo VI - DIREITO DO AUTOR

1. Recomenda-se adotar providências adequadas à defesa do patrimônio musical folclórico, particularmente no caso das melodias de

domínio público, dos folhetos de cordel, impedindo a apropriação dos mesmos por terceiros, realizando-se o procedimento de registro em órgãos competentes.

2. Instrumentalizar as Comissões Estaduais para iniciarem o registro do patrimônio musical de suas regiões.

3. Recomendar a indicação da procedência dos temas folclóricos nas composições que contenham estes temas em qualquer de seus aspectos.

4. Zelar pelo direito dos artesãos e artistas populares de livremente estipularem o valor de suas obras e do mesmo modo, zelar e respeitar o direito de imagem que lhes deve ser conferido.

Capítulo VII - EVENTOS

Recomenda-se:

1. Divulgar o calendário nacional de atividades culturais, em particular de eventos ligados à estrutura global das comunidades - considerando aspectos de economia, da ordem política e cultural -, informando, além do registro cronológico das festas tradicionais, outros dados referentes à historicidade e estrutura da manifestação, detalhes dos participantes, importância para o contexto, etc.

2. Prestigiar e divulgar as manifestações artísticas representativas das diferentes comunidades.

3. Respeitar os interesses dos representantes da cultura popular nas decisões relacionadas à dinâmica de suas manifestações, sem atitudes paternalistas, nem imposição de modelos alheios ao próprio folclore.

4. Promover Semanas de Folclore.

Capítulo VIII - TURISMO

Reconhece-se que a relação folclore e turismo é uma realidade. O turismo pode atuar como divulgador do folclore e como fonte de recursos para o crescimento da economia local, o que pode significar melhoria da qualidade de vida das camadas populares. Esta relação, porém, precisa ser avaliada no sentido de resguardar os agentes da cultura popular das pressões econômicas e políticas.

Capítulo IX - GRUPOS PARAFOLCLÓRICOS

1. São assim chamados os grupos que apresentam folguedos e danças folclóricas, cujos integrantes em sua maioria, não são portadores das tradições representadas, se organizam formalmente, e aprendem as danças e os folguedos através do estudo regular, em alguns casos, exclusivamente bibliográfico e de modo não espontâneo.

2. Recomenda-se que tais grupos não concorram em nenhuma circunstância com os grupos populares e que, em suas apresentações, seja esclarecido aos espectadores que seus espetáculos constituem recriações e aproveitamento das manifestações folclóricas.

3. Os grupos parafolclóricos constituem uma alternativa para a prática de ensino e para a divulgação das tradições folclóricas, tanto para fins educativos, como para atendimento a eventos turísticos e culturais.

Capítulo X - COMUNICAÇÃO DE MASSA

Reconhece-se que não se pode mais desconsiderar o papel desempenhado pela comunicação de massa na dinâmica do folclore, tanto pela divulgação descontextualizada, quanto pela influência ideológica de valores que lhe são próprios. Recomenda-se o estudo das interrelações do folclore com os fatos da cultura de massa e, em especial, com as interferências, aproveitamento e reelaborações recíprocas.

Capítulo XI - PUBLICAÇÕES

1. Reconhece-se a necessidade da edição de obras sobre o folclore brasileiro e traduções de obras científicas em que se encontrem estudos e/ou pesquisas relevantes, além da reedição de livros fundamentais.

2. Reconhece-se a necessidade da divulgação dos estudos sobre as manifestações folclóricas através de todos os meios e recursos disponíveis.

Capítulo XII - INTERCÂMBIO

Considera-se de grande importância o intercâmbio entre estudiosos, pesquisadores e instituições afins, objetivando a mais ampla troca de informações, em âmbito nacional e internacional. Para tanto, recomenda-se a realização periódica de encontros, seminários, simpósios e congressos, nacionais e internacionais.

Capítulo XIII - SUBCOMISSÕES

Recomenda-se às Comissões Estaduais, estimular a criação de comissões municipais de folclore que poderão, se assim o quiserem, se vincular à Comissão Estadual.

Capítulo XIV - HIERARQUIAS

Recomenda-se atuar junto às autoridades religiosas, políticas, policiais e educacionais, no sentido de reconhecimento, prestígio e respeito às várias formas populares de expressão cultural.

Capítulo XV - RECURSOS FINANCEIROS

Reconhece-se a necessidade de recursos financeiros para a realização de pesquisas e ações de divulgação e apoio ao campo do folclore.

Para isso, sugere-se a sua captação junto às instituições oficiais de financiamento, bem como o desenvolvimento de mecanismos de parceria com a iniciativa privada.

Salvador, Bahia, 16 de dezembro de 1995.

RESGATANDO A CULTURA

Lages - Resgatando o tradicional Artesanato das “Rendas de Bilros”, a jovem lageana Fernanda Karine Souza Antunes, 1ª Prenda Mirim do MTG/SC, recebe de sua mãe Da. Elias Joaquina Duarte, a transmissão do aprendizado da feitura das Rendas de Bilros, existentes na Ilha de Santa Catarina (foto nº 1).

Na foto nº 2, Da. Noêmia Filomena de Souza, ensina o tradicional CRIVO a Fernanda, completando assim o ensinamento desses tradicionais artesanatos trazidos pelas famílias açorianas, quando para a Ilha de Santa Catarina foram transferidas dos Açores, entre os anos de 1846 a 1854, com a finalidade de povoamento para garantir a posse definitiva pelo governo português.



A Comissão Catarinense de Folclore, divulgando em boletim, tão importante ato, se congratula com essas mestras que não mediram esforços, mesmo com sacrifícios, para levarem para o planalto serrano este tradicional artesanato de tradição da Ilha e zona litorânea do estado catarinense. Esperamos entusiasticamente que outras jovens manifestem o desejo de acompanharem a jovem lageana Karine, nesse sentido, levando essa cultura de tradição popular à classe eletizante.



GRUPO DE ARTE E CULTURA "ILHA XUCRA"

Caixa Postal 6042 - Ag. Trindade
Rod. Admar Gonzaga, km 3
Bairro Itacorubi
88034-901 - Florianópolis-SC

Florianópolis, 28 de maio de 1996

Ilmo. Sr.
Tradicionalista Alexandre Tiezerini
Rua Hélio Vassun, 359
89900-000 - São Miguel do Oeste-SC



Prezado Senhor,

Esta entidade aprovou em assembléia geral a instituição de uma comenda destinada a fazer justiça para com as pessoas mais destacadas na

pesquisa, na documentação, na difusão e nas obras voltadas para as nossas raízes de cultura.

A comenda se constitui do diploma "O Pescador", figura símbolo desta região e relembra os mares, os primitivos pescadores indígenas, os navegadores e os desbravadores que cruzaram mares,



serras, savanas e coxilhas. Relembra, enfim, aqueles que tendo garantido os alicerces de nossa civilização, continuaram a reproduzir nos seus descendentes e pósteros, uma messe cultural, semelhante à grande missão daquele que foi o maior dos pescadores e um grande pastos: Jesus.

Vossa Senhoria, em sessão do Conselho de Vaqueanos, fórum legítimo para a decisão, foi escolhido para a primeira outorga da comenda. Fostes escolhido em primeiro lugar por seres um cidadão catarinense - nosso compromisso maior é com este Estado; por representares uma legenda viva das tradições desta terra; por capitanear, em 1958, a fundação do primeiro CTG em terras catarinenses; por manteres no ar, há 37 anos, um programa de rádio do mais alto nível cultural voltado para os valores de nossa cultura; e por muitas obras mais que conhecemos.

Temos a honra, pois, de dar-lhe ciência dessa outorga e registrar o convite para V.S. e excelentíssima esposa, compareçam à nossa sede para o ato solene de entrega.

A título de sugestão, assinalamos a data de 22 de junho de 1996, às 21 horas, durante a Ronda Cultural e a Tertúlia que realizamos periodicamente.

Queremos que o casal seja hospede nosso naquele fim-de-semana, para o que estamos organizando passeios e contatos com locais turísticos e pessoas.

É de nosso interesse também convidar para este ato o casal Sérgio/Eda Volpi, dessa cidade, cuja comunicação estamos mantendo. Oportunamente poderemos entrar em detalhes por telefone.

Certos de V.S. nos dará a honra de sua presença naquela data ou noutra a combinar, desde já agradecemos e permaneceremos ao seu dispor.

Fraternalmente,

Com nossas Saudações Tradicionalistas.

Homero M. Franco
p/Conselho de Vaqueanos

Celívio Holtz
Patrão Geral

NOTA: Justa homenagem conferida a um dos maiores folclorista de Santa Catarina, cujo trabalho de pesquisa e divulgação, merece os louvores da Comissão Catarinense de Folclore.

Doralécio Soares.Pres.

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE

PALÁCIO ITAMARATY - AV. MARECHAL FLORIANO, 196
CEP 20.080-002 - RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL

BOLETIM Nº 20

(Segunda Época)

Setembro de 1996

2º SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE AÇÕES INTEGRADAS EM
FOLCLORE

4º ENCONTRO COM FOLCLORE/CULTURA POPULAR

Campinas, SP, 28 de agosto - 1º de setembro de 1996

Realizou-se, em Campinas, São Paulo, no período de 29 a 31 de agosto, o 2º Seminário Nacional sobre Ações Integradas em Folclore, na programação do 4º Encontro com Folclore/Cultura Popular, durante as comemorações do 30º aniversário de criação da UNICAMP.

Além do Seminário, o programa do 4º Encontro incluiu um Curso de Introdução ao Folclore - destinado a professores da rede escolar - feira cultural, apresentação de grupos folclóricos e de projeção folclórica e mostra de vídeos.

O 4º Encontro, promovido pela UNICAMP através da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários e Assessoria de Eventos, teve a colaboração da Comissão Nacional de Folclore, Coordenação de Folclore e Cultura Popular/FUNARTE, Comissões Estaduais de Folclore e apoio do Instituto de Artes e Centro de Assistência aos Funcionários (UNICAMP), da Prefeitura Municipal de Campinas, Secretarias Municipais de Educação e de Cultura, Prefeituras Paulistas de Atibaia, Tietê, São José do Rio Pardo, Capela do Alto, Ribeirão Grande; de Vitória/ES; de Contagem/MG; de Goiânia; Centro de Eventos de Iguape/SP e patrocínio do Banco do Brasil.

Na solenidade de abertura do 4º Encontro, realizada no auditório do Instituto de Artes, usaram da palavra a Professora Regina Müller, Diretora do Instituto e os Professores Ângelo Zanata Trappé, representando o Reitor José Martins Filho e o Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários Archimedes Perez Filho, e Ático Boas da Mota, Presidente da Comissão Nacional de Folclore.

Os trabalhos do 2º Seminário desenvolveram-se em três sessões, com a participação da Comissão Nacional e Comissões Estaduais: 1ª - Informe de atividades das Comissões. Relatório dos trabalhos realizados e projetos em andamento. Expositores: Aglaé Fontes de Alencar (SE), Altimar Pimentel (PB), Esther Karwinski (SP), Frei Francisco Van der Poel (MG), Lilian Argentina (RS), Maria Augusta Calado (GO), Maria Brígido (PA), Maria Del Rosário Suárez de Albán (BA), Roberto Benjamin (PE), Ulisses Passarelli (RN), Comissão Nacional de Folclore - Bráulio do Nascimento e UNICAMP - Regina Müller. Coordenador: Paulo de Carvalho Neto e Relatora: Delzimar Coutinho. 2ª - Temas: Uso apropriado da palavra Folclore; Incentivo aos grupos folclóricos; Incentivo ao artesanato e projetos de pesquisas em nível nacional/integração de temas e metodologias. Coordenador: Frei Francisco Van der Poel; Relatores: Altimar Pimentel e Ulisses Passarelli. 3ª - Temas: Bibliografia Nacional de Folclore, Cursos de Folclore/Cadastro Nacional de Professores de Folclore, por especialização; Publicações (boletins e outros): Institucionalização das Comissões e da Comissão Nacional; Articulação com Universidades, Coordenação de Folclore e Cultura Popular/FUNARTE

e outras instituições. Coordenadora: Aglaé Fontes de Alencar; Reladoras: Cásia Frade e Maria del Rosário Suárez de Albán. O temário do 2º Seminário foi elaborado pela Comissão Nacional, com sugestões de diversas Comissões Estaduais. No encerramento dos trabalhos foi redigido um Documento Final, discutido pela assembléia, publicado a seguir.

Os relatórios de atividades das Comissões, bem como as sugestões encaminhadas para o temário do 2º Seminário, serão publicadas na íntegra, nos Anais.

Cabe mencionar ainda: 1. A proposta apresentada por Altimar Pimentel para elaboração de projeto para integrar as comemorações do 5º centenário do Descobrimento do Brasil; 2. A proposta da Comissão Norte-Riograndense, feita por Ulisses Passarelli, no sentido de que o IX Congresso Brasileiro de Folclore seja realizado em 1998, em Natal, durante as comemorações do centenário de nascimento de Luís da Câmara Cascudo; 3. A informação da Professora Angélica Pfister e José Avelino Bezerra sobre a criação, na UNICAMP, de um Centro de Estudos de Folclore em fase de projeto, solicitando às Comissões Estaduais, documentação para a ampliação do acervo e representatividade das diversas regiões.

CURSO DE INTRODUÇÃO AO FOLCLORE

Destinado aos professores da rede escolar, foi incluído no programa do 4º Encontro um Curso de Introdução ao Folclore, no período de 29 a 31 de agosto, constituído das seguintes matérias: Conceito de Folclore/Metodologia de Pesquisa - Prof. Roberto Benjamin (UFRPE); Literatura Oral - Profª Maria del Rosário Suárez de Albán (UFBA); Artesanato - Profª Maria das Mercês T. Parente (MICT-Brasília); Música e Lúdica Infantil - Profª Rose Marie Reis Garcia (UFRS); Grupos Populares - Prof. Edimilson de Almeida Pereira (HFJF); e Danças Folclóricas - Profª Rosa Maria Barbosa Zamith (UFRJ)

SOLIDÃO, VELHICE & FOLCLORE

Mário Souto Maior
Da Fundação Joaquim Nabuco



Dizem que a solidão é a maior doença social do século, afirmativa que me parece fugir à verdade, de vez que o ser humano sempre conviveu com este problema durante toda a História da humanidade.

O cristianismo, tem embalado o sonho religioso de tanta gente através dos séculos, ensina que Deus fez Adão à sua imagem e semelhança e, depois de lhe dar o sopro da vida, constatou que o primeiro homem vivia muito solitário no luxuriante Paraíso Terrestre, desconhecendo qualquer outro seu semelhante, vendo apenas sua imagem refletida na tranqüila superfície das águas, sem ter com quem falar. Foi quando Deus, aproveitando o momento em que Adão dormia profundamente, tirou-lhe uma costela e dela fez Eva, pondo termo ao problema de sua solidão, dando origem a outros, próprios de quem tem vida em comum.

Acredito, entretanto, que sendo a solidão a maior doença social dos séculos, o problema tenha se agigantado nos dias em que vivemos, em conseqüência da densidade demográfica dos grandes centros urbanos, responsável pela diminuição do relacionamento social entre as pessoas, o que não acontece nas pequenas cidades, onde a vida social é muito mais ampla, por força de as pessoas se conhecerem melhor. Nas megalópolis, o número de pessoas que não se conhecem cresce assustadoramente, fazendo com que o relacionamento social se restrinja aos membros da mesma família, aos vizinhos ou aos que habitam os edifícios de apartamentos. No mais, as pessoas apenas se

conhecem no local de trabalho, gerando, assim, uma dualidade sócio-familiar. Acredito até mesmo que a ausência das cadeiras nas calçadas - hábito de alguns séculos e que ainda hoje persiste nas pequenas cidades - tenha a ver com o enclausuramento a que estamos condenados.

Acontece, também, que o isolamento das pessoas nos grandes centros e até mesmo nas cidades menores, possa ser uma decorrência da televisão que muito tem a ver com a diminuição da vida em sociedade, escravizando as pessoas através de suas telinhas mágicas. Outra causa do isolamento social é o clima de insegurança nas ruas - palco cotidiano de assaltos e de toda a sorte de violência - fazendo com que as pessoas não saiam tanto de casa, como acontecia antigamente. As sorveterias (as caixinhas de sorvetes, de diversos sabores, são adquiridas nos supermercados), os cinemas (os filmes que chegam pela televisão ou por intermédio das locadoras), os barzinhos (as cervejas estão nas geladeiras), não levam mais as pessoas à rua, com exceção dos adolescentes, onde a insegurança é um fato e o orçamento doméstico da classe média não comporta despesas extraordinárias.

A violência, a insegurança, o medo, o cansaço após uma longa semana de trabalho, o orçamento doméstico apertado, a televisão, a moradia em apartamento, estão fazendo com que o homem, nas grandes cidades, fique cada vez mais em casa, cada vez mais só, convivendo com sua solidão. Uma solidão que adoce as pessoas, social e organicamente, fazendo-as irritadiças, provocando discussões, entre os casais, capazes de solapar até mesmo o equilíbrio da vida conjugal, criando, às vezes, uma outra forma de solidão ainda mais triste, que é a solidão a dois.

A solidão é, assim, uma doença social que faz maior número de vítimas entre as pessoas da terceira idade. Os adolescentes, os jovens, que mal começaram a descobrir os caminhos da vida, com exceção dos introspectivos e dos sonhadores, não se deixam dominar pela solidão. É que eles ainda estão sentindo as primeiras chamas de esperança, arquitetam seus projetos impulsionados pela aventura, têm uma meta a atingir. Os da terceira idade, pelo contrário, já percorreram muitos caminhos, tiveram suas decepções, sofreram adversidades, acordaram de todos os sonhos, rotinaram a existência e se encontram no crepúsculo da vida, ruminando e vivendo um passado remoto, povoado de saudades, esperando apenas seu ponto final. E tudo acontece ainda com mais impetuosidade quando as pessoas vestem a roupa dos anos vividos e

se entregam, de corpo e espírito, aos problemas da velhice. Mas se os velhos tiverem o espírito jovem e encararem a velhice como um estágio natural, essa velhice tomará outro rumo, mudará de feição.

A solidão dos velhos tem as suas causas, entre as quais a da família. Se o terceiro-doso tiver uma família numerosa - uns cinco filhos, por exemplo - sempre ficarão um ou dois deles em sua companhia e a casa não ficará tão vazia. Se tiver uma família de apenas dois filhos, corre o perigo de ficar só quando casarem ou forem morar em outra cidade. E se morrer um dos cônjuges, a situação se complica ainda mais porque o sobrevivente ficará em companhia de seus achaques, impossibilitado de viver sozinho, e a solução será morar em um abrigo, onde se sentirá ainda mais só, imprestável, abandonado, desprezado. E, na opinião de Montherlant, “os velhos morrem (mais depressa, acrescento) porque já não são mais amados”.

A solidão e a velhice constituem um problema muito complexo, merecedor de um estudo mais aprofundado. A minha experiência de vida, com meus setenta e seis anos bem vividos, me dá o direito de saber alguma coisa sobre o assunto. Com o espírito jovem, pai de sete filhos, com algumas noras e netos, com a casa sempre cheia aos sábados e domingos, tenho tido essa alegria, duas vezes por semana, de festejar a vida. E, de mãos postas, agradecer a Deus por me ter dado vivê-la, ao lado da companheira de tantos anos.

Será que não existe nenhum remédio, nenhuma coisa que se possa fazer para, pelo menos, diminuir ou melhorar os efeitos da solidão? Ter um ou vários hobbies não deixa de ser uma alternativa bem interessante de evitar os cismares, preenchendo os dias longos. Colecionar caixas de fósforo, lápis de propaganda comercial, latinhas de cerveja, garrafas ou rótulos de cachaça, ouvir música, fotografar os assuntos que ainda não foram fotografados, explorar as ondas curtas no rádio, fazer radioamadorismo e ter outros hobbies bem ajudam os terceiro-dosos a fugir da solidão.

No Rio de Janeiro, existiu, ou ainda existe, o Clube dos Solitários, onde as pessoas que se sentem sós, se encontram para trocar idéias, dançar, começar romances.

O folclore da velhice é muito rico. Provérbios, ditos populares, a dança dos velhos nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, o serra-velho durante a Páscoa, a poesia popular em verso e o anedotário, tendo a velhice como tema, são de uma riqueza sem par.

O povo costuma dizer:

- Velho que se cura, cem anos dura.
- Queda de velho não levanta poeira.
- Carreira de velho é choto.
- Não há moço doente, nem velho são.
- Velho não se senta sem dizer “Ui!” e nem se levanta sem dizer “Ai!”.
- Velho? Só vinho, perfume, dinheiro e viúva rica.
- Velho é como panela, rede e balaio: só se acaba pelos fundos.

Diz do velho, muito velho, que ele é “mais velho do que a Sé de Braga”, que “já pendurou as chuteiras”, “que está mijando nos pés”, “que é bananeira que já deu cacho”, “que está de cachimbo apagado”, “que é mais velho do que a posição de cagar de cócoras”.

Há velhos que não gostam de ser chamados de velhos e dizem que “velho é o tempo”, que “velho é a estrada”. Dizem que, simplesmente não são velhos, mas apenas usados.

Em matéria de amor, os velhos não foram esquecidos: “Velho apaixonado com pouco tempo está casado”, “Velho com amor, jardim com flor” ou “Velho com amor, morte em redor”. A sabedoria popular chega a ser cruel quando se refere à vida sexual dos velhos: “Ao velho recém-casado, reza-lhe por finado”, “Velho casado com moça de poucos anos, corno temos”, “Não se deve acreditar em três coisas: lágrimas de viúva, arrufos de namorados e arranco de velho” e “O que acaba com velho e vento pelas costas, chuva na cabeça e mulher pela frente”.

Dizem os moços: “Quem gosta de velho é rede, reumatismo e filha do INPS”, “Papagaio velho não aprende a falar”. Os velhos revidam: “Pote velho é que esfria a água”, “Coco velho é que dá azeite”, “A cavalo velho, capim novo”, “Em panela velha é que se faz comida gostosa”.

Já o anedotário dos velhos é terrivelmente impróprio para menores. Escolhi estas três anedotas, as mais leves que me lembrei:

O velho tomou o café da manhã, pegou o jornal e começou a ler. De repente, gritou:

- Mulher, vem cá!...
- O que é João?
- Veja este anúncio: “Mulher solitária e rica precisa de homem

para manter relações sexuais, pagando R\$ 500,00 por cada coito”. Tá vendo, mulher! Agora vou ganhar dinheiro, já estou empregado.

A mulher olhou o velho marido e retrucou:

- Não está vendo, João, que você não pode sustentar a família com apenas R\$ 500,00 por mês?

Depois de cinquenta anos de casados, marido e mulher voltaram à Europa para comemorar a data. Procuraram, em Paris, o mesmo hotel, o mesmo apartamento e, no dia certo, pediram o jantar no quarto. Luz de vela, champanhe do bom e a velha vestiu a camisola do dia, guardada com todo o carinho.

- Maridinho, eu estou me lembrando da nossa lua de mel aqui. Você foi tão carinhoso... Me acariciou, me beijou. Eu até já estou sentindo um calor danado dentro de mim, como na primeira noite.

- Calor coisa nenhuma, mulher. É que seus peitos caíram dentro da sopa.

O coronel Ambrósio andava pela casa dos 70 anos quando enviuvou. Até aí tudo normal, natural até. Mas aconteceu o pior: o coronel Ambrósio, homem de muitas posses, se apaixonou por uma menina de dezoito anos, bonita, bem feita e que, com sua faceirice e dengos deixou o coronel gamado. A família entrou em pânico. Todos os filhos conversaram com o velho, dizendo das desvantagens do casamento, que a moça só podia estar interessada no dinheiro dele, etc. Ninguém conseguiu demover o coronel dos seus propósitos de casar com a menina. O velho estava enfeitiçado, mesmo. Os filhos do coronel mandaram chamar o irmão mais velho que morava na capital e era médico, prá ver se ele conseguia resolver o assunto, acabando com o casamento.

O filho mais velho chegou e, logo no outro dia, foi direto ao assunto:

- Estou sabendo que o senhor vai casar, é verdade?

- É meu filho. A Nazinha é moça de muitas prendas e eu não posso viver sem ninguém perto de mim.

- Mas, pai, o senhor não vê que ela, com dezoito anos, vai casar com os seus setenta anos por causa do dinheiro?

- Tem nada não, meu filho. O dinheiro é muito e dá prá todos. E eu darei uns cobres a ela e um pedaço de terra. Não vai fazer falta a vocês, que ficarão com toda a fortuna, que é grande.

O filho mais velho, o médico resolveu dar a última cartada:

- Mas, pai um casamento desse pode ser fatal, mortal.

- Tem nada não, filho. Se ela morrer eu caso com outra.

Aí está a solidão, a velhice e seu folclore. Teria muito mais o que

contar não fora o espaço ser pequeno. E aqui fica um apelo: amem os velhos, que já geraram vidas, trabalharam, caçaram quimeras, lutaram, travaram batalhas e tudo fizeram para que os jovens existissem e fossem felizes. E fossem os velhos do amanhã.

INFLUÊNCIA HÚNGARA RECONHECIDA EM JARAGUÁ DO SUL

Jornal "A Notícia" - 24.05.96

Instalada esta semana associação que incentivará o intercâmbio cultural com a Hungria e resgate da tradição.

PRIMEIRA LEVA DE IMIGRANTES CHEGOU EM SANTA CATARINA.

Segundo a Secretária do Consulado Húngaro, Ági Bester, aproximadamente 60 mil imigrantes húngaros vivem atualmente no Brasil. As principais colônias estão localizadas em São Paulo e Paraná, mas foi para Jaraguá do Sul que os primeiros imigrantes húngaros imigraram, isto em 1889, em procura de terra para plantar.

Quarenta imigrantes, liderados pelo enfermeiro Georg Wolf, viajaram 60 dias dentro de um navio para chegar em Florianópolis, passaram por Blumenau e depois ganharam as terras do bairro Garibaldi, em Jaraguá do Sul. Lá construíram a primeira igreja católica de Jaraguá do Sul, a de Santo Estevão, principal santo húngaro



Alegria da música e dança húngaras é resgatada por grupo formado pelos descendentes em Jaraguá

Nos primeiros anos de colonização, tiveram que enfrentar índios e diversas dificuldades, devido a distancia da capital e as saudades da Hungria. Mas o povo que tem como característica principal a alegria e até o “jeitinho brasileiro”, se adaptou e somente por um erro de cálculo, não foram donos de todo o terreno do centro de Jaraguá do Sul. Eles acreditaram que o bairro Garibaldi seria o centro do município, mas acabou a 20 quilômetros do local inicialmente planejado para a instalação da cidade.

A Associação Húngara de Jaraguá do Sul, vai ser presidida por Hilário Scheuer, eleito para um mandado de dois anos. Ele vai procurar intensificar o intercâmbio com a Hungria e as colônias húngaras existentes no Brasil. Em julho ou agosto, a comunidade húngara vai receber a visita do cônsul geral da República da Hungria, Tama's Rózsa, que conhecerá pessoalmente os descendentes dos primeiros imigrantes húngaros que vieram para o Brasil. (NB).

GUERRAS INCENTIVARAM SAÍDA DO PAÍS

Os primeiros 40 imigrantes húngaros que vieram para o Brasil em 1889, liderados pelo enfermeiro Georg Wolf, saíram da cidade de Veszprém, em busca de riquezas no novo mundo. Mesmo com dificuldades, adotaram o Brasil como sua terra natal, principalmente depois que a Hungria enfrentou as duas guerras mundiais.

A segunda grande imigração aconteceu a partir da 1ª Guerra Mundial, quando a união Áustria-Hungria saiu derrotada e os aliados ocuparam e dividiram o país. Na época, a Hungria, habitada por maioria católica, foi dividida, a religião e a própria língua, proibidas.

A partir de 1948, depois da 2ª Guerra Mundial, a Hungria, incorporada ao comunismo, fez parte dos países da cortina de ferro, forçando nova imigração. Desta vez os imigrantes procuraram as grandes cidades brasileiras.

Após a queda do muro de Berlim, a Hungria está procurando contato com seus imigrantes e aprendendo a viver sem o comunismo e a volta ao catolicismo. Unindo a abertura internacional e o reconhecimento da descendência, o Consulado Húngaro está recebendo cada vez mais pedidos de vistos nos passaportes para os descendentes conhecerem o país onde seus pais, avós e bisavós imigraram no início do século.

1100 ANOS DE OCUPAÇÃO

Neste ano, a Hungria comemora os 1100 anos de ocupação oficial do território húngaro na Europa. O seu principal santo, o São Estevão, foi o seu primeiro rei coroado no ano de 1000 D.C., abandonando a característica nômade e adotando o catolicismo como a religião oficial. As principais características dos húngaros são o gosto pela música, danças e a comunicação.

Na gastronomia, os húngaros se destacam por gostarem de comidas picantes, principalmente com muita cebola. Seus principais pratos são a Paprika (pimentão vermelho seco e moído), Gulya's (ensopado de carne), Veszprém (pato com repolho roxo) e o famoso strudell (doce ou salgado).

Os trajes não fogem dos padrões europeus. Cada região da Hungria tem seu traje, onde o colorido e os bordados se destacam. A bebida preferida é o vinho, principalmente o Tokaj (o vinho dos reis, o rei dos vinhos), e o aguardente de frutas pálinka.

A amizade entre os imigrantes húngaros e o brasileiro, surgiu principalmente pela característica de um povo alegre e adota o “jeitinho brasileiro”, para resolver seus problemas, explica a tradicionalista Eva Piller, uma das principais incentivadoras do resgate das tradições húngaras em Jaraguá do Sul. (NB)

Jaraguá do Sul - A imigração européia foi o fator determinante para o desenvolvimento de Santa Catarina. Os alemães, italianos e poloneses, formaram a base da população catarinense, mas outros povos também deram sua contribuição, trazendo suas tradições, costumes e gastronomia.

Esta semana foi reconhecida a importância de mais um povo: os húngaros. Eles chegaram em Jaraguá do Sul em 1889 e forneceram a base para o desenvolvimento do município, conhecido como o terceiro pólo industrial do Estado.

Com a presença de autoridades e representantes do Consulado Geral da República da Hungria, foi instalada a primeira Associação Húngara de Santa Catarina.

A finalidade da Associação é manter e incentivar e preservar as tradições. Em Jaraguá do Sul vivem mais de 1.200 descendentes de húngaros, que muitas vezes são confundidos com alemães. Algumas das tradições preservadas na cidade são, na verdade, húngaras.

A formação da primeira associação húngara começou a se realizar há cerca de dois anos, quando foi reconhecido que os moradores das comunidades de Santíssima Trindade, Santo Estevão e Santa Cruz, eram descendentes de húngaros. Os trabalhos já resultaram na formação de um grupo de dança folclórica e em cursos de gastronomia húngara. Com a associação, a comunidade começa a receber apoio do consulado de São Paulo e já está sendo preparado, para o próximo ano, um festival internacional de danças húngaras, em Jaraguá do Sul.

TROCA DE EXPERIÊNCIA

A meta, segundo o professor de dança, Gedeon Piller Júnior, que vem em média duas vezes duas vezes por mês de São Paulo, é reunir grupos de danças húngaras da Argentina, Venezuela, Uruguai, Estados Unidos e da própria Hungria, para troca de experiências e coreografias. Gedeon faz parte de um grupo de descendentes húngaros que mora em São Paulo e auxilia no resgate das tradições em Jaraguá do Sul. O grupo é formado pelo casal Eva e Gedeon Piller, Beatrix Javor, Ági Bester. Mensalmente reúnem a comunidade húngara de Jaraguá do Sul, para reforçar informações do País e relembrar as tradições e costumes. - Ney Bueno.

XXI FESTA DO FOLCLORE COLÉGIO SÃO LUÍS



RECIFE - 1996

1º A VALSA VIENENSE

Na segunda metade do século XVIII, o mundo se cansou da afetação do minueto e virou-se para a valsa.

Por décadas esta dança já era conhecida nas regiões montanhosas do Sul da Alemanha e na Áustria.

A valsa tornou-se a coqueluche da última parte do século XVIII e ainda congrega adeptos em nossos dias.

No princípio era julgada vulgar, mas depois tornou-se uma expressão de alegria e de fuga à realidade.

Sobreviveu à quadrilha e ao cancan, ambos filhos do minueto e passou por várias metamorfoses sem nunca, porém, perder seu verdadeiro retrato de “a mais simbólica expressão da burguesia”.

2º A POLCA ALEMÃ

A dança de salão é própria da nobreza e da aristocracia européia. A polca, uma das mais legítimas manifestações do povo alemão, originou outras danças de salão, inclusive a tradicional quadrilha junina brasileira, que têm influências poderosas da quadrilha francesa.

Na polca, os participantes dançam em pares, ora em círculos, ora em fileiras, mas sempre num compasso dinâmico e elegante. Os casais se entrecruzam, formando nuances interessantes, cujas evoluções exprimem graça, beleza e harmonia.

O traje é próprio de um baile, guardando, contudo, as características típicas do vestuário próprio da época.

Dançar a polca é viajar até a Alemanha e abraçar fraternalmente um povo, conhecido pela sua beligerância e pela sua postura aristocrática, fruto da monarquia.

Vamos, pois à Alemanha, com os alunos do 2º Ano “A”.

1º B DANÇA JUNINA

Acredita-se que o coco tenha nascido nas praias nordestinas, daí sua designação. É uma dança de roda formada com pares na cadência de cantos especiais. Os dançarinos, cantando, trocavam umbigadas com seu par e a moça do par vizinho. Dançam à noite e o dia em sapateado forte.

A ciranda, vinda da Zona da Mata e ao Agreste de Pernambuco, também é dança de roda, onde os cirandeiros se enlaçam alternadamente homens e mulheres. É formada pelo repertório poético-musical, pelo instrumento obrigatório - onde nunca falta o bombo.

A ciranda é dançada em lugar afastado e ao ar livre. É realizada noite adentro.

Já a quadrilha é contradança em, que se forma um quadrado de pares. De origem francesa, começou na época de Napoleão e logo se divulgou por toda a Europa e Américas.

Atualmente, durante o mês de junho, essas danças - juntamente com outras - se reúnem para formar uma grande festividade folclórica, o São João.

1º C GUERREIRO

O bailado dos Guerreiros é de origem alagoana. Seu aparecimento é recente, dada de, mais ou menos, meio século.

Faz parte do ciclo natalino e é uma mistura de antigos autos populares das tradições europeias, o Reisado e a indígena, o caboclinho.

Serão apresentadas algumas danças do auto com as personagens Rei, Rainha, embaixadores, Diana, Mateus, palhaços, estrelas, caboclo e vassalos. É uma dança com muitos adornos, brilhos e espelhos que funcionam como amuleto e servem para o choque de retorno. Todo mau-olhado que bater nos espelhos voltará contra quem o desejou.

1º D SIRIÁ

O siriá é uma dança típica de Belém do Pará e traduz os costumes e sentimentos de uma população afeita às atividades da pesca nos manguezais e áreas fluviais da região amazônica.

A dança do siriá simula a pesca do siri, em que homens e mulheres, lutando pela sobrevivência, pescam-no para dar sustento às suas famílias.

O siriá é uma dança bastante sensual, cujos trejeitos das mulheres com seus requebros e faceirices encantam os homens. Dançam em círculos e em colunas, mas sempre numa cadência de sensualidade e de harmonia, ora em pares, ora isoladamente.

Os alunos do 1º Ana “D”, homenageando o Folclore Nacional, trazem até os presentes, uma belíssima manifestação da tradição popular do Estado do Pará. Viajemos com eles até Belém e sintamos a beleza da dança do siriá.

2º B MAZURCA

Ducado de Mazúria, Polônia. Foi lá, animando as comemorações da colheita do trigo, que nasceu a dança popular européia mais alegre de todos os tempos.

A mazurca é uma dança de caráter cavalheiresco, com divisão ternária e possui um passo marcante na sua coreografia, em que os dançarinos batem os saltos do sapato.

Imortalizada pelo Hino Polonês, pela vasta obra de Frédéric Chopin, assim como pela de Leo Delibes e de outros consagrados compositores, a mazurca é sinônimo de alegria, de povo forte e amante de seu país.

É essa alegria que o 2º Ano “B” traz agora, senhoras e senhores, e lança o desafio àqueles que não se contagiarem ao som da mazurca.

2º C CABOCLINHOS

No fabuloso carnaval de Recife, era grande curiosidade ver os caboclinhos, os quais não existem só no Recife, mas também em outras áreas de nosso país.

Nessa dança, o índio é o personagem central e vem acompanhado em grupos. É um estilo ligeiro de dança, onde o que conta é a elasticidade, o ritmo de cada um.

Geralmente apresenta-se distendida em 2 filhas e com muitas manobras que constituem uma coreografia viva, mas sem muita variação. Batem, de vez em quando, os arcos no chão para auxiliar a marcação de ritmo.

A vestimenta é uma tanga de penas. Nos cabelos, um vistoso cocar. Nos pulsos e tornozelos, enfeites de pernas. Ainda usam os arcos ou preacas que produzem o som característico e também colares e machadinhos. A música é composta por gaita (pífano), surdo, tarol e maracá.

Os caboclinhos representam a ternura brasileira para com os índios, mesmo sendo uma dança guerreira. Se entrosam em todos os gêneros de dança de espada ou vindas do mesmo local: a África.

2º D DANÇA HÚNGARA (CZARDA)

Há mais de dez mil anos, o homem vem dançando na face da Terra. Primeiro, a dança era um ritual mágico, uma homenagem aos deuses. Posteriormente converteu-se num espetáculo teatral e, por fim, num divertimento autenticamente popular.

Povos de diferentes características sócio-culturais manifestavam, através da dança, suas melhores alegrias e, também, os seus piores sofrimentos, aquelas emoções que apenas as palavras não bastam para exprimir.

Entre todas as danças regionais, a Czarda é, sem dúvida, a mais tenaz e bravia, traduz os sentimentos do povo húngaro que teve, por séculos, seu território devastado, palco de grandes lutas pela sua libertação.

OS ESCRAVOS

Padre Antônio Vieira
(Fragmento de um sermão, 1657)

Já se depois de chegados olharmos para estes miseráveis e para os que se chamam seus senhores, o que se viu nos dois estados de Jó é o que aqui representa a fortuna, pondo juntos a felicidade e a miséria no mesmo teatro.

Os senhores poucos, os escravos muitos; os senhores rompendo galas, os escravas despídos e nus; os senhores banqueteados, os escravos perecendo à fome; os senhores tratando-os como brutos, os escravos adorando-os e tendo-os como deuses; os senhores em pé apontando para o açoite, como estátuas de soberba e tirania, os escravos prostrados com as mãos atadas atrás, como imagens vilíssimas da servidão e espetáculos da extrema miséria. Ó Deus! Quantas graças devemos à fé que nos destes, porque ela só nos cativa o entendimento para que a vista destas desigualdades reconheçamos contudo vossa justiça e providência.

Estes homens não são filhos do mesmo Adão e da Mesma Eva? Estas almas não foram resgatadas com o sangue do mesmo Cristo? Estes corpos não nascem e morrem, como os nossos? Não respiram com o mesmo ar? Não os cobre o mesmo céu? Não os esquentam o mesmo sol? Que estrela é logo aquela que os domina, tão triste, tão inimiga, tão cruel?

OS NEGROS

JOÃO BABIÇO

Negros são um povo sofrido.
Eram alvo de preconceitos,
viviavam sempre oprimidos
por não ter os seus direitos

Injustiçados, e sem amor.
Pelos ricos e poderosos.
Faziam trabalhos pesados,
firmes, serviam orgulhosos.

Não interessa se é negra a cor,
a pessoa é mais importante.
Seu coração é uma flor
aberta a todo instante.

Há negros profissionais,
muitos médicos e engenheiros,
seus trabalhos originais
dão exemplo ao mundo inteiro.

Esses pobres negros sofridos
eram sempre postos de lado.
De toda parte excluídos
por sua cor discriminados.

Nossa grande sociedade
hoje parece entender:
eles pertencem à humanidade,
têm o direito de viver.

Vou citar apenas um,
você sabe quem ele é?
É o Ministro dos Esportes,
o conhecido Pelé.

Como o ritmo da evolução
Hoje tudo está mudado.
Cada negro é uma lição,
nós somos pretos branqueados.

CHOCARREIROS E TRUANICES

JOSÉ CARLOS ROSSATO

O povo - ao longo do tempo - nos mais variados espaços geográficos desta região, consagrou a denominação de chocarreiros aos indivíduos extrovertidos, pândegos, alegres, bem-humorados que pronunciam, com regularidade, no cotidiano, inúmeras e incontáveis chocarrices. Estas são gracejos jocosos, atrevidos, petulantes, também conhecidos por truánices. É uma modalidade de zombaria, sem qualquer maldade, visando apenas o lazer, a atividade do passatempo bem humorado.

Não deixa de ser uma chalaça, pilhéria, gracejo, troça, ou outro sinônimo. Pouco importa. É o povo se divertindo espontaneamente.

Os simpáticos e até simplórios chocarreiros (num país onde a classe dominada tem dificuldades em encontrar motivos para sorrir) são verdadeiros oásis de alegria, diversão, lazer e felicidade, mesmo que de forma passageira. Geralmente os chocarreiros ficam rodeados por pessoas que necessitam de um aditivo natural para minimizar as agruras da vida moderna. São líderes. Onde quer que se encontrem os chocarreiros desopilam os fígados das pessoas que ficam nas imediações. Contudo, é oportuno ressaltar que os chocarreiros da área pesquisada não distinguem o “causo” da adivinha. Para eles é estória ou anedota. A bem da verdade, os chocarreiros apresentam a pequena, porém fiel platéia, tudo o que provoca o nascimento do humor: anedotas, “causos”, adivinhas, piadas (que nós diferenciamos das anedotas), etc. É a presença da gíria de malícia, conhecida por “goga”. Como no folclore não há lugar para censura, tudo fica mais alegre e sem qualquer caráter repressivo.

As pesquisas que resultaram nos registro efetuados, foram realizados nos últimos tempos na comunidade São Cosme - São Damião, bairros contíguos da periferia de Votuporanga, no noroeste paulista, onde conhecemos vários chocarreiros e diversas truâncias. Pela exigüidade do espaço, apresentaremos apenas as adivinhas, também conhecidas por adivinhações. Os demais aspectos permanecerão inéditos em nossos arquivos para eventuais utilizações no futuro.

1. Em que lugar a mulher tem o cabelo mais enrolado?
2. O que é pêlo com pêlo e pêlo no meio?
3. O que é que está acima do joelho, abaixo do umbigo e quando anda, balança?
4. Po que o parafuso gosta da porca?
5. O que é que quanto mais peludo, mais a sua bunda gosta?
6. O que a mulher tem no meio das pernas?
7. Qual a melhor lua para se plantar mandioca?
8. O que é, o que é, lambi, lambi, e na bunda metí?
9. Qual o lugar que mais coça no corpo?
10. Por que existe floresta virgem?
11. Quando uma jovem deita, onde ela dorme com as mãos?
12. O que o homem mostra mais e a mulher esconde?
13. Por que a cal é virgem?
14. O que é que tem menos de um palmo? Não é de carne, nem de osso. A

cabeça é vermelha e um caldo grosso corre no pescoço?

15. O que é: eu pedi para ela. Ela me deu. Eu pus, ela gemeu, saiu sangue e limpei?

16. O que é que cresce na mão?

17. O que é que tem a cabeça careca com um racho no meio e entra fazendo buraco?

18. Qual o monossílabo que começa com a letra “c”, acaba com “u” e quando está sujo é feio?

19. O que é que entra duro, sai mole e pingando?

20. O que é: quando ele fala, ela ri. Quando ele tira, ela chora. Quando ele põe, ela gosta?

21. O que o pires falou para a xícara?

22. O que é que endurece quando quer e tem um pouquinho de cabelo no pé?

23. O que é que segura no saco e chupa o pau?

24. O que é pelo, pelado no meio?

25. Qual a diferença entre um tamanco e uma mulher grávida.

Nota-se que há variantes entre elas, ou seja, pequena diferença, ou pequena alteração. É o caso da segunda e a última. Como exemplificação é suficiente.

Eis as respostas:

1 - Na África. 2 - Olho fechado. 3 - Os braços. 4 - Porque ela tem rosca. 5 - Pelego no arreio do animal. 6 - Os joelhos. 7 - Lua-de-mel. 8 - Enfiei a linha na agulha. 9 - A unha. 10 - Porque o vento é fresco. 11 - Nos braços. 12 - As calças. 13 - Porque usa-se a brocha. 14 - Vela. 15 - Injeção. 16 - Unha. 17 - Parafuso. 18 - Céu. 19 - Macarrão. 20 - Aliança. 21 - Que bundinha quente. 22 - O braço. 23 - Refresco num saquinho com canudo, para ser tomado. Há diversas marcas comerciais: “Dan”, “Dany”, “Criança” e outras. 24 - Pestañas e o olho. 25 - Nenhuma, os dois foram feitos de pau duro.

Existem as adivinhas em quadras. São conhecidas, também, por quadras-adivinhas.

Exemplificamos com:

1. São Luís tem na frente

São Miguel só tem atrás,

Santa Isolda no meio

E as casadas não tem mais.

2. Mede menos de um palmo

É bem liso, sem caroço,

Tem a cabeça vermelha

Corre caldo no pescoço.

Respostas: 1. A letra “L” - 2. Vela.

Note que a última quadra-adivinha é variante da adivinhação de número quatorze.

Como quadra e trova são sinônimos: composição de quatro versos septassílabos com idéia completa, existindo rimas, obrigatoriamente, no segundo e no último, encontra-se como sinônimo de quadra-adivinha, trova adivinha.

Diga-se, de passagem, que a trova é a mais popular das formas poéticas e a mais poética das formas populares.

NOTICIÁRIO CULTURAL

1995 - 1996

FUNDAMENTOS DA LINGUAGEM FIGURADA - Francisco Filipak
VOZES VELADAS - Editora Movimento, Acusamos o recebimento de
Boletins da Comissão Maranhaense de Folclore. Coordenação Nacional de
Folclore. Portugal: Lisboa, Bordados da Madeira nos Morros de Santos.
CERÂMICA POPULAR, São José. REFLEXOS DE MINHA VIDA -
Cecília Di Bernardi. Editora da UFSC: OS PAPEIS DO CORONEL.
Criciúma: Fundação Convida. AS VOZES DO SILÊNCIO: MOVIMENTO
PELA DEMOCRATIZAÇÃO, Berenice Gorini. São Paulo: Editora da
Universidade Federal de São Carlos. Editora Terceiro Milênio: Convidam.
Universidade Regional
de Blumenau: O CANTO DA SEREIA - A PROCURA DE UMA
SEMENTE. A Biblioteca Pública convida: Exposição I.M. Mafra A
VIAGEM. Exposição de Tapeçarias de Renate Ristow. FURB-Blumenau:
Nisso ele é um Poeta. EU NÃO. POLÍTICA-ANTOLOGIA POÉTICA.
MOZART NA MAÇONARIA: Ambrósio Freitas. Bernúncia Editora:
CÍRCULO VICIOSO: Hamilton Alves. Editora da
UFSC FCC e Academia Catarinense de Letras convidam: MINHAS
MEMÓRIAS de Carlos da Costa Pereira. TAC: MEMÓRIAS E
CANTARES DE SEFARAD, no TAC. O Coordenador do Núcleo Açoriano
de Estudos: Agradece. Imbituba: agradece o apoio dado à II AÇOR.
TOCATA BRASIL, sob a responsabilidade de Carlos Alberto Vieira, é
destaque em Florianópolis. 1º MUTIRÃO CULTURAL AABB em
Florianópolis. OLÍMPIA, 32º Festival de Folclore. Prof. Dr. José Sant'Ana,
Revista do 3º Festival. UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU:
Editora da FURB. Florianópolis, SERVIDÃO EM FAMÍLIA RUI
MOURÃO. Tubarão, III ENCONTRO CATARINENSE DE MUSEUS,
UNISUL Florianópolis, BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO. IV
SALÃO VICTOR MEIRELLES Florianópolis: Correspondência ACL =
Academia Catarinense de Letras. Tubarão, UNISUL - MUSEU WALTER
ZUMBLICK. CENTRO MUNICIPAL DE CULTURA, Florianópolis,
IHGSC, Sessão Solene. São Paulo. Secretaria de Estado da Cultura,
COMISSÃO DE FOLCLORE. Florianópolis, SORRISOS MEIO
SACANAS. TELEVISÃO E NEGÓCIOS - RBS em Santa Catarina.
Academia Catarinense de Letras, Convida.
São Paulo, Fundação Cassiano Ricardo: 1ª MOSTRA DE TECELAGEM
E TAPEÇARIA. Florianópolis, Academia Brasileira de Letras e outras
Instituições Culturais, convidam para o lançamento do livro do Conselheiro

do Tribunal de Contas, Salomão Ribas Júnior. Florianópolis, a UFSC e Editora, convidam: CENÁRIOS PARA O SÉCULO XXI. SINERGIA, faz lançamentos. Governo do Estado convida para entrega de prêmios do Concurso CRUZE SOUZA. Florianópolis, a EDITORA GARAPUVU, convida para o lançamento de OS DEZ MANDAMENTOS. A Fundação Franklin Cascaes, convida para os lançamentos: NA CAUDA DO BOITATÁ e A PRESENÇA DO NEGRO NAS ESCULTURAS DE FRANKLIN CASCAES. No Museu de Arte Contemporânea, o lançamento do livro de CORPO E ALMA, de Sônia Maria Gonçalves do Nascimento. Pernambuco: Carnaval pernambucano SÉRGIO BIRUKOFF - NOS CAMINHOS DO CORAÇÃO. Minas Gerais: A RUANDA - Companhia de Danças Folclóricas.

CURITIBA - PARANÁ

FUNDAMENTOS DA LINGUAGEM FIGURADA: Francisco FILIPAK

A Comissão Catarinense de Folclore, foi honrada com a visita do escritor Francisco Filipak, do Centro de Letras do Paraná.

O ilustre professor é autor de uma série de obras relacionadas ao estudo da Língua Pátria. Procurou esta Comissão, interessado na pesquisa de "elementos de linguagem", sobre o qual desenvolve um profundo estudo.

O seu livro "Fundamentos da Linguagem Figurada", é um repositório de profundas informações culturais, destacando o sentido da METÁFORA, na estrutura da linguagem em todas as suas formas e sentidos. A grandeza da obra é retratada na estrutura do sumário, destacando: A LINGUAGEM RETÓRICA E POLÍTICA DE ARISTÓTELES-NATUREZA DA METÁFORA-TEOLOGIA DA METÁFORA DENOTATIVA-ANÁLISE LITERÁRIA DA METÁFORA-NATUREZA DA SINÉDOQUE. É uma obra de estudo aprofundado, que no seu desenvolvimento nos leva a conhecimentos profundos da língua portuguesa.

DORALÉCIO SOARES

CONVITE

A Editora Movimento/Porto Alegre, tem a hora de convidar V.S.^a e Exma Família, para o lançamento do livro "Vozes Veladas", peça em dois atos de Eglê Malheiros, sobre a vida e a obra do poeta Cruz e Sousa. Na ocasião haverá leitura dramática de trechos da peça, pelo Grupo Pesquisa Teatro Novo, da UFSC, direção de Carmen Fossari.

Local: Museu Cruz e Sousa - Praça XV
Dia: 14/12/95 (quinta-feira)
Horário: 20 horas.



RIO DE JANEIRO-RJ

A Coordenação Nacional de Cultura e Folclore, cumprindo a finalidade para a qual foi criada, desenvolve um constante trabalho de divulgação do artista popular brasileiro.

“Sala do Artista Popular - Ministério da Cultura - FUNARTE. Nos Cadernos 58, 59, 60, divulga as exposições ali realizadas de artistas populares, mostrando ceramista de Mato Grosso do Sul - “ARGILA MOSTRA PANTANAL”, isto no Caderno 58. Já no Caderno 59, destaca “Mestre Isabel e Sua Escola”: Cerâmica do Vale do Jequinha”. No Caderno 60, é destaque NELSON SARGENTO, o artista plástico que sobretudo é um grande compositor de samba de renome nacional.

As três publicações são primorosas no seu conteúdo artístico e cultural, transmitindo informações valiosas em tudo que se insere no seu texto. É uma pena que essas importantes publicações não atinja o principal em divulgação, que são as escolas públicas, levando assim aos nossos escolares, conhecimentos tão necessários às suas formações culturais. É uma pena mesmo! Creio até que nem as nossas Bibliotecas Públicas recebem tão importante material de natureza cultural.

Na continuidade, o Caderno 61 nos mostra a “Sala do Artista Popular”. O Caderno 62 registra: “Dar de Comer - Panelas de barro de Goiabeiras-ES. Registramos no Caderno 64: “Bombacha,Tchê”. Já no Caderno 65, é destaque Esculturas TICUNA e o 66 “Capelas e Carros de Boi”.

Nota: Acusamos o recebimento do Boletim nº 2 - 1994 da Comissão Maranhense de Folclore.

PORTUGAL

Maria de Lourdes Agapito
Rua dos Correeiros, 40-3ª Esq.
1170 - Lisboa - Portugal
Tel. 3463766

Lisboa, janeiro de 1996

Exmo. Senhor
Dr. Francisco Ribeiro do Nascimento
Praça Mauá,s/nº - Paço Municipal
110010-900 - Santos
Brasil

Exmo. Senhor,

Recebi por intermédio da Dra. Anete Costa Ferreira, um exemplar do opúsculo “BORDADOS DA MADEIRA”, da autoria de V. Exa., que muito agradeço, pedindo desculpa do atraso (por motivos de doença), em responder.

Felicito V. Exa. por a publicação de um texto com tanto mérito, “BORDADOS DA MADEIRA NOS MORROS DE SANTOS” que muito apreciei e que merece divulgação.

Ainda me encontro doente e retirada de actividades culturais temporariamente, mas logo que possível, farei uns artigos para alguns jornais onde colaboro.

Conheço a maravilhosa Ilha da Madeira e os seus bordados. Foi muito bom saber através deste trabalho que há semelhanças entre a Madeira e o Morro de Santos. É na verdade um excelente intercâmbio entre as duas cidades.

A arte é uma vocação, uma linguagem de ideais e criação.

PARABÉNS! Cordiais saudações Luso-Brasileiras.

Maria de Lourdes Agapito

BORDADEIRAS DE ELEIÇÃO

A Francisco Ribeiro do Nascimento
com admiração.

Morros-irmãos
Santos e Funchal
interlaçam as mãos
no mesmo ideal,
Cidades irmãs,
Traço cultural
grupo de artesãs
numa amizade real.

No espaço e criatividade
bordar com arte à mão,
ex-libris da cidade
merece apoio e promoção.

Os bordados são imponentes
na sua confecção,
são lindos, excelentes
os bordados à mão.

Mantendo a tradição
sem olhar as canseiras,
PARABÉNS ao anfitrião
e a todas as bordadeiras!

Maria de Lourdes Agapito

Apreciação:

A arte é uma vocação delicada, um testemunho, uma manifestação cultural, seja ela literatura, pintura, desenho, poesia, escultura ou bordados.

As bordadeiras são inspiradoras da beleza, da forma, da cor e da arte!

Bordando com arte e magia, com as suas mãos delicadas, as bordadeiras fazem poesia, criando verdadeiras jóias de rara perfeição, qualidade, que agrada e causa admiração.

PARABÉNS!

Portugal-Lisboa - Janeiro/96

Maria de Lourdes Agapito

MESTRE OLEIRO - “Seu” Duca



“Seu” Duca - Mestre oleiro - Onildo Ricardo dos Santos, 64 anos.

Aprendeu o ofício sovando barro nas horas de folga da escola, como seus irmãos, com seu pai.

É capaz de, num piscar de olhos, reconhecer na cor do fogo a temperatura certa das várias etapas da queima. Sabe distinguir, pelo toque o gosto do barro, a natureza apropriada para a modelagem. É de todo o seu saber que os ceramistas urbanos tiram seu ofício.

Que seria da cerâmica de Santa Catarina sem este mestre? Que valor representa a cerâmica urbana sem a consciência original de sua história?

VALORIZAÇÃO - Preservar Ensinando

Na ausência de uma política cultural que efetivamente se preocupe em valorizar a cultura popular de origem açoriana com a preservação dos transmissores desta cultura (oleiros, rendeiras, cesteiras, cantadores, etc.). Transforma - Reciclagem Cultural, está implantando oficinas culturais de caráter preservacionista.

A primeira é a OFICINA DO BARRO com “Seu” Duca, que se propõe a divulgar e ensinar a técnica cerâmica, o uso do torno de oleiro e a valorização das formas cerâmicas de Santa Catarina.

Informações: Fone 222-0909
Endereço: Rua Maria Júlia Franco, 554
José Mendes (Próximo ao Penhasco)
Florianópolis-SC

NOTICIÁRIO - BLUMENAU-SC



**UNIVERSIDADE
REGIONAL
DE BLUMENAU
10 ANOS**



CONVITE

A Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, através da Divisão de Promoções Culturais, tem o prazer de convidar V.S^a para a Palestra e Noite de Autógrafos do livro:

“MARES, E LONGÍNQUOS POVOS DOS AÇORES
dos jornalistas
Raimundo Caruso e Mariléia Leal Caruso

Dia: 23 de maio de 1996

Local: Auditório do Bloco T

APOIO

Centro de Ciências da Educação

Departamento de Letras

Centro de Ciências Tecnológicas

Departamento de Arquitetura

Centro de Ciências Humanas e da Comunicação

Departamento de Ciências Sociais

Departamento de História

FLORIANÓPOLIS-SC

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

O Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, Prof. Antônio Diomário de Queiroz, tem a satisfação de convidar V.S^a e Família, para os seguintes eventos:

* Inauguração do mural **O Livro da Criação da América Latina**, de Rodrigo de Haro, realizado sob os auspícios da Cerâmica Portobello;

* Lançamento do livro **Este Amor Catarina**, com a participação de 45 escritores catarinenses, organizado por Flávio José Cardozo, Salim Miguel e Silveira de Souza, com ilustrações de Rodrigo de Haro e publicado pela Editora da UFSC.

Dia 30 de abril de 1996, às 19h e 30 min.

Hall da Reitoria - Campus Universitário.

FLORIANÓPOLIS-SC

O Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina S.A.
- BADESC e a Sociedade Espírita de Recuperação, Trabalho e Educação
- SERTE, têm o prazer de convidar Vossa Senhoria para o coquetel de
lançamento do livro:

REFLEXOS DE MINHA VIDA de Cecília di Bernardi

Local: Espaço Cultural Fernando Beck - BADESC
Av. Mauro Ramos, 1277 - Florianópolis-SC

Data: 07 de março de 1996

(A renda será destinada às obras assistenciais da SERTE)

FLORIANÓPOLIS-SC

A Editora da UFSC e o Museu de Arte de Santa Catarina, têm a
satisfação de convidar V.S^a e Exma. Família, para o lançamento da edição
em língua portuguesa do romance OS PAPÉIS DO CORONEL, de autoria
de Harry Laus.

Dia: 18 de abril de 1996

MASC - Sala especial Harry Laus
Centro Integrado de Cultura.

CRICIUMA-SC

A Fundação Cultural de Criciúma/Prefeitura Municipal têm a
honra e o prazer de convidar para a comemoração de seus três anos de
administração, tornando assim, efetivo e realizado seu primeiro compromisso
com Criciúma.

PROGRAMAÇÃO

- Entrega do Memorial Dino Gorini, restaurado e revitalizado - Parque Centenário.
- Posse oficial (ala direita) do prédio do Centro Cultural Jorge Zanatta.
- Inauguração da Sala de Exposições de Artes Plásticas Willy Zumblick.
- Lançamento 1ª edição do livro “Concurso Literário Cidade de Criciúma.
- Lançamento do livro “O Vôo da Morte” de Francisco José Pereira.
- Lançamento do livro “Mestres da Literatura Russa” de Jaime Masom.
- Apresentações artísticas.
- Cerimônia de entrega da comenda da Fundação Cultura de Criciúma.

A partir desta data estará aberto para visitação pública o Museu Municipal Histórico e Geográfico Augusto Casagrande, restaurado e revitalizado.

ENCONTRO LATINO AMERICANO DE COMUNICAÇÃO & CULTURA

DIÁLOGO - CULTURA E COMUNICAÇÃO

Convida para evento multim dia e coquetel:

Lançamento dos livros:

“AS VOZES DO SILÊNCIO: o Movimento Pela Democratiza o da
Comunica o no Brasil”
de Márcio Vieira Souza

“O SAMBA CONQUISTA PASSAGEM: As Estratégias e a A o
Educativa das Escolas de Samba de Florianópolis”
de Cristiana Tramonte

Estr ia de Vídeo:

“SAMBA, ESCOLA DE QUE?”

Mostra Fotográfica:

“VOZES DA ÍNDIA”
de Márcio Vieira de Souza

Dia 11 de agosto de 1996
Av. Rio Branco, 202 - Entrela os - Piso superior - Centro Florianópolis

FLORIANÓPOLIS-SC

A FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA, através do Museu de Arte de Santa Catarina, convida para a abertura da exposição

**BERENICE GORIN
RETROSPECTIVA**

18 DE ABRIL DE 1996.

SÃO PAULO

Editora da Universidade Federal de São Carlos-SP
Editora Terceiro Milênio

O Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Deputado Pedro Bittencourt, convida para o coquetel de lançamento dos livros “SÓ VÍRGULA -Método Fácil em Vinte Lições”, de autoria da professora Maria Tereza de Queiroz Piacentini, e “CÓDIGO BRASILEIRO DISCIPLINAR DO FUTEBOL ANOTADO E LEGISLAÇÃO COMPLEMENTAR, do advogado Marcílio Krieger.

Dia 20 de junho de 1996 - Salão Nobre da Assembléia Legislativa

BLUMENAU -SC

**UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DIVISÃO DE PROMOÇÕES CULTURAIS
EDITORA DA FURB**

Convidam V.S^a e Família para o Lançamento de Livros e Noite de Autógrafos.

“O CANTO DA SEREIA”

Editora: Sinodal

Autora: Anamaria Kovács

“A PROCURA DE UMA SEMENTE”

Expressão Teatral em Trabalho com População

Editora da FURB

Autora: Amábile Dorigatti

FLORIANÓPOLIS-SC

A F.F.C. através da Biblioteca Pública do Estado convidam V.S^a e Exma Família para abertura da exposição de J.M. Mafra:

A VIAGEM Entalhes e Poesias

A vida é uma VIAGEM irresistível de descoberta e revelações!

E desta viagem o artista colheu impressões, além da vista, que foram transformadas em obras, hoje trazidas ao público através dessa mostra.

JÚLIO MAFRA paulista radicado em Florianópolis há 19 anos, vive hoje na Praia do Campeche, onde desenvolve sua natureza artística, conseguindo a transposição da exuberante natureza da terra e das coisas para suas peças.

O seu lado poeta, tão forte quanto o Entalhador, se uniram para exaltar a beleza das formas e dessa dualidade resultou o belíssimo acervo pela primeira vez exposto.

EXPOSIÇÃO DE TAPEÇARIAS

RENATE RISTOW

Curriculum

(1986) - I Mostra do Centro Paulista de Tapeçaria na Galeria de Arte SESI, Av. Paulista-SP

(1987) - II Exposição do Centro Paulista de Tapeçaria SESC-POMPÉIA, São Paulo-SP

(1990) - Exposição individual no Restaurante “Dom Chicote” - Vinhedo-SP

(1991) - Exposição e mostra coletiva de trabalhos na Galeria - “João do Monte”-Valinhos-SP

(1993) - Mostra Coletiva de trabalhos de pais e alunos do Colégio Visconde de Porto Seguro, Unidade II - Valinhos-SP

(1994) - Exposição coletiva (“Arte do Momento”), Brasil, Valinhos, Cuba, Parque de Exposições - Valinhos-SP

(1995) - Matéria sobre a artista Renate Ristow e sua tapeçaria, Revista “Casa Cláudia”, Editora Abril (fevereiro)

(1995) - Exposição individual na Galeria “Norberto Rosin” - Brusque-SC

(1995) - Exposição em loja de decoração e design “ALMA” - Schopping Paineiras - Jundiá-SP.

NOITE DE AUTÓGRAFOS

JOSÉ ENDOENÇA MARTINS

***NISSO ELE É POETA. EU NÃO**

Editora Letras Contemporâneas

POLÍTICA - ANTOLOGIA POÉTICA

Editora Letra Viva

SEXUALIDADE E AMOR NUMA TERRA SÓ DE MULHERES

Editora Paralela 27

MAURO GALVÃO

***AS IDADES DA PEDRA**

HORÁCIO BRAUN JR.

***IN**

* Coleção: Poesia de Santa Catarina, publicada pela Editora Letras
Contemporâneas

Dia: 21 de Maio de 1996

Local: Saguão do Bloco A da FURB

Período da Exposição: 21 a 31 de Maio de 1996

**A EDITORA LETRAS CONTEMPORÂNEAS CONVIDA V. Sª PARA O
LANÇAMENTO DO LIVRO**

MOZART NA MAÇONARIA

DO ESCRITOR: AMBRÓSIO PETERS

**DIA 02 DE MAIO - QUINTA - FEIRA, A PARTIR DAS 20 HORAS
NO MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA
PALÁCIO CRUZ E SOUSA**

A Editora da Universidade de Santa Catarina, a Fundação Catarinense de Cultura e a Academia Catarinense de Letras, têm a satisfação de convidar V. S^a e Exma. Família, para o lançamento do Livro MINHAS MEMÓRIAS, de Carlos da Costa Pereira, em edição coordenada por Tânia Regina de Oliveira Ramos

Sala Carlos da Costa Pereira - Academia Catarinense de Letras
Centro Integrado de Cultura

É singular a carreira editorial de Carlos da Costa Pereira. Enquanto viveu, dedicou-se às atividades das letras. MEMÓRIAS obra de comovente beleza. Vale sua leitura. Ela nos enriquece de humanidade e de saber.

Iaponan Soares

A BERNÚNCIA EDITORA E O RESTAURANTE PIRÃO, TÊM O PRAZER DE CONVIDÁ-LO PARA A NOITE DE AUTÓGRAFOS DO LIVRO "CIRCULO VICIOSO", DO ESCRITOR AMILTON ALVES, A REALIZAR-SE NO DIA 5 DE JUNHO DE 1996, A PARTIR DAS 20:00 HORAS NO RESTAURANTE PIRÃO DA BEIRA-MAR.

CONTAMOS COM SUA IMPORTANTE PRESENÇA.

Apoio Cultural: PIRÃO

Caro(a) Amigo(a),

Tenho a satisfação de convidá-lo(a) a prestigiar o espetáculo MEMÓRIAS E CANTARES DE SEFARAD, a realizar-se dia 17 de junho, segunda-feira, com início às 21:00 horas no Teatro Álvaro de Carvalho (TAC).

Contará com a participação da notável soprano argentina Eleonora Noga ALBERTI, primeira intérprete a cantar música judaica nas Nações Unidas, guitarra e percussão, contraponteados com a récita de meus poemas do Livro "Memórias de Sefarad".

Os ingressos (R\$10,00) se encontram à venda no TAC.

Leonor SCLIAR-CABRAL



NEA UFSC
NÚCLEO DE ESTUDOS AÇORIANOS

Ofício Circular nº 79/NEA/96. Florianópolis, 22 de julho de 1996

Do: Coordenador do Núcleo de Estudos Açorianos

A(o): Colaborador(a) do III AÇOR

Assunto: Agradecimentos e convite do I ESBCLA

Ilustre Senhor(a),

Ao cumprimentá-lo(a), vimos agradecer à V. S^a, o apoio dado ao III AÇOR, realizado em Imbituba nos dias 21 a 23 de junho próximo passado.

Este esforço coletivo simboliza a dinâmica da cultura de base Açoriana, que só será vitorioso como expressão cultural, se continuarmos a lutar coletivamente pela sua reoxigenação. O evento AÇOR em Imbituba ficou consolidado, aumentando a responsabilidade coletiva em torná-la cada vez mais expressivo e abrangente.

O sucesso do evento deveu-se, em parte, à sua preciosa colaboração.

Em nome do Conselho Deliberativo e dos Açorianos, muito obrigado.

E a luta segue. Agora, em agosto, de 25 a 1º de setembro, precisamos novamente nos unir para tornar o I Encontro Sul Brasileiro de Comunidades Luso-Açorianas, um sucesso.

Lembramos à V. S^a, que este é um evento de porte internacional, com representantes dos Açores, Portugal Continental, e de diversos estados brasileiros. A par disso, o evento é dirigido principalmente à você, nosso incansável colaborador.

Procure se fazer presente, na medida do possível, pois tanto as conferências, oficinas/cursos (em número de 06), exposições de artes plásticas e artesanato, apresentações folclóricas, inauguração do monumento, troféu Açorianidade e missa, com encontros de bandeiras do Divino, são etapas do evento a serem prestigiados.

Frisamos que as oficinas de Danças, Museologia, Arquitetura, têm número de participantes reduzidos, portanto devendo se inscrever logo, caso deseja participar. (Vide folder).

Divulgue e se faça presente, pois você é a razão de ser deste evento.

Atenciosamente

Professor Vilson Francisco de Farias
Coordenador do NEA

NÚCLEO DE ESTUDOS AÇORIANOS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Caixa Postal 467 - Campus Universitário
88040-900 - Florianópolis - SC
Fone: (048) 2319763 - Fax: (048) 2344069

TOCATA BRASIL

TOCATA BRASIL é um conjunto musical de Florianópolis. Seus integrantes desenvolvem atividades musicais com instrumentistas, professores, pesquisadores, compositores e arranjadores, cuja freqüente



presença e atuação tem sido registrada em shows, recitais, concertos, festivais e cursos, como também gravações de discos, Cds e CD-ROM, junto a conceituados grupos, como Orquestra Sinfônica de Florianópolis, Camerata do Choro, Conjunto Vibrações, Orquestra Stagium 10, Orquestra Jovem (Suzuki),

Camerata Vieira, Orquestra Municipal de Florianópolis, e outros, legitimando a sua participação no cenário da música brasileira.

A atuação de TOCATA BRASI será através de concertos, shows, recitais, audições didáticas, palestras, oficinas e apresentações em eventos, buscando no intercâmbio artístico e cultural, colaborar de forma efetiva para o crescimento humano, destacando-se dois importantes aspectos:

1 - A difusão da Música Brasileira através da interpretação de obras dos seus maiores expressivos compositores como Pinxinguinha, João Pernambuco, Villa-Lobos, Patápio Silva, Zequinha de Abreu, Noel Rosa, Ary Barroso, Jararaca, João de Barro, Luiz Gonzaga, Benedito Lacerda, Ernesto Nazareth, Tom Jobim, Radamés Gnattali, Waldyr Azevedo, Jacob Bittencourt, Garoto, Dorival Caymmi, Lupicínio Rodrigues, Chico Buarque, Vinícius de Moraes, Gonzaguinha, Paulinho da Viola, Toquinho, Caetano Veloso, Gilberto Gil, etc., dentre muitos outros valores.

2 - A pesquisa e o resgate de obras musicais de compositores e do rico folclore sul-americano, valorizando, interpretando e divulgando a cultura musical do Cone Sul, contribuindo para o aprimoramento das relações dos Países dessa importante região.

FICHA TÉCNICA

Músicos Titulares:

Carlos Alberto Vieira - Violino e Bandolim
Carlos Augusto Vieira - Violino e Cavaquinho
André Luiz Vieira - Viola e Violão
Vicente Carlos Vieira - Contrabaixo
Orlando C.Silveira Melo- Percussão

Apoio Técnico:

Katarina Grubisic -
Maria Lúcia Vieira - Arquivo e Montagem de Palco
DEONISIO Silva - Fotografia.

Coordenação:

Carlos Alberto A. Vieira
Rua Joaquim Costa, 112 - CEP 88025-400
Florianópolis - SC - Brasil
Tel./Fax (048) 228.2916 # Celular (048) 981.0270

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Reuniões da Comissão - Mini Museu - Biblioteca

Endereço para correspondência:

Rua Júlio Moura, 28 - 1º Andar - CEP 88000

Florianópolis - Santa Catarina - Brasil

Estatuto - Registro de Pessoas Jurídicas: Liv. A-15 - nº 1037

CGC - 80.675.481/0001-74

Florianópolis, 05 de novembro de 1996

Ilmo. Sr.
Dr. José Sant'Ana
Olímpia

Assunto: Revista do 32º Festival do Folclore de Olímpia.

Prezado Professor,

É realmente um compêndio dos mais completos de matérias na transmissão da Cultura Popular Brasileira, notadamente dos mestres de Olímpia.

São importantíssimos os trabalhos publicados nessa não menos importante Revista, que anualmente aparece precisamente no mês de agosto, registrando a grandeza do Festival Nacional de Folclore, realizado em Olímpia.

A capa da 32ª Revista que publicamos em nosso Boletim, registra a cantoria do Grupo Folclórico do Batalhão de Bacamarteiros do município de Camópolis, do Estado de Sergipe.

Este ano de 1996, Olímpia comemora o seu Jubileu de Cobre, e a sua Revista apresenta uma seqüência de trabalhos da Cultura Popular, que nos coloca em situação de inveja, por não podermos acompanhar o seguimento dos importantes trabalhos publicados.

Em homenagem aos seus autores, registramos os títulos com os respectivos autores.

A Revista que tem como diretor o mestre Prof. José Sant'Ana e redatora Iseh Bueno de Carvalho, apresenta onze trabalhos de pesquisas inusitadas, que passamos a enumerá-las, além das páginas noticiosas e correspondências recebidas, no total de 150 páginas, correspondente a um livro de 300 páginas. Antes porém registramos a amável dedicatória na Revista que me foi enviada:

Prof. Doralécio Soares. "Não chegamos ao fim do conhecimento do Folclore, pois esse é um processo para a vida toda. Que o Espírito Divino lhe dê uma direção para cada dia de sua vida". Ass. José Sant'Ana - 1996.

Títulos: - Mito Primário, Professora Ruthe Guimarães. - História do Curupira, ou Caopora, ou Pai de Santo. - Angeologia Popular. - Que os Anjos Digam Amém, Professora Iseh Bueno Camargo. - Papagaio e Folclore, Profº José Sant'Ana. - Folclore Verbal, O Povo e a Linguagem no Folclore, José Carlos Rossato. Contos de Animais, Não Te Conto Nada, Profº José Sant'Ana. - Folclore Lingüístico, José Franzir. - Folclore Musical, Inezita Barroso. - Folclore das Estrelas no Céu, Profº José Sant'Ana. - Folclore Verbal, Antiprovérbios e Provérbios, Luiz Nakamura. - Ciência do Folclore, Por uma Revisão no Dicionário de Cascudo, Hélio Damante. - O que Aconteceu no 31º FEPOP, Iseh Bueno de Camargo.

Caro Profº José Sant'Ana, a matéria aqui inserida, constará da edição do nosso Boletim de 1996. Abraços.

Doralécio Soares

I MUTIRÃO CULTURAL

AABB
FLORIANÓPOLIS

ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA BANCO DO BRASIL
Rua Des. Pedro Silva - Itaguaçu

“ A vida é um fascinante romance composto de vários capítulos.
Cada página é um dia vivido, uma derrota ou uma vitória alcançada.
Nós, como autores, devemos dar a esse romance um desfecho harmonioso
e feliz”.

Participantes:

Jussara de Oliveira	- Telas
Maria Salete Finardi	- Quadros
Valquíria Milbert	- Tapeçaria
Márcia Pereira da Silva	- Bordado
Maria Ermenia R. Gonçalves	- Aquarela
Maria Lúcia Rodrigues	- Tapeçaria
Cláudia Mattos	- Bordado Ponto Cruz
Renato M. Finard	- Fotografia
Maria Adélia S. dos Santos	- Telas
Cleonice Vieira	- Aquarelas
Roseli de B. Zomer	- Desenho/Pintura
Derbi Prestes Costa	- Fotografia
Onildo Borba	- Pintura
Michele de Paiva Lobo	- Pintura Óleo/Porcelana
Denise de Carvalho Duprê	- Enfeite p/árvore/embalagens
Maria da Graça Fornari	- Pintura
Jarina Menezes	- Pintura
Eloi Cammezini	- Pintura/Escultura
Sílvia de Souza	- Pintura
Vanda Grazziotin	- Pintura
Terezinha N. Pereira	- Pintura
Maria Regina Andrade	- Pintura
Vera Regina R.Almeida	- Porcelana

Programa:

- Apresentação do Coral Ítalo Brasileiro
- Abertura do Salão de Exposição
- Apresentação dos músicos da AABB
- Apresentação do Grupo de Ballé da AABB
- Apresentação do Tango Argentino - Antônio Farias X Conceição
- Apresentação da Dança Típica Italiana
- Apresentação musical
- Almoço de Confraternização
- Encerramento do I Mutirão Cultural.

BLUMENAU-SC

UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E RELAÇÕES COMUNITÁRIAS
DIVISÃO DE PROMOÇÕES CULTURAIS
EDITORA DA FURB

Convidam V. S^a e Família para o lançamento dos livros:

COMUNICAÇÃO DE DADOS USANDO LINGUAGEM C

Autores

Malcon Anderson Tafner, Cláudio Loesch e Sérgio
Editora da FURB

DO TRATADO DE TORDESILHAS À GUERRA FRIA

Autor: Antônio José Telo
Editora da FURB

INTRODUÇÃO À ECONOMIA ECOLÓGICA

Autor: Luiz Fernando Krieger Merico
Editora da FURB

ORNAMENTOS CRIATIVIDADE

Uma Alternativa para ensinar geometria plana

Autores: Maria Salete Biembengut, Viviane Clotilde da Silva e Nelson Hein

REDES NEURAI E ARTIFICIAIS

Autores: Marcon Anderson Tafner, Marcos de Xerez e Ilson W. R. Filho

Editora da FURB e Editora ECO

SACRALIZAÇÃO DO CORPO

Autor: José Carlos Grandó

Editora da FURB

FLORIANÓPOLIS-SC

**VILLA RICA EDITORAS REUNIDAS &
FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA**

Convidam V. S^a para o lançamento de

SERVIDÃO EM FAMÍLIA RUI MOURÃO,
que estará apresentando o seu novo romance.

Dia 18 de novembro - Segunda-feira na Livraria Catarinense

OLÍMPIA-SP

32º FESTIVAL DO FOLCLORE JUBILEU DE COBRE

HOSANA

Escrever sobre Olímpia das festas miraculosas? Meu primeiro impulso foi dizer NÃO! Eu explico: Por ser de justiça e ser verdade, eu falaria do patrocínio do Bradesco, que mantém apoio integral à Revista do Folclore, o que é raro. E teceria loas ao mago dos festivais de Olímpia, esse José Sant'Anna, suscitador de maravilhas. E nem por ser verdade esse palavreado deixaria de assumir um ar encomendado. E, é claro, eu não sou disso! E mais, usaria imagens como asas e pétalas, para descrever o sonhado e o sentido, tudo que penetra na sensibilidade através de olhos e ouvidos deslumbrados.

E para isso eu teria de ser menestrel, o poeta e cantor. E eu não sou nada disso. E teria que clamar com muita força, para que multidões ouvissem, e todos corressem a Olímpia, com urgência, para verem o que eu vi. E eis aqui o meu clamor:

“Hosana ao Bradesco! Hosana a Mestre Sant'Anna, o Curupira maior, demiurgo de milagres que acontecem quando se caminha na Beleza! Hosana à comunidade olimpiense, ajudadeira, e a todos os que vêm em nome do Folclore! Clamar assim? Nem para salvar a vida! Eu não sou disso. Todas essas coisas eu poderia ter dito para me eximir da tarefa, tão acima de mim.

Mas quem pode dizer NÃO a José Sant'Anna?

Ruth Guimarães
Escritora e Folclorista

GUARUJÁ-SP

**PREFEITURA MUNICIPAL DE GUARUJÁ
DEPARTAMENTO DE CULTURA
COMISSÃO PAULISTA DE FOLCLORE
ASSOCIAÇÃO DE FOLCLORE E ARTESANATO DE GUARUJÁ**

Convidam V. S^a e Família para o lançamento da Revista:

“FOLCLORE Nº 21

Dia 22 de agosto de 1996
Galeria Wizard - Rua Washington, 719
Guarujá - S.P.

TUBARÃO-SC

**III ENCONTRO CATARINENSE DE MUSEUS
SEMANA CATARINENSE DE HISTÓRIA**

TEMÁTICA - UNIVERSO MUSEAL CATARINENSE:
HISTÓRIA, PESQUISA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA-UNISUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CENTRO CULTURAL
MUSEU UNIVERSITÁRIO WALTER ZUMBLICK
CURSO DE HISTÓRIA

Abertura - Salão Nobre
Painéis/Oficinas - Centro Cultural
UNISUL - Tubarão

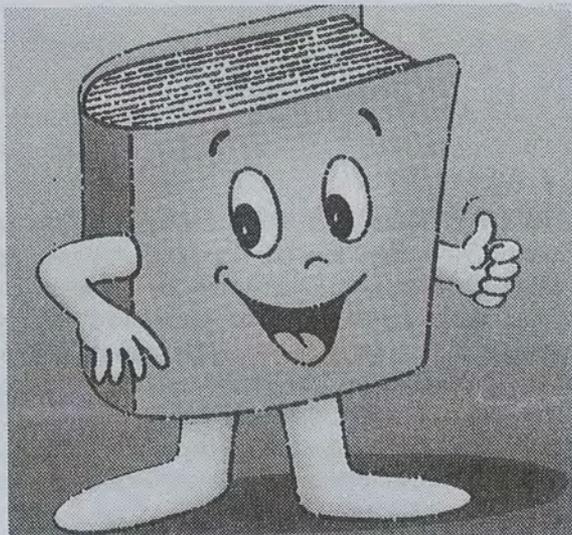
FLORIANÓPOLIS-SC

O Governo do Estado de Santa Catarina,
através da Fundação Catarinense de Cultura,
tem a satisfação de convidar V. S^a e Família ,
para o coquetel de abertura do

IV SALÃO VICTOR MEIRELLES.

Dia 22 de outubro de 1996
Museu de Artes de Santa Catarina
Av. Irineu Bornhausen, 5.600
Florianópolis-SC

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE SANTA CATARINA



HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO

Segunda a Sexta-Feira, das 08:00 às 20:00h
Sábado, das 08:00 às 12:00h

ENDEREÇO

Rua Tenente Silveira, 343 - 88010-301 - Florianópolis
Santa Catarina
Fone (048) 222-1155 e 222-1378 - Fax (048) 222-1378

CORRESPONDÊNCIA

Florianópolis, 6 de dezembro de 1996

Excelentíssimo Senhor
Doralécio Soares

A ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS espera contar com o comparecimento de Vossa Excelência e demais familiares, próximo dia 16 de dezembro (segunda-feira), às 20:00 horas, no restaurante do Lira Tênis Clube, no jantar de confraternização de encerramento das atividades de 1996.

Logo após o jantar a ACL fará a entrega do PRÊMIO OTHON D'EÇA, ao poeta **Carlos Ronald Schmidt**, escolhido "Escritor do Ano", por sua expressiva obra poética; do PRÊMIO DESTAQUE, à **Fundação Franklin Cascaes**, pela importante contribuição à cultura catarinense e, do PRÊMIO REVELAÇÃO, ao poeta blumenauense **Denis Radünz**, por sua obra "Exus".

A Academia Catarinense de Letras prestará, ainda, Homenagem Especial para:

Sueli M. Petry (Pesquisa Bibliográfica)
Neide Almeida Fiori (Pesquisa Bibliográfica)
Edith Kormann (História Cultural)
Zahidé Lupinacci Muzart (Historiografia Cultural)
Eglê Malheiros (Teatro e Literatura Infantil)
Câmara Catarinense do Livro

O Sucesso do encontro depende, principalmente, da presença dos senhores acadêmicos, homenageados e convidados, motivo pelo qual a Academia agradece, antecipadamente

Atenciosamente

Paschoal Apóstolo Pítsica
Presidente da ACL

CARDÁPIO:

FRIOS:

Maionese de Camarão
finas
Salada de maçã e nozes
Salada de bacalhau
Peito de peru à Califórnia
Rosbife com molho picante
Fios de ovos à Califórnia

SOBREMESA:

Pudim de leite.

QUENTES:

Linguado Grelhado com Molho de ervas
Escalope do Molho Madeira
Faisão à la creme

ACOMPANHAMENTO:

Arroz branco com nozes
Batata palha
Farofa com passas

TUBARÃO-SC

**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
CENTRO CULTURAL**

MUSEU WALTER ZUMBlick

UM ANTIGO SONHO

As primeiras iniciativas para a criação de um museu, na cidade de Tubarão, datam da década de setenta, quando da atuação do Centro de Estudos e Pesquisas Antropológicas e Históricas (CEPAH) da então FESSC, cujo projeto integrou o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado - PDDI - do município de Tubarão no ano de 1973.

Na década de oitenta, a FESSC/UNISUL assume o papel de agente no desenvolvimento cultural da região.

Dentre os vários objetivos previa-se a construção da Centro de Convivência Cultural, realmente efetivada no ano de 1988.

No ano de 1989, na Câmara de Pesquisa e Extensão, surge a iniciativa do Diretor do Centro Cultural, Prof. Demétrio Nazari Verani e da então Coordenadora do Curso de História, Prof^a Eugênia E. Heidmann, para a efetiva instalação de um museu na UNISUL.

TUBARÃO-SC

O Magnífico Reitor da Universidade do Sul de Santa Catarina, Professor Silvestre Heerd, tem a honra de convidar Vossa Excelência, para os atos de inauguração do Museu Walter Zumblick, do dia 30 de novembro de 1995, tendo como local o Centro Cultural da UNISUL.

A partir do Projeto de Estruturação do Museu Universitário, 1991, iniciou-se o processamento museológico dos acervos.

Na tarefa de organização e conservação dos acervos, é de significativa importância salientar o apoio recebido do Centro Tecnológico da UNISUL, na época dirigido pelo Prof. Ismael Pedro Bortoluzzi.

O Museu Universitário Walter Zumblick é hoje um embrião onde a socialização do conhecimento começa a ser gerada para que sua clientela sinta-se como referiu Romeu: “(...) guardiã e criadora, que sabe, enfim, como utilizar o museu e partir para a descoberta de seu passado para moldar o presente e preparar o vestígio na memória dos homens de amanhã”

Prof^a Ruth Vieira Nunes

TUBARÃO-SC

CENTRO MUNICIPAL DE CULTURA

O Centro Municipal de Cultura é fruto do trabalho de entidades de classe, clubes de serviço, Poder Executivo e Legislativo do município, realizando um antigo desejo da comunidade.

A obra é o marco definitivo para resgatar a história, promover e divulgar a arte e a cultura de nossa região.

O edifício possui uma área de 1820 metros quadrados, contempla uma arquitetura moderna e funcional composto das seguintes dependências:

- 1 - Galeria de exposições temporárias;
- 2 - Sala para trabalhos educativos;
- 3 - Ateliê de pintura;
- 4 - Sala de vídeo e projeções;
- 5 - Biblioteca especializada em artes plásticas;
- 6 - Arquivo Histórico Municipal;
- 7 - Biblioteca Pública Municipal;
- 8 - Galeria de exposições permanentes, destinada a abrigar o acervo do artista plástico e pintor Willy Zumblick.



CORRESPONDÊNCIA-São Paulo



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
COMISSÃO DE FOLCLORE

São Paulo, 1 de novembro de 1996

Ilmo. Sr.
Doralécio Soares

Prezado Senhor,

Temos a grata satisfação de informar a recomposição da Comissão de Folclore, uma das 16 Comissões Especializadas que integram o Conselho de Cultura do Estado de São Paulo, órgão consultivo da Secretaria de Estado da Cultura.

A competência de tais nomeações é do Secretário de Cultura, com base nas listas encaminhadas pelas entidades e instituições que atuam com Folclore/Cultura Popular.

Foram nomeados e empossados:

- Dalva Soares Bolognini - Bacharel em Comunicação Social, sócia da Raízes - Assessoria de Cultura Brasileira, com várias pesquisas e trabalhos publicados nas áreas de Arte e Artesanato, Alimentação e Embalagens.

- Hélio Moreira da Silva - Jornalista, editor da revista Globo Ciência, com pesquisas realizadas nos domínios do samba, carnaval, futebol e religiosidade negro-brasileira.

- Eduardo Scalante - Compositor e regente, professor da Unesp. É conhecido o seu trabalho sobre a dança de Santa Cruz na Aldeia de Carapicuíba-SP, editando pela Funarte.

- José Sérgio Rocha C. Gonçalves - Advogado de formação, membro da Associação Brasileira de Folclore, editando, com competência, seu Boletim bimestral.

- Neide Rodrigues Gomes - Musicóloga, doutoranda em Comunicações (ECA-USP), Professora de Folclore da Faculdade Mozarteum, Coordenadora Executiva do Programa de Reevitalização do Centro (Procentro) da Prefeitura do Município de São Paulo, com vários trabalhos realizados nas áreas de música e o aproveitamento do Folclore como estímulo ao Turismo.

- Sérgio de Oliveira Vasconcelos Correia - Compositor e Regente, Professor da Unesp, com vários trabalhos realizados nas áreas de música, especialmente cantigas infantis.

Toninho Macedo - Pós graduando em Comunicações (ECA-USP), Criador e Diretor do Abaçari - Balé Folclórico de São Paulo, com vários trabalhos publicados nas áreas de danças populares, pesca artesanal, Santos Reis e Ecologia Humana.

Em nossa gestão buscaremos estimular o estreitamento de relações entre as várias entidades e pesquisadores com interesse em Folclore/Cultura Popular em São Paulo, cerrando forças em torno do Museu de Folclore, por sua abertura e redimensionamento museográfico. E, sobretudo, que o mesmo possa se transformar, enfim, nosso principal aglutinador de forças e ponto de confluência de várias linhas de pesquisa em São Paulo.

Divulgar, por todas as formas possíveis, as tão pouco conhecidas expressões de Folclore/Cultura Popular encontráveis em São Paulo, será também outra linha mestra de nossa atuação.

Ademais, o intercâmbio permanente com as entidades e instituições do Brasil terá atenção especial. E aqui nos colocamos à sua disposição.

Atenciosamente

Toninho Macedo - Presidente

FLORIANÓPOLIS-SC

O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA

Tem o prazer de convidar V.Exa. para a Sessão Solene de encerramento
do Ano Acadêmico de 1996

Data: 20 de novembro de 1996

Local: Auditório do Palácio Cruz e Sousa

Museu Histórico de Santa Catarina

Praça XV de Novembro - Florianópolis- SC

PROGRAMA

- Discurso alusivo ao Centenário do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, proferido pelo Sócio Emérito, Prof^o Nereu do Vale Pereira.
- Saudação aos sócios admitidos em 1996, pelo Orador do IHGSC, Prof^o Carlos Alberto Silveira Lenzi.
- Entrega dos diplomas aos novos sócios.
- Palavras de agradecimento em nome dos novos sócios.
- Encerramento da sessão.

FLORIANÓPOLIS-SC

Editora Mercado Aberto, Editora da Universidade Federal de São Carlos e Back - Serviços Especializados, têm o prazer de convidar V. S^a para o ato de lançamento do livro **“SORRISOS MEIO SACANAS”**, do jornalista Sérgio da Costa Ramos, a realizar-se no dia 27 de novembro, na Galeria de Arte da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina.



“Sérgio da Costa Ramos ultrapassou a província, dando uma dimensão universal à sua temática - que tanto pode ter o sotaque romântico dos melhores textos do Velho Braga, como o humor desconcertante e imprevisível de Luís Fernando Veríssimo”.

Fernando Sabino

“A leitura de Sérgio da Costa Ramos deve vir sempre acompanhada deste assombro a mais: tudo foi escrito de um dia para outro. As crônicas foram salvas do destino natural da sua espécie - estão em livro porque merecem esta eternidade”.

Luís Fernando Veríssimo

FLORIANÓPOLIS-SC

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina tem a satisfação de convidar V. S^a e Exma. Família, para o lançamento do livro

TELEVISÃO E NEGÓCIO - a RBS EM SANTA CATARINA

de Dulce Maria Cruz.

Publicado em co-edição com a Editora da FURB.

Dia 11 de outubro de 1996

Galeria de Arte da UFSC

Centro de Convivência.

Tendo por objetivo analisar as múltiplas e bem sucedidas estratégias de implantação da gaúcha Rede Brasil Sul, a RBS, no Estado de Santa Catarina, este trabalho de Dulce Cruz vem, na verdade, preencher uma lacuna existente na pesquisa sobre os meios de comunicação de massa no Brasil: a temática da televisão regional, da televisão que se faz fora do eixo Rio-São Paulo. “Network de bombachas”, como chama a autora no subtítulo bem-humorado de um dos capítulos, a RBS, sob o comando do grupo Sirotsky, tornou-se não apenas a mais importante empresa na área de comunicação do Sul, mas uma das mais importantes do país. Como isto foi possível? Esta questão está em parte respondida neste livro.

Tamara Benakouche

FLORIANÓPOLIS-SC

A ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS tem o prazer de convidá-lo, e à Excelentíssima Família, para o lançamento dos livros n.ºs. 7, 8 e 9 da Coleção ACL:

ACL 7 - HOLDEMAR DE MENEZES, PERSONAGENS E REFLEXÕES,
de Júlio Basadona Dutra

**ACL 8 - LIÇÕES DE POLÍTICA E CULTURA: A ACADEMIA
CATARINENSE DE LETRAS, SUA CRIAÇÃO E
RELAÇÕES COM O PODER**, de Carlos Humberto P. Corrêa

ACL 9 - AS PERMUTAS E OUTROS CONTOS, de Júlio de Queiroz

Local: Palácio Cruz e Sousa

Data: 18 de julho de 1996.

Fazer bons livros é ainda uma excelente maneira de tornar o mundo melhor. Acreditamos nesta causa e a ela nos dedicamos de corpo e alma. Todos os dias, são muitas as dificuldades e os desafios a serem vencidos. Com perseverança, porém, ultrapassamos obstáculos e atingimos novos patamares de realização. Mas isto somente é possível porque não estamos sós. Felizmente, temos VOCÊ ao nosso lado!

Obrigado pela compreensão, pelo apoio, pela parceria. Um bom Natal e Feliz 1997!.

Direção e Funcionários da Editora da UFSC
Dezembro de 1996

SÃO PAULO-SP

CONVITE

AFUNDAÇÃO CULTURAL CASSIANO RICARDO, convida para a
abertura da

I MOSTRA DE TECELAGEM E TAPEÇARIA

22 de novembro de 1996 - às 20h30min

Local: Centro Cultural Clemente Gomes - Espaço Institucional
(Av. Sebastião Gualberto, 545 - Vila Maria)

Fiação
História do Tear
A Arte da Tecelagem Parahyba
Tear no Mundo
Lendas, Mitos, Contos - o Tear no Imaginário da Criança
Tear Manual - Projeto Arte nos Bairros - ACD
Mostra de Tapeçaria Artística.

Apresentação do violonista Eduardo Agni
lançando seu CD KRONOS

Período de visitação: de 22 de novembro a 15 de dezembro de 1996
de quinta a domingo.

FLORIANÓPOLIS-SC

O Presidente da Academia Catarinense de Letras, Dr. Paschoal Apóstolo Pítsica, o Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Prof^o Osvaldo Ferreira de Melo, o Presidente da Associação Catarinense de Imprensa - Casa do Jornalista, Dr. Cyro Barreto e o Tribunal de Contas do Estado, convidam V. S^a para o coquetel de lançamento do livro **“Uma Viagem a Hessen - A Função dos Tribunais de Contas. As Realidades no Brasil e na Alemanha”**, de autoria do Conselheiro Salomão Ribas Júnior.

Dia 12 de dezembro de 1996
Local: Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina
Rua Bulcão Viana, 90 - Florianópolis-SC
(Direitos autorais doados a obras sociais de apoio à criança)

FLORIANÓPOLIS-SC

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO
EDITORA DA UFSC

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina e a Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense, têm a satisfação de convidar V.
S^a e Exma. Família, para o lançamento do livro

CENÁRIOS PARA O SÉCULO XXI
Seminário da AMESC - 15 anos.

Dia 10 de dezembro de 1996, terça-feira
Auditório do Centro Sócio Econômico
Campus Universitário

FLORIANÓPOLIS-SC

O Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis - SINERGIA, tem a satisfação de convidar para o lançamento do livro CONTO POESIA, dos autores selecionados no 2º Concurso Literário:

Alessandro Soares, Ana Paula Rupp Hamms, Ari Martendal, Cláudio Schuster, Davi de Souza, Douglas Maurício Zunino, Eduard Marquardt, Elton Antônio Licks, Fabíola Rodrigues Ferreira, Giselle Silva Machado, Irineu Voigtlaender, Iur Gomez, Jean Renê Raupp, Jorge Esteves da Silva, José Vitro Centeno Rodrigues, Lino Fernando Bragança Peres, Lúcia Maria da Câmara Diniz Gonçalves, Luciene Fontão Pires, Luís Sérgio de Oliveira Lopes, Luiz Alberto Corrêa, Luiz Césare Vieira, Luiz Eurico Junqueira Coli, Luiz Jairo Branco Machado, Maria Salette Daros de Souza, Marcelo Alves, Mara Lúcia Bauer Moritz, Maria Elisa Bohn Veppo, Miguel Russowsky, Nadir Ferrari, Nedi Terezinha Locatelli, Oldemar Olsen Júnior, Oscar Joseph de Plácido e Silva Lima, Rubens da Cunha, Silvério Ribeiro da Costa, Valdemir Klamt, Vilson Antunes Ferreira, Walmor Alves Pereira e Zenilda Nunes Lins.

Data: 27 de Setembro de 1996
Local: Palácio Cruz e Sousa - Centro de Florianópolis
Haverá apresentação musical

FLORIANÓPOLIS-SC

CONVITE

O Governador do Estado de Santa Catarina, Paulo Afonso Vieira, e o Diretor Geral da Fundação Catarinense de Cultura, Paulo Roberto Arenhart, têm o prazer de convidar Vossa Excelência para a cerimônia de entrega dos prêmios do Concurso Cruz e Souza de Literatura, II Concurso Nacional de Dramaturgia Álvaro de Carvalho e I Concurso Estadual de Monografia Oswaldo Rodrigues Cabral, dia 16 de dezembro, no Palácio Cruz e Souza, em Florianópolis.

FLORIANÓPOLIS-SC

CONVITE

A Editora Garapuvu tem o prazer de convidar V.S.^a para o lançamento do livro

OS DEZ MANDAMENTOS

segundo:

Adolfo Boos Júnior
Flávio José Cardozo
Francisco José Pereira
Hamilton Alves
Hoyêdo G. Lins
Iaponan Soares
Pércles Prade
Mário G. Costa
Salim Miguel
Silveira de Souza

Data: 05 de novembro/96

Local: Palácio Cruz e Sousa.

FLORIANÓPOLIS-SC

PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS - FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES, convida para os lançamentos das monografias NA CAUDA DO BOITATÁ, de Eloísa Espada (vencedora do Prêmio Franklin Cascaes de Literatura); A PRESENÇA DO NEGRO NAS ESCULTURAS DE FRANKLIN CASCAES, de Patrícia de Freitas em co-edição com MinC/IPHAN/SC.

Museu Cruz e Souza - 18 de Dezembro.

JATAI - GOIÁS

O Prefeito Municipal, Nelson Antônio da Silva, através da Secretaria de Cultura e Museu de Arte Contemporânea, CONVIDA para o lançamento do livro

DE CORPO E ALMA

de Sônia Maria Gonçalves do Nascimento
A Exposição do Acervo do MAC

20 de dezembro de 1996
No Museu de Arte Contemporânea

PERNAMBUCO-PE

CARNAVAL PERNAMBUCANO **SÉRGIO BIRUKOFF**

A FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, através do seu Instituto de Documentação, tem o prazer de convidar Vossa Senhoria e Família, para

a exposição de pinturas, intitulada **CARNAVAL PERNAMBUCANO**, do artista plástico suíço, Sérgio Birukoff, conforme programa abaixo:

Local: Galeria Baobá, da Fundação Joaquim Nabuco
Av. Dezesete de Agosto, 2187-Casa Forte-Recife-PE

SÉRGIO BIRUKOFF, NOS CAMINHOS DO CORAÇÃO

Sérgio é um brasileiro que nasceu na Suíça. Um desses que você encontra nas ladeiras de Olinda, completamente apaixonado pelo mar, esquinas, casario e, principalmente, pela gente daqui: habitantes cotidianos e cósmicos que escrevem na paisagem de Pernambuco histórias de para sempre.

Acho que ele pinta as coisas que mais gosta: mulheres, frutas, bichos, dança, música. É confessional. Em suas telas tudo é movimento e nessa fase mais recente, abre intencionalmente as cores para exprimir a cultura popular. Impactante. E aí estão lavadeiras, pescadores, ambulantes e o carnaval de rua, sua temática preferida.

Desde 87 divide seu olhar entre Zurique e Olinda, uma cidade onde, segundo ele, pode aprender a liberdade do coração, fixando nas telas os instantes capturados nos caminhos do Brasil.

Cláudia Ferrari

MINAS GERAIS



ARUANDA

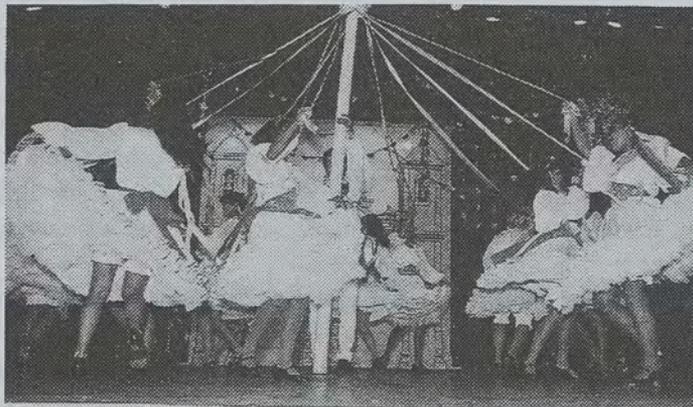
Cia. de Danças Folclóricas

HISTÓRICO DO GRUPO ARUANDA

O GRUPO ARUANDA é uma entidade de caráter cultural, sem fins lucrativos, cujo objetivo principal é a pesquisa e divulgação das danças

e folguedos populares em suas várias formas de manifestação, através da projeção e aproveitamento dos elementos e fatos folclóricos.

Fundado pelo Professor Paulo César Valle em 1961, o Grupo adquiriu personalidade jurídica em 1967.



“Povo sem Folclore, é povo sem alma”

Paulo César Valle

O nome “ARUANDA”, tem sua origem no refrão de uma música popular cantada no Maracatu, mas a palavra já está incorporada ao vocabulário brasileiro, pois está ligada às tradições africanas e às raízes negras do nosso povo e quer dizer: Terra de Luz, Terra de Paz, Mansão dos Bem-Aventurados.

O ARUANDA excursiona por todo o Brasil e exterior, mostrando a dança e a música folclórica como forma de preservar as raízes culturais do povo brasileiro. tornou-se um elo de ligação entre a cultura popular e as camadas eruditas.

Foi Agraciado pelo Governo do Estado de Minas Gerais com as medalhas da Inconfidência e de Santos Dumont, no grau de Insígnia.

São 50 os integrantes do ARUANDA, entre bailarinos e músicos.

O Corpo de Baile é totalmente composto por estudantes ou graduados em curso superior das mais diversas áreas.

RECORDANDO O PASSADO JORNALISTAS CATARINENSES VIERAM CONHECER PETRÓLIO BAHIANO - 1965



Uma turma de jornalistas catarinenses veio à Bahia conhecer o petróleo e os trabalhos que a Petrobrás vem desenvolvendo no recôncavo. Demoraram-se os confrades dois dias em visita à Refinaria de Mataripe e aos poços do “ouro negro” de Candeiras e D. João.

Ontem estiveram n’ “A Tarde”, ocasião em que transmitiram à reportagem as suas impressões sobre o que viram, pela primeira vez: petróleo jorrando do solo brasileiro e se transformando nos sub-produtos tão indispensáveis ao impulsionamento do progresso moderno. Surpreenderam-se, sobretudo, com os poços (42 até o momento) sobre água (Baía de D. João). Viram a realidade do nosso petróleo e - disseram - vão retornar ainda mais seguros do futuro econômico do Brasil.

A maioria é de opinião de que o regime paraestatal adotado no país para a exploração e industrialização do “ouro negro” nacional, atende perfeitamente aos nossos desígnios.

A delegação de jornalistas catarinenses, presidida pelo confrade Doralécio Soares, e que hoje regressou ao seu Estado, estava assim constituída: A. Seixas Neto, Honorato Tomelin, Antônio Edu Vieira, Frei Efen Hzorrehk, Dakir Polidoro, Pedro Ditrich, Francisco José Pereira e Carminatti Jr.

FELIZ NATAL



Lula Gonzaga. Recife 79

IMPRESSO
NAS OFICINAS GRÁFICAS DA



IOESC

IMPrensa OFICIAL DO ESTADO
DE SANTA CATARINA

Florianópolis
75247

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Nomes / Endereços

- Doralécio Soares (Presidente) - R. Júlio Moura, 146 - 1º andar - 88020-150
Myriam Conceição Beltrão de Carvalho (Secretária) R. Adolfo Melo, 37 - 1º andar
Theobaldo Costa Jamundá - Artur Grahl, 478 - Velha - Blumenau - SC - 89046-120
Walter Fernando Piazza - R. Frei Evaristo, 109
Osvaldo Ferreira de Melo - R. Joaquim Costa, 11
Carlos Alberto Angioletti Vieira - R. Profª Otília Cruz, 365
Nereu do Vale Pereira - Av. Hercílio Luz - 1199 - Edif. Costa do Marfim Ap. 702 - CEP 88020-001
Gelsí José Coelho - Museu de Antropologia, UFSC
Lélia Pereira da Silva Nunes - R. Frei Caneca, 564 - 88025-000 Ap. 1006-A
Paschoal Apóstolo Pítsica - R. Duarte Schutel, 41
Sônia Maria Copp da Costa - São Francisco do Sul
Sílvia Maria Günther - Joinville - SC

Colaboradores:

- Flávio José Cardozo - Florianópolis - SC
Laura Dela Monica - São Paulo - SP
Saul Martins - Belo Horizonte - MG
Ático Vilas Boas - Goiânia - GO
Mário Souto Maior - Recife - PE
Aleixo Leite Filho - Caruaru - PE
Ana Maria Amaro - Cascais - Portugal
Maria do Rosário Tavares de Lima - SP
Maria Alieta das Dores Galhoz - Portugal

Isabela Salum Fett
Biblioteca Pública do Estado
Rua Tenente Silveira, 69
88010-300 - Florianópolis/SC

Doação 12/07/98

PATROCÍNIO

BESC *Clube*

SEGUROS

A Segurança da Nossa Gente.



GOVERNO DE
SANTA CATARINA